

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA
DOUTORADO EM GERONTOLOGIA E BIOMÉDICA**

ÉVERTON MASSAIA

**A CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO
DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS**

Porto Alegre

2005

ÉVERTON MASSAIA

**A CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO
DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS**

Tese de Doutorado em Gerontologia Biomédica Programa
de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica, Instituto de
Geriatria e Gerontologia Biomédica, Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza

Co-orientadora: Prof^ª. Dra. Lara Regina Moralles Espinosa

Porto Alegre

2005

ÉVERTON MASSAIA

**A CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO
DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS**

Tese de Doutorado apresentada como requisito de obtenção do grau de Doutor em Gerontologia Biomédica, pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

BANCA EXAMINADORA

Dra. Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza;

Dra. Adriane Ribeiro Teixeira;

Dra. Maria Beatriz Rahde;

Dr. Emílio Antonio Jeckel Neto.

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, Osvaldo e Eni, e à minha sobrinha
Giovanna – duas pontas da vida onde eu me equilibro.*

AGRADECIMENTOS

À Prof^ª. Dr^ª. Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza, por acolher minha idéia e apresnetar-me “Edgar Morin”

À Prof^ª. Dr^ª. Lara Regina Moralles Espinosa pela atenção e contribuição essenciais no desenvolvimento deste trabalho

Ao Anderson Jackle Ferreira por sua generosidade e amizade

À Suzana Vetorazzi, Patrícia Estivalet, Maria Bernadete Martins, Adriana Kessler, Ane Margarites, Cássia da Costa e Cristiane Saraiva por estarem do meu lado nesta trajetória

À minha irmã Silvana, por cuidar de mim principalmente na reta final deste trabalho

Aos meus fiéis amigos Beto (Robertson), Tati (Tatiana), Luiz Fernando e Andréa, braços abertos e falas serenas em tosos os momentos

Ao Silvio Vilali Júnior, a luz que sempre acende quando os túneis que percorro ficam escuros demais

Ao Christian Carrera e ao Luciano Chaves por suas gentis colaborações

Aos idosos que me confiaram suas histórias de vida

Aos administradores da instituição de idosos onde atuo pelo apoio e pela compreensão

À CAPES pelo auxílio recebido e que viabilizou a realização do curso de Doutorado em Gerontologia Biomédica

Ao Centro Universitário FEEVALE pelo apoio e incentivo a esta formação

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo propor pontos de referência para a compreensão dos temas que permearam as construções das concepções de envelhecimento concomitante à identificação de características do contexto de vida de idosos institucionalizados, análise da concepção de envelhecimento desses idosos e as convergências e divergências entre estas concepções. O estudo desenvolvido numa abordagem qualitativa, de natureza dialógica, teve como participantes nove idosos de duas instituições geriátricas da cidade de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, sendo cinco idosos da instituição A e quatro idosos da instituição B. A coleta de dados foi realizada a partir da história de vida dos participantes, utilizando-se entrevistas narrativas para estimular os entrevistados a contarem suas histórias. Uma adaptação da proposta de Schütze foi usada para análise das histórias de vida. Autores como Becker, Bauer, Gaskell e Morin orientaram a metodologia, assim como Morin, Stuart-Hamilton e Néri auxiliaram a fundamentar a discussão. As histórias foram divididas em unidades contextuais, identificando-se os temas família, procriação, relacionamentos afetivos, trabalho, religião, sabedoria, limitações, viuvez e morte, solidão e institucionalização o que permitiu identificar dimensões emergentes. As dimensões identificadas foram a psicossocial, a biológica e a étnica-cultural nas concepções de envelhecimento dos idosos da instituição A e a psicossocial, a biológica e a cultural nas concepções de envelhecimento dos idosos da instituição B. Os objetivos do estudo foram alcançados, permitindo confirmar a Tese norteadora da pesquisa uma vez que emergiu a dimensão étnica-cultural evidenciada pela história social dos idosos da instituição A, não emergindo na instituição B. Foi possível, assim, apresentar pontos de referência para discussão de uma educação gerontológica, baseada nas idéias de Morin voltada para as demandas futuras.

Palavras-chaves:

Concepção, envelhecimento, instituição, cultura.

ABSTRACT

This research aims at presenting references that enable the understanding of the themes that surround the aging process concept-building in parallel to the identification of the characteristics on the life context of institutionalized elderly people, to the analysis of the aging process concepts of these people and to the similarities and differences among such concepts. This study was developed in a qualitative approach based on the analysis of the registered dialogues of nine elders from two different gerontology homes in the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul state, Brazil (five elders from institution A and four from institution B as referred in the present study). Data were collected from the life stories of each participant by means of narrative interviews used in order to stimulate the interviewees to disclose their stories. An adaptation of Schütse's proposition was used to analyze their life stories. Theories such as Becker's, Bauer's, Gaskell's and Morin's guided the methodology, as much as Morin's, Stuart-Hamilton's and Néri's helped to scaffold the discussion. The stories were divided in contextual unities; subjects such as family, procreation, relationships, work, religion, wisdom, limitations, widowing and death, loneliness and institutionalization were identified in order to allow the identification of emerging dimensions. The identified dimensions were the psychosocial, biological and ethnic-cultural ones in the institution A elder's aging process conceptions and the psychosocial, biological and cultural ones in the institution B elder's aging process conceptions. The study's purposes were reached; it was possible to confirm the research's core thesis since the ethnic-cultural dimension from the institution A elders emerged while the same phenomenon did not occur in institution B elders. Thus, it was possible to display references to the discussion of a gerontological education towards the future needs based on Morin's ideas.

Key words: Conception, institutionalized elderly, life stories.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – “Reorganizações genéticas” da construção do Paradigma do Pensamento Complexo de Edgar Morin	27
Quadro 2 – Unidades contextuais e Unidades e Significantes (entrevistada 1).....	48
Quadro 3 – Unidades contextuais e Unidades e Significantes (entrevistado 2).....	52
Quadro 4 – Unidades contextuais e Unidades e Significantes (entrevistado 3).....	56
Quadro 5 – Unidades contextuais e Unidades e Significantes (entrevistado 4).....	62
Quadro 6 – Unidades contextuais e Unidades e Significantes (entrevistado 5).....	66
Quadro 7 – Unidades contextuais e Unidades e Significantes (entrevistado 6).....	69
Quadro 8 – Unidades contextuais e Unidades e Significantes (entrevistado 7).....	73
Quadro 9 – Unidades contextuais e Unidades e Significantes (entrevistado 8).....	77
Quadro 10 – Unidades contextuais e Unidades e Significantes (entrevistado 9).....	81
Quadro 11 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento da entrevistada 1	128
Quadro 12 – Concepção de envelhecimento da entrevistada 1	129
Quadro 13 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento do entrevistado 2..	130

Quadro 14 – Conceção de envelhecimento do entrevistado 2..	131
Quadro 15 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento da entrevistada 3.....	132
Quadro 16 – Conceção de envelhecimento da entrevistada 3.....	133
Quadro 17 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento da entrevistada 4.....	134
Quadro 18 – Conceção de envelhecimento da entrevistada 4.....	135
Quadro 19 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento do entrevistado 5	136
Quadro 20 – Conceção de envelhecimento do entrevistado 5	137
Quadro 21 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento da entrevistada 6.....	138
Quadro 22 – Conceção de envelhecimento da entrevistada 6.....	139
Quadro 23 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento da entrevistada 7.....	140
Quadro 24 – Conceção de envelhecimento da entrevistada 7.....	141
Quadro 25 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento do entrevistado 8	142
Quadro 26 – Conceção de envelhecimento do entrevistado 8	143
Quadro 27 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento da entrevistada 9.....	144
Quadro 28 – Conceção de envelhecimento da entrevistada 9.....	145

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização dos idosos participantes da pesquisa.....	38
Tabela 2 – Dimensões emergentes das concepções de envelhecimento.....	146

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 AS INTENÇÕES DO ESTUDO E SUA JUSTIFICATIVA	17
1.1 O interesse pelo tema.....	17
1.2 Intenções do estudo.	20
1.3 Tese e sua problematização	21
2 FUNDAMENTOS DO PARADIGMA DO PENSAMENTO COMPLEXO QUE ORIENTAM A ANÁLISE DA REALIDADE INVESTIGADA.	22
2.1 Considerações iniciais sobre a construção do paradigma.....	22
2.2 As reorganizações genéticas do pensamento do autor	26
3 METODOLOGIA	36
3.1 Caracterização do estudo, universo e participante.....	36
3.2 Coleta e análise dos dados.	38
4 HISTÓRIAS DE VIDA E SEUS SIGNIFICANTES	43
4.1 Histórias de vida e sínteses progressivas.....	44
4.1.1 Entrevistada 1 – instituição A.....	44
4.1.2 Entrevistado 2 – instituição A	49
4.1.3 Entrevistada 3 – instituição A.....	52
4.1.4 Entrevistada 4 – instituição A.....	56
4.1.5 Entrevistado 5 – instituição A	62
4.1.6 Entrevistada 6 – instituição B.....	66
4.1.7 Entrevistada 7 – instituição B.....	69
4.1.8 Entrevistado 8 – instituição B.....	73
4.1.9 Entrevistada 9 – instituição B.....	77

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS TEMAS EMERGENTES	81
5.1 Família.....	81
5.2 Procriação.....	87
5.3 Relacionamentos afetivos.....	90
5.4 Trabalho e aposentadoria.....	95
5.5 Sabedoria.....	99
5.6 Religião.....	101
5.7 Limitações.....	105
5.8 Viuvez e morte.....	112
5.9 Solidão.....	117
5.10 Institucionalização.....	121
6 PANOS DE FUNDO, DIMENSÕES EMERGENTES E TEORIAS DO ENVELHECIMENTO	126
6.1 Panos de fundo.....	126
6.2 Dimensões e temas emergentes.....	147
6.2.1 Dimensão Psicossocial.....	147
6.2.2 Dimensão Biológica.....	151
6.2.3 Dimensão Cultural.....	153
6.2.4 Dimensão Étnica-cultural.....	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
Pontos de referência para uma educação gerontológica.....	166
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	171

INTRODUÇÃO

Fatores como os avanços da Medicina e a melhoria nas condições de infra-estrutura das cidades têm sido citados como responsáveis pelo maior número de idosos vivos, hoje, no mundo.

A constatação de que o número de velhos tem aumentado com o passar dos anos remete a reflexões acerca do envelhecimento social da população que traz modificações no velho e no seu relacionamento com outras pessoas. Como fatores causais deste fenômeno pode-se citar a crise de identidade, a mudança de papéis sociais, a aposentadoria como afastamento do convívio profissional, além de perdas diversas e diminuição dos contatos sociais. O impacto do envelhecimento ocorre para o indivíduo e para a sociedade porque a maioria das pessoas não se prepara para envelhecer, pelo menos em nosso país. Assim como a sociedade ainda não está preparada para enfrentá-lo, o indivíduo encontra-se despreparado para este processo. Ambos, sociedade e indivíduo, não têm compreensão, ainda, para as transformações reais que este fenômeno exige do pensamento e das ações públicas e individuais.

Do nascimento a alguns anos de vida, a pessoa não se percebe crescendo, tanto físico quanto psiquicamente, adquirindo novos comportamentos, linguagem mais elaborada e constituindo, assim, suas concepções sobre os fenômenos que observa. Num determinado momento da infância percebe pais, tios e outros numa altura diferente da sua, um rosto com traços diferentes do seu. Nos encontros religiosos, na escola ou em casa nas situações de perda de entes queridos começa a ouvir sobre a morte. Conhece o que parece ser a simplicidade/complexidade da vida: nascer, crescer, reproduzir, evoluir, morrer.

Idosos que convivem em grupos sociais distintos, interessados em manter sua história relatando suas experiências e vivências, têm oportunidade de expressar em suas histórias de vida a concepção do mundo que tem norteado suas existências. E nesta concepção encontra-se implícita a sua concepção de envelhecimento.

A História Oral vem constituindo no mundo da pesquisa um importante recurso para coleta de dados em diversos contextos. Neste caso, exerce papel relevante na compreensão da concepção do idoso, de suas ações e sentimentos. Através dela, elementos culturais, sociais e individuais, transparecem ou não. As etnicidade de um grupo também estão presentes na construção destas concepções de envelhecimento.

As similaridades existem em grupos étnicos diferentes. No Brasil, país misto, heterogêneo, etnia se constrói, se constitui com e a partir de várias etnias. Isto leva os indivíduos a comporem uma identidade que comporta todas as influências disponíveis e, também, identidades disponibilizadas influenciaram outras formações de identidade¹.

A pesquisa que se segue enfoca a concepção de envelhecimento de idosos institucionalizados residentes em duas instituições de Porto Alegre. Através do exame de suas histórias de vida foram identificadas dimensões que integram sua concepção de envelhecimento e foi observada a forma de como se dá, pelos sujeitos desses grupos, a construção desta concepção. O estudo foi realizado numa abordagem de pesquisa qualitativa, de natureza dialógica, utilizando-se principalmente o autor Edgar Morin.

O capítulo 1 demonstra como nasceu o interesse pelo tema, que curiosidades e dúvidas surgiram no convívio com os idosos residentes na instituição atendida pelo autor. A intenção do estudo também é abordada neste capítulo de maneira que se possa compreender a construção da pesquisa, sua idéia e seus objetivos gerais e específicos. Os grupos de idosos e suas características são apresentados, viabilizando a problematização e a tese a ser confirmada.

Sendo este trabalho de natureza dialógica e o autor Edgar Morin tomado como principal interlocutor, fez-se necessário abordar os fundamentos do Paradigma do Pensamento Complexo, a fim de que se pudesse entender a construção do pensamento deste autor na elaboração do Paradigma. O capítulo 2 trata do percurso teórico de Morin ao encontro da complexidade, as reorganizações de seu pensamento, os princípios do Pensamento Complexo e as noções de indivíduo e de sujeito, de cultura e de sociedade, fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

O capítulo 3 traz a descrição de cada uma das instituições e a caracterização dos idosos participantes. A coleta e análise de dados é descrita detalhadamente, explicando as decisões de pesquisa e o apoio dos autores que orientaram a metodologia. Neste capítulo se

esclarece por que foram escolhidas entrevistas narrativas, a importância das histórias de vida para esta pesquisa e a forma como foram analisadas.

O capítulo 4 contém as histórias de vida, uma a uma, transcritas com fidelidade à fala do entrevistado, a fim de que o leitor possa informar-se o máximo possível sobre cada entrevistado. Um quadro síntese de cada uma das histórias de vida é apresentado ao final da transcrição de cada entrevista. Esta Síntese foi realizada com base em quatro Unidades Contextuais (infância, adolescência, vida adulta e velhice) que comportam unidades significantes para a compreensão da concepção de envelhecimento.

No capítulo 5 é desenvolvida uma discussão sobre temas que emergem da Síntese, buscando-se fundamentá-los com autores atuais e usando falas dos entrevistados para apoiar a argumentação. Neste capítulo são discutidos os temas família, procriação, relacionamentos afetivos, trabalho e aposentadoria, sabedoria, religião, limitações, viuvez e morte, solidão e institucionalização.

Para tornar visíveis as concepções de envelhecimento adotou-se o recurso chamado pano de fundo para elaborar meta pontos de vista. O capítulo 6 apresenta este recurso. Os panos de fundo foram construídos a partir da leitura e análise das histórias de vida. Através deles foi possível visualizar a forma complexa da construção da concepção de envelhecimento dos idosos da pesquisa. São mostrados dois panos de fundo, sendo o primeiro originado das concepções de envelhecimento na construção do próprio idoso e o segundo configurado conforme o olhar do pesquisador. Também neste capítulo são elaboradas, apresentadas e

discutidas as dimensões emergentes: psicossocial, biológica, étnico-cultural e cultural dos sujeitos entrevistados.

Após o capítulo 6, são feitas considerações finais com a contextualização histórica e sócio-cultural dos idosos. São apresentadas as conclusões embasadas em crítica sócio-cultural baseada na pesquisa e propostos pontos de referência para uma educação gerontológica.

1 AS INTENÇÕES DO ESTUDO E SUA JUSTIFICATIVA

1.1 O interesse pelo tema

O interesse pelo tema da pesquisa nasceu da experiência vivida, desde 1994, como fisioterapeuta, atuando com idosos numa instituição em Porto Alegre e em atendimentos domiciliares.

Nas observações feitas no decorrer dos meses, o vínculo dos idosos com a Seção de Fisioterapia se tornava mais estreito à medida dos encontros. Esse é um fato relevante, uma vez que a Divisão de Saúde da instituição é composta de profissionais da saúde de diversas áreas.

Observando as rotinas de vida dos idosos institucionalizados e dos idosos que residem em suas casas próprias, pode-se perceber diferenças nas suas relações com a velhice. Os idosos institucionalizados ocupam parte de seu atendimento “conversando” sobre suas Histórias de Vida, sentindo-se estimulados a narrar suas vivências por estarem um tempo mais longo com alguém que lhes é ouvinte. Nesses e em outros momentos resgatam o seu passado com suas alegrias ou suas dores, referindo-se a sua casa como um local fora da instituição. O tempo de convívio fez despertar o interesse em entender como se dá a construção da concepção de envelhecimento desses idosos que se institucionalizam ou são institucionalizados.

Não foram poucas as vezes em que a emoção se fez presente nos encontros. Entretanto, como os fisioterapeutas encontram os residentes de uma a sete vezes por semana, a cada novo encontro novas ou repetidas histórias preenchiam de passado e de presente aquele Serviço. Quase todas estas histórias falam de esposos, esposas, filhos, irmãos, pais, mães e amigos e de saudades. O futuro para a maioria daqueles idosos parecia ser a expectativa da morte. Com a morte a possibilidade de reencontrar pessoas queridas que já morreram, de descansar da vida dura, de fugir desta vida.

Quanto mais se estreitavam os laços, maior era a intimidade e os fatos contados mostravam belas, tristes, intensas ou compassadas vidas. Assim, foi se transformando o afeto, o carinho, o trabalho num sentimento de valorização e respeito.

Esta experiência vivida no exercício da profissão de fisioterapeuta ampliou o interesse e a curiosidade em entender o assunto em profundidade. Inúmeras questões surgiram e não eram respondidas por livros, cadernos ou textos. O que os idosos pensam sobre o envelhecimento? Qual passagem da história social pode ter refletido mais intensamente no seu envelhecimento? E que passagem de sua própria trajetória pode ter contribuído mais intensamente para a construção de sua concepção de envelhecimento?

Todavia, se pensarmos que a vida começa no ventre de uma mulher, um ser e daí o aleitamento, o colo, o afago, o consolo para que a vida comece bem, não seria necessário de novo manter este cuidado na velhice para que a vida, então, termine bem ou comece bem na eternidade? Será que lembrar a solidão da finitude não requer o colo, o abraço, o afago já que as exigências da vida distanciam disso?

A instituição A, a que pertencem 5 dos idosos participantes deste estudo, é composta por idosos com identidade sócio-cultural específica, que viveu intensamente momentos dramáticos na história da humanidade. Um estudo sobre concepções de envelhecimento com tal grupo traz implícito, provavelmente, a etnicidade como elemento construtor. Por mais que tenham sofrido a influência dos costumes brasileiros, são portadores de uma história de vida com traços desta influência nas construções de suas concepções de envelhecimento.

Ao decidir realizar a observação para a pesquisa nesta instituição surgiu o interesse também em escolher uma outra instituição (instituição B) com institucionalizados que nasceram e viveram/vivem no Rio Grande do Sul, buscando-se um comparativo entre as dimensões emergentes das concepções de envelhecimento.

1.2 Intenção do estudo

O objetivo geral da pesquisa foi propor, a partir de Histórias de Vida de idosos institucionalizados, pontos de referência para uma melhor compreensão dos temas que permearam a construção das concepções de envelhecimento.

O estudo teve como objetivos específicos:

- identificar características do contexto de vida (panos de fundo) de idosos institucionalizados, para uma melhor compreensão de como construíram suas concepções de envelhecimento;
- analisar a concepção de envelhecimento dos idosos institucionalizados, buscando elementos (temas) que possibilitem identificar as dimensões emergentes;

- analisar as convergências e divergências entre as concepções de envelhecimento dos idosos pertencentes a duas instituições geriátricas de Porto Alegre, mas que se diferenciam pelo fato de um dos grupos de idosos pertencerem a uma origem étnica que cultivava fortemente suas tradições.

Os idosos pertencentes à instituição A são filhos de imigrantes judeus chegados ao Brasil no início do século passado, nasceram neste país ou migraram durante a infância ou a adolescência, passando pela experiência de se integrar a um novo contexto cultural. Entre as dificuldades encontram-se aquelas relacionadas à língua do país de acolhida, os costumes e as características culturais de influência européia, asiática e latina. Muhawenima² afirma que há um processo de integração geralmente longo para os imigrantes. As maneiras de pensar, sentir e agir trazem como decorrência o sentimento de estarem perdidos. A este desafio acrescenta o fato de que estes imigrantes precisaram harmonizar sua vida pessoal, familiar e social com os valores veiculados na sociedade de acolhida, inclusive a língua.

Os idosos pertencentes à instituição B são filhos de brasileiros que nasceram e viveram no interior no estado do Rio Grande do Sul. Conviveram com a língua portuguesa, têm costumes e características desta região do estado e atitudes a partir de valores implícitos à realidade de convivência.

Nesse sentido, o presente estudo assume uma dimensão inédita ao pretender comparar as dimensões que integram as concepções de envelhecimento, partindo das histórias de vida de idosos institucionalizados com o contexto cultural encontrado na instituição A e as de idosos com a cultura local presente nos idosos da instituição B.

1.3 Tese e sua problematização

Pela observação de idosos institucionalizados faz-se a compreensão de que os laços familiares e afetivos têm papel fundamental na percepção que o idoso tem de si. Por exemplo, aquele que recebe visita constante da família, que se relaciona bem com os demais idosos, que recebe amigos parece viver com menos sofrimento a sua velhice.

Dentro de uma perspectiva ontogenética, o indivíduo constrói também egocentricamente, sua individualização fora do contexto e do social³. O indivíduo adquire autonomia, embora dependente de vários fatores que o cercam, mas com capacidade de fazer suas próprias elaborações⁴.

Nesta perspectiva, o estudo pretendeu a confirmação da seguinte tese: os idosos que vivem em instituições diferenciadas culturalmente apresentam características dessa cultura nas dimensões emergentes das concepções de envelhecimento.

Neste estudo entende-se concepção como configuração original, constituindo matriz para construções, combinando a aptidão para formar imagens mentais com aptidão para produzir imagens materiais⁵. Assim sendo, é possível que o fenômeno do envelhecimento seja concebido em função de princípios/regras, teorias, idéias, noções, palavras, mitos, discursos e a partir de estratégias cognitivas, pois o conhecimento organiza em representações (percepções, memórias) as informações recebidas e dados disponíveis, produzindo os discursos, as idéias, as teorias, os mitos⁶. É um fenômeno complexo pela interdimensionalidade que lhe é característica.

A partir da consciência da complexidade deste fenômeno, apresenta-se no próximo capítulo os fundamentos do Paradigma do Pensamento Complexo, que transpassam a metodologia e a discussão da realidade.

2 FUNDAMENTOS DO PARADIGMA DO PENSAMENTO COMPLEXO QUE ORIENTAM A ANÁLISE DA REALIDADE INVESTIGADA

2.1 Considerações iniciais sobre a construção do Paradigma

Por se tratar da análise da concepção de envelhecimento, optou-se por uma abordagem de complexidade porque permite buscar indícios implícitos nas histórias de vida de uma forma diferenciada e reveladora.

Edgar Morin, autor contemporâneo e idealizador do Pensamento Complexo ⁷, colocou-se no seio das instituições e refletiu sobre o que lhe teria ensinado a família e a escola. Por não aceitar estas como suas únicas fontes de conhecimento, aprofundou o conhecimento pela literatura e pela música, pelo cinema, pela política, pela História, Matemática e Biologia. Visitou templos sagrados da Antropologia, da Filosofia, da Psicologia e da Sociologia. Aprofundou o conhecimento sobre estudiosos de áreas do mundo científico como Pascal, Popper, Adorno, Monod, Hegel, Marx, Heidegger, Schrödinger, Bohr, Kant, Kierkegaard, Descartes, Montaigne. Trabalhou em si o novo e o velho, integrando e propondo, o que deveria ser o papel da cultura, o novo ao velho e o velho ao novo. Apresentou seu conceito de sujeito/indivíduo e o colocou no universo. Concebeu os Métodos com o olhar na ciência, no e do sujeito, sem perder a poesia e a linguagem reflexiva. Tentando introduzir a cultura humanística na cultura científica e a cultura científica na cultura humanística; organizou, no desejo de unir os conhecimentos dispersos, o Paradigma do Pensamento Complexo que pode ser compreendido como um diálogo entre culturas ⁷.

É em sua própria história que Morin encontra a complexidade. Aos nove anos, contata com o que vem a ser um tema a parte na sua trajetória: a morte. Elemento discutido a partir de reflexões acerca da perda da mãe, Morin traduz suas observações como seu primeiro encontro com a contradição: a consciência e a esperança. A primeira, de que a morte da mãe era irreversível; a segunda, de tê-la de volta.

A escola ensinou-lhe a França. A França incorporou-se a ele e ele à França. Pôde, assim, dedicar-se a aprender por si mesmo. Aprofundou o conhecimento para fugir da mentira, do engano e do auto-engano, da superficialidade de si próprio. São seus conflitos que desencadeiam o pensador. São suas complicações que se lançam como desafio. Suas incertezas e suas contradições estabelecem a complexidade não como resposta, mas como questionamento. Reflexões sobre o todo e as partes num enlace com o pensamento de Pascal que é revelado por Morin como autor de uma de suas máximas-chave:

Todas as coisas sendo causadas e causadoras, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas e todas se entrelaçando umas às outras, por um laço natural e insensível que liga as mais distantes e as mais diferentes, acho impossível conhecer as partes sem conhecer o todo; também acho impossível conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes⁸.

Aprofundou o conhecimento sobre si mesmo (autoconhecimento) transformando-se em objeto. Reconhecendo que desconhece e demonstrando que é um sujeito que conhece, buscou conhecer mais. Não se deixou tornar reducionista. Começou a duvidar. E refletir sobre a possibilidade do auto-engano.

O Pensamento Complexo tem como base três princípios para ajudar a pensar a si mesmo e sobre o mundo: o hologramático, o recursivo e o dialógico, sendo que eles são interdependentes.

O princípio hologramático firma-se na máxima de Pascal pondo em evidência o todo e as partes em que um está inscrito no outro. Este princípio está na Biologia (a célula que está molécula que está na célula) e na Sociologia (a sociedade que contém o indivíduo que está na sociedade).

O indivíduo entra na sociedade ao nascer (pela família) e a sociedade entra no indivíduo pelas leis que impõe. Isso é tão complexo que não se poderá atingir o metassistema, porque, mesmo que se pudesse não seria um sistema absoluto. O pensamento da complexidade, valendo-se do sistema aberto, torna possível a construção de um metaponto de vista ⁷.

Há uma ligação estreita na explicação do todo e das partes. Para o todo existir, depende das partes e as partes dele dependem para sobreviver. É esta relação que faz nascer a idéia de organização. Os elementos inter-relacionados geram uma organização que produz o todo, que é resultado desta organização, que depende da inter-relação dos elementos. Logo, a interação entre as partes e destas com o todo é recursiva.

O princípio recursivo se nutre de um circuito que mostra os produtos e os efeitos, como produtores e causadores daquilo que os produz. Aqui a noção de circuito é recursiva, uma vez que esse circuito não finaliza, alimenta-se do início. Há uma reorganização, uma regeneração que constitui uma produção de si mesmo (um circuito inesgotável) ⁹.

Segundo o princípio dialógico as idéias são antagônicas, concorrentes e complementares, sendo indissociáveis do contexto ⁷.

A dialógica entre ordem e desordem obedece, gerando nova organização, à complexidade viva. Aceita as contradições analisando-as e integrando-as ao pensamento. Desta forma, reconhece as incertezas e auxilia a compreender e a interpretar conceitos ¹⁰.

A partir destes princípios, para Azevedo e Souza ⁶, o envelhecimento é concebido como um fenômeno complexo participante da complexidade da vida humana, como parte que interage, modificando-se e sendo modificado ao modificar a realidade inclui uma constante reorganização originada na dialógica entre ordem e desordem biológica, psicossocial, cultural e educacional (fenômeno interdimensional).

Usando a organização paradigmática constituída pelos conceitos fundamentais advindos das sucessivas reorganizações na sua maneira de pensar, Morin constrói o Pensamento Complexo.

2.2 As reorganizações genéticas do pensamento do autor

Morin, numa atitude coerente com seu posicionamento teórico, apresenta no livro *Meus Demônios* uma síntese da evolução do seu pensamento, identificando os autores que o auxiliaram a criar o Paradigma do Pensamento Complexo, e que foi sintetizado por Azevedo e Souza ¹¹ no quadro a seguir apresentado.

No quadro 1 é possível visualizar as diferentes orientações teóricas que vêm perpassando o pensamento de Morin.

Movimentos da construção paradigmática da complexidade: reorganizações genéticas		
Primeira concepção de mundo	Segunda reorganização genética	Terceira reorganização genética
<p>➤ Necessidade do resgate da auto-historicidade e consciência de que as ações não obedecem às intenções de seus autores. (Lefebvre e Aymard).</p>	<p>➤ Desarticulação na concepção hegeliano-marxista pela descoberta de Bataille, Adorno e Heidegger e pela análise dos acontecimentos históricos (a partir de 1947).</p>	<p>➤ Necessidade de criar estratégias de pesquisa aptas a responder a desafios da complexidade (após de 1968) do confronto, Problematização, transformação, complexificação e confluência de contribuições de horizontes muito diferentes originaram a reforma paradigmática: (Weaver e Brillouin - Teoria da informação; Wiener, Ashby e Bateson - (Cibernética); Bertalanffy - Teoria dos Sistemas; Boltzmann e Prigogine - Problemática física da desordem - e, também, Maruyama (Cibernética); von Neumann (Teoria do autômato -, auto-reprodutor); Foerster (auto-organização e o princípio da ordem); Gottard Gunther; Popper, Kuhn, Lakatos, Holton; Husserl e Heidegger (reflexão sobre a ciência), Ladrière (limites do formalismo).</p>
<p>➤ Integração de verdades isoladas mesmo que antagônicas, em uma concepção de totalidade que se desfaz e refaz dialeticamente na transformação. Consciência do limite e da insuficiência de conhecimentos disjuntos sem referência ao conjunto do que fazem parte, estimulando a busca de comunicação, e se possível, articulação entre os disjuntos. (Hegel) Necessidade de relação dialética indissolúvel entre ciências do homem e da natureza.</p>	<p>➤ Totalidade como deslocada, fragmentária e inacabada. Necessidade de um conhecimento não mais total, mas multidimensional, como um “antídoto ao pensamento unidimensional” .(p. 243)</p>	<p>➤ Complexidade “desfaz” a totalidade. O conhecimento complexo afronta a incerteza, a inseparabilidade. Concebe a inexistência de fundamento único ou último do conhecimento. Necessidade da consideração ao anel tetralógico ordem / desordem / interações / organização.</p>
<p>➤ Integração das contradições pela sua aceitação como desenvolvidas no antagonismo das idéias. (Hegel)</p>	<p>➤ A consciência da intransponibilidade das contradições pela crítica à dialética que ultrapassa as contradições nas sínteses e que conduziram ao reconhecimento do caráter irreduzível das contradições fundamentais. “A racionalidade deve conter, não a eliminação ou a ultrapassagem das contradições, mas o reconhecimento de sua irreduzibilidade”. (p.243) Assim, a dialógica entre instâncias ao mesmo tempo antagônicas e complementares, começou a tomar lugar à dialética.</p>	<p>➤ Impossibilidade de conhecer as partes sem conhecer o todo e de conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes, havendo necessidade de contextualização. Todo conhecimento particular precisa ser introduzido, se possível, no conjunto do sistema global do qual é um momento ou uma parte. (Pascal)</p>
<p>➤ Integração da dúvida como energia que comporta a possibilidade de negar a negação, de superar o ceticismo e de assumir as próprias contradições como forças positivas. (Hegel) Consciência da importância da práxis revolucionária, privilegiando ação concreta no real submetendo suas idéias hegelianas à crítica marxista.</p>	<p>➤ Reativação da dúvida no pensamento interrogativo ao tornar-se a parte negativa.</p>	<p>➤ Reconhecimento dos limites da indução (Popper) das deduções (Gödel, Tarsky) e de que o princípio da identidade necessita da redefinição da racionalidade além da lógica dedutivo-identificadora. Pensamento complexo compreende dialógica cognitiva entre o certo e o incerto, o separável e o inseparável, a lógica e a metalógica, o simples e o complexo.</p>

Quadro 1 - “Reorganizações genéticas” da construção do Paradigma do Pensamento Complexo de Edgar Morin¹⁰

Cont. Movimentos da construção paradigmática da complexidade: reorganizações genéticas		
Primeira concepção de mundo	Segunda reorganização genética	Terceira reorganização genética
<p>➤Concepção da unidualidade humana (natural e cultural) e de práxis unida à teoria. Disciplinas (Economia, Psicologia, Sociologia, História) não são categorias de utilidade limitada, possibilitando entender os problemas antropossociais em sua multidimensionalidade. (Marx)</p>	<p>➤Abandono das astúcias da razão e a consolidação de uma ética de resistência frente às barbáries da atualidade.</p>	<p>➤Concepção complexa de organização.</p>
	<p>➤Complexificação da antropologia incluindo a concepção de realidade humana como semi-imaginária e de homem como técnico, razão, imaginação e afetividade. (Bataille e Bolk)</p>	<p>➤Concepção de auto-eco-organização fundamentando as noções de autonomia, de individualidade e de sujeito a partir do princípio recursivo de autoprodução e de relação hologramática entre partes e o todo.</p>
	<p>➤Pensamento planetário (Hegel) incluindo a idéia de que se está na idade do “ferro” planetário e na pré-história do espírito humano. (p. 245)</p>	<p>➤Princípio dialógico distinto da dialética.</p>
	<p>➤Primeira emergência de um diagnóstico de civilização com a consciência de que o mal da sociedade não está somente no capitalismo e no imperialismo, mas nos sub-desenvolvimentos da civilização desenvolvida.</p>	<p>➤Epistemologia complexa que comporta o conhecimento dos limites do conhecimento compreendido como tradução e construção. Necessidade de autoconhecimento (do observador-conceptor) Todo conhecimento supõe separação e comunicação. Surgimento de contradições e antinomias no desenvolvimento racional são sinais das profundezas do real (p. 251).</p>
	<p>➤Provincialização de Marx ao ultrapassar do marxismo aberto e sem fronteiras para um metamarxismo</p>	<p>➤Racionalidade aberta e complexa é definida pela oposição à racionalização, comportando o conhecimento de sua própria incompletude, o diálogo com o irracionalizado e o irracionalizável e o afrontamento da complexidade. Pensamento complexo comporta os princípios dialógicos, recursivo e hologramático.</p>
	<p>➤Autonomia no repensar político sem filiação partidária. Problemas pré-paradigmáticos ou pré-epistemológicos.</p>	<p>➤Antropologia complexa incluindo noção de homo sapiens/demens, razão, afetividade, interioridade, subjetividade, irracionalidade, jogo...</p>
		<p>➤Condição de ação e de ética são definidas em sua complexidade: as ações “fogem” das intenções de seus autores e a ética torna-se problemática quando o autor é submetido a duas injunções contrárias simultâneas.</p>

Continuação Quadro 1 - “Reorganizações genéticas” da construção do Paradigma do Pensamento Complexo de Edgar Morin¹⁰

Percebe-se assim, a influência de autores de diferentes orientações paradigmáticas, numa exemplificação de triangulação (recurso metodológico) ¹².

Mas, o que é a complexidade? *Complexus*: tecido em conjunto. Complexidade significa: tecido em conjunto, constituintes heterogêneos, inseparavelmente associados; acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos que tecidos em conjunto constituem o mundo dos fenômenos. A complexidade já havia se anunciado ainda no século XX na microfísica e na macrofísica, mas a ciência reduzia a complexidade fenomenal à ordem simples e a unidades elementares ⁷.

Assim sendo, tornou-se necessário revisar alguns conceitos e estabelecer alguns princípios, uma vez que o Pensamento Complexo precisa enfrentar a confusão, a solidariedade dos fenômenos entre eles, a incerteza, a contradição.

Partindo do sistema aberto, que tem origem na Termodinâmica, compreende-se a inter-retroação da complexidade, pois conseqüências da idéia do sistema aberto são aplicáveis a ela: o desequilíbrio e a relação com o meio. Os seres vivos estão em constante reorganização de suas estruturas vivas, que não são estanques, são dinâmicas. Constituem-se na sua relação com o meio, numa troca energética de alimentação mútua.

Outros elementos necessários à compreensão do Pensamento Complexo requerem atenção. São eles: a informação, a organização, a auto-organização, a auto-eco-organização, o ruído. A informação é apenas o ponto de partida para a compreensão de um fenômeno. Não deve ser vista como conceito definitivo. A informação traz em si uma organização, um caminho de como se chegou a ela. Aceitar a informação como definitivo é totalizar o nada

como sistema aberto. É importante olhar atrás da informação. Desta forma, enxergar-se-á a organização, o sistema que construiu a informação: a computação extrai informações do universo. A organização computacional constitui a vida. Porém, é preciso entender a noção de organização como não redutora, analítica, mecanicista para que se possa aproximar o problema do ser vivo. E, nesta aproximação, se enuncia o fenômeno da auto-organização. Organização, que com um prefixo recursivo (auto) denota a organização viva capaz de agir, retroagir e interagir com suas partes e se destacar do meio, distinguindo-se dele, pela sua autonomia e sua individualidade, ligando-se a ele ainda mais (voltando ao segundo princípio da Termodinâmica) e gerando um sistema auto-eco-organizador ⁷.

O sujeito emerge da auto-organização e a da complexidade do sujeito/indivíduo, tornando, deste modo, incerteza, ambigüidade, individualidade, complexidade, autonomia que são características próprias do objeto. Considerando a origem animal do homem, biologicamente ele pertence a uma espécie. Este homem animal chamado indivíduo. O sujeito é o indivíduo colocado no centro de seu mundo, que ganha características próprias, qualidades¹³. A concepção de sujeito apresenta a auto-afirmação do Eu e a sua relação com o outro. É o sujeito que garante a autonomia do indivíduo ¹⁴.

Retoma-se, então, as idéias de auto-organização e de sujeito/indivíduo. Possivelmente tal fenômeno se expresse numa espécie com indivíduos muito diferentes uns dos outros. Fato compreensível se se considerar cada indivíduo ser um sujeito e colocar-se egocentricamente, ocupando o lugar do “eu”, sendo autônomo e dependente.

Para tanto, precisa-se reconhecer que no sujeito a autonomia é dependente. Depende de uma linguagem, uma cultura, um saber que provém da educação, da sociedade, de um cérebro que também é produto genético e dependente de genes, que faz parte do indivíduo ⁷.

Influenciados por uma linguagem cujos sistemas de idéias se organizaram em virtude dos paradigmas que se inscreveram no decorrer da história milenar da cultura judaica, os idosos da instituição A participantes desta pesquisa construíram sua autonomia a partir de características educacionais e sócio-culturais.

Os idosos da instituição B se manifestam por e através de uma cultura adquirida por uma educação e uma sociedade cuja linguagem tem características diferentes da anteriormente citada e refere-se basicamente à cultura local.

Assim sendo, o conhecimento sobre e dos sujeitos/indivíduos participantes desta pesquisa é resultado da ação de um espírito conhecedor e dos limites do cérebro humano. É com os olhos atentos que o observador conhece o mundo inserido numa cultura; numa sociedade age, reage e é influenciado por ela ⁹.

Contrariando o grande Paradigma do Ocidente, o Pensamento Complexo anuncia sujeito e objeto como indissociáveis. Retira o sujeito da condição de “ruído”, pois o coloca como sede do conhecimento objetivo, resgatando sua condição de observador/conceptor/ator/criador/observado ¹⁰.

O sujeito como ator na vida representa papéis sociais conforme o contexto em que se insere: em casa, no trabalho, com conhecidos ou com desconhecidos ⁷.

Com a pretensão de mostrar que o erro, a ignorância, a cegueira podem ser responsáveis por uma organização de conhecimento mutilada/mutiladora, Morin lutou contra a inteligência cega, evitando a visão unidimensional, apontando como problema da organização do conhecimento a busca do princípio unificador que foi disperso pelos paradigmas reducionistas. Alerta, assim, para a possibilidade de erros, ilusões e cegueiras. São eles os erros mentais, os erros intelectuais, os erros da razão e as cegueiras paradigmáticas.

Os erros mentais são originados na mente. Estão na visão ou na concepção do mundo de cada sujeito/indivíduo. Representam-se pelo potencial de mentir para si mesmo e pelos erros que se originam na própria memória, uma vez que esta tem a capacidade de selecionar as lembranças que lhe são convenientes.

Os erros intelectuais são originados num sistema de idéias e, uma vez que o próprio sistema está sujeito aos erros, ao mesmo tempo, os protege. Os sistemas de idéias se explicitam em teorias, doutrinas e ideologias. Estes sistemas resistem, refutam, se fecham em si mesmos, negando a autocrítica, tornando-se invulneráveis a qualquer crítica.

Os erros da razão aparecem no instante em que há um distanciamento da racionalidade pelo sujeito. A racionalidade dialoga com a realidade sem se desprender do afeto e do amor. A racionalidade estabelece a incerteza, tornando-se autocrítica. A complexidade necessita do diálogo permanente com a descoberta. É preciso que se crie uma visão racional e não racionalizada do mundo. A racionalidade permite um diálogo com o mundo real; a

racionalização encerra a realidade num só olhar, uma única visão coerente dos fenômenos, das coisas e do universo. A complexidade exige um olhar dinâmico, amplo, reflexivo que estabeleça mais de uma lógica.

As cegueiras paradigmáticas se estabelecem na seleção e determinação que ocorrem no seio dos paradigmas em relação a conceitos e operações lógicas. As ações são inconscientemente controladas pelos paradigmas que estão neles inscritos culturalmente¹⁵.

O paradigma da simplicidade (Paradigma do Ocidente) remete o sujeito a uma concepção simplificadora. Este paradigma aceita a ordem e expulsa a desordem. Ignora a dialógica básica entre ordem e desordem, o que gera nova organização.

Morin apresenta o método cartesiano como pertencente a um paradigma que realiza uma duplicação do mundo, propondo que se olhe para ele com uma dupla visão. Separa o sujeito e o objeto, jogando o primeiro para a filosofia e a pesquisa reflexiva e o segundo para a ciência e a pesquisa objetiva.

O grande Paradigma do Ocidente leva a enxergar a dupla natureza da práxis ocidental que se baseia no individualismo, no humanismo, no nacionalismo, na ética e, ainda, na ciência e na técnica objetivas, quantitativas, manipuladoras e congeladas, desde que se trata do objeto (um indivíduo, uma etnia, uma cultura, são considerados como objetos). Logo, tanto na primeira natureza quanto na segunda, ocorre dependência do mesmo paradigma¹⁰.

As histórias de vida que serão apresentadas a partir do capítulo 4 mostram indivíduos/sujeitos absorvidos em seus conflitos, construindo concepções com o mundo da alma, do coração, da sensibilidade, ao mesmo tempo opondo o mundo da razão, da manipulação e das possibilidades. Torna-se, desta forma, o indivíduo/sujeito produto e produtor dentro da dialógica presente no conflito. Há, pois, um encontro entre os dois lados criados no grande Paradigma do Ocidente, reforçando sua indissolubilidade.

Antes de discutir essas questões paradigmáticas no Método 4 – As Idéias¹⁰, Morin já havia elaborado um paradigma que ele definiu como paradigma de vida por achar que comporta a idéia de indivíduo (ego) que qualquer discurso complexo sobre a vida não poderia mais ignorar, tornando-o válido para tudo quanto é vida: a auto-(geno-feno-ego)-eco-re-organização (computacional-informacional-comunicacional).

Como base para formulação deste paradigma, Morin⁴ salienta que a vida emerge da organização viva; que é a partir desta que um paradigma deve se sustentar; que a existência dos indivíduos-sujeitos, desde a dimensão celular até a dimensão antropossocial depende da auto-(geno-feno-ego)-eco-re-organização (computacional-informacional-comunicacional)⁴.

A existência só é possível porque traz em si uma complexidade organizacional que, enfrentando a reprodução, a disseminação, a adaptação, a evolução e a invenção, superou a desintegração e a morte, proliferou e conquistou os mares, as terras, os ares do nosso planeta nas diversas formas de vida que se conhece.

Tal concepção paradigmática visa uma abertura para a existência, o ser, o indivíduo e, seguindo o pensamento complexo, para aquilo que é cego para o pensamento simplificador. Entretanto, existe uma ligação entre o aumento da complexidade e o aumento da desordem. As

desordens são necessárias para conceber o universo físico. E o universo vivo também depende das desordens para concebê-lo. Quanto mais atividade houver, mais individualidade egocêntrica e afetividade, mais desordens. O aumento da diversidade e dos riscos, por desordem, aumentam as concorrências e os antagonismos. Os seres, quanto mais complexos, mais sofrem com perturbações, acidentes, agressões que se transformam em estímulos excitantes, lubrificantes, incitantes que fortalecem e curam.

Desta forma, completando a visão do paradigma da vida, o termo organizacional, com validade universal para o cosmo, a *physis*, o *bios* e o *anthropos* se torna: ordem-desordem-interações-auto-(geno-feno-ego)-eco-re-organização⁴.

Uma analogia pode se fazer pela Física. O redemoinho sendo uma ordem organizacional pode nascer da turbulência que é geradora da desordem. A própria origem do universo, o *big-bang*, parte da desintegração para a organização. Por isso, na complexificação de uma organização cresce a ordem e a desordem. O universo existe da interação entre ordem e desordem e de novas organizações, pois estas têm necessidade das outras duas⁴.

Assim sendo, após aprofundamento teórico em várias ciências, o pensador Edgar Morin complexificou o pensamento, apresentando a sua noção de sujeito/indivíduo discutindo-a em sua origem, sua cultura, sua religiosidade e sua relação com a morte. O Pensamento Complexo é consequência da não redução, da não racionalização, da não simplificação do próprio pensamento. O Pensamento Complexo inclui vários olhares sobre um mesmo objeto, construindo um metaponto de vista.

A realização da pesquisa sob um olhar de complexidade implicou numa concepção de metodologia como uma constante reconstrução.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização do estudo, universo e participantes

O estudo foi desenvolvido numa abordagem qualitativa, de natureza dialógica em que não se realizou medidas quantitativas, caracterizando-se pela busca de compreensão de situações e seus significados para os idosos participantes da pesquisa, possibilitando extrair dos discursos suas concepções¹⁶ de envelhecimento.

A pesquisa qualitativa põe o sujeito no centro da pesquisa, transformando-o no objeto. Permite que o pesquisador se torne um observador/conceptor/ator/criador/observado que age, interage, reage e é influenciado influenciando o contexto⁴. O sujeito-objeto da pesquisa é contextualizado e o pesquisador pode analisar gestos, olhares, movimentos da cabeça e das mãos, expressões faciais, entonação de voz, ritmo, hesitações¹⁷.

Na estratégia da pesquisa qualitativa os dados são textos e a análise é formada pela interpretação¹². Para tanto, o pesquisador e o pesquisado interagem de forma ampla, tornando-se o pesquisador integrante do processo a ponto de poder interpretar os fenômenos¹⁸.

Uma pesquisa desta natureza rejeita a redução e o reducionismo, pois os fenômenos são multirreferenciais, requerendo um pensamento complexo para compreensão de suas dimensões¹⁹, sendo também, para Azevedo e Souza⁶, interreferenciais e interdimensionais.

O universo da presente pesquisa foi constituído por idosos que vivem em duas instituições de natureza privada.

A instituição A encontra-se localizada numa extensa área, num bairro de classe média, na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. Residem no local 60 idosos, com idades que variam de 70 a 100 anos, homens e mulheres que ocupam quartos ou unidades separados pelo sexo. O espaço físico é amplo. Existem dois andares, sendo que os residentes moram no andar solo e a administração e a seção de fisioterapia estão localizados no subsolo. Outro prédio com três andares comporta vestiários, cozinha, sala de recreação e terapia ocupacional, nutrição e salão de festas. O espaço físico externo é grande, bastante arborizado, com pista para caminhadas, churrasqueiras e bancos distribuídos em toda a área. A instituição também oferece uma equipe de saúde com dez profissionais de diversas áreas e serviço social que são funcionários ou prestadores de serviço com dias e horários definidos. Todos os idosos permanecem no local dia e noite e são de classe média alta.

A instituição B encontra-se localizada numa rua residencial, num bairro de classe média baixa, na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. Residem no local quatorze idosos, com idades que variam de 75 a 81 anos, apenas um homem que ocupa um quarto no prédio de dois pisos, nos fundos, enquanto as mulheres se distribuem em quartos individuais ou em duplas no prédio da frente, que contém dois pisos e garagem no subsolo. O espaço físico externo é pequeno, pouco arborizado e há uma escada longa para acesso ao prédio. Não há uma equipe de saúde; apenas um médico visita a instituição a cada quinze dias, uma nutricionista que leva os cardápios mensais e um fisioterapeuta que atende na medida da demanda de pacientes. Esta instituição foi escolhida aleatoriamente a partir da sugestão do fisioterapeuta, pois a amostra nela contida atendia às necessidades da pesquisa.

O critério de seleção dos idosos institucionalizados foi a sanidade mental, identificada pelo exame do prontuário, condições de expressão oral e assinatura do Termo de

Consentimento Livre Esclarecido. Os idosos participantes da pesquisa são 5 que residem na instituição A e 4 idosos que residem na instituição B, que concordaram em participar e assinaram termo de consentimento livre e esclarecido. A Tabela 1 apresenta dados para melhor caracterizar os idosos participantes da pesquisa.

TABELA 1
Caracterização dos idosos participantes da pesquisa

Idoso	Instituição	Sexo	Idade	Estado Civil	Escolaridade
1	A	Feminino	86	Viúva	Primário Incompleto
2	A	Masculino	92	Casado	Primário Incompleto
3	A	Feminino	100	Viúva	Primário Incompleto
4	A	Feminino	95	Viúva	Superior Incompleto
5	A	Masculino	90	Viúvo	Primário Incompleto
6	B	Feminino	81	Viúva	Fundamental Completo
7	B	Feminino	75	Viúva	Primário Incompleto
8	B	Masculino	75	Viúvo	Primário Incompleto
9	B	Feminino	81	Viúva	Primário Incompleto

Na Tabela 1 é possível visualizar que os participantes têm idade igual ou superior a 75 anos e que 8 dos 9 são viúvos. São 6 mulheres e 3 homens. No grau de escolaridade apenas uma participante concluiu o atual ensino fundamental e outra participante frequentou um curso superior, mas não terminou.

3.2 Coleta e análise de dados

Becker ²⁰ entende que a pesquisa baseada em história de vida produz uma rica narração, apresentando estágios distintos que são diferenciados por sua seqüência lógica e que oferecem conclusões diferentes, contudo em sua globalidade oferecem uma totalidade harmônica. Os estágios são:

- * Seleção e definição, conceito e descritores: detecção dos aspectos relevantes à pesquisa para melhor compreensão da organização do que está sendo estudado; desenvolvimento de uma configuração teórica para aprimorá-la nas descobertas seguintes e na interpretação de sinais ou indicativos do indivíduo sobre o ponto em questão;
- * Controle sobre a incidência dos descritores: definição do que valeria a pena continuar analisando, definindo focos principais de estudo;
- * Incorporação de descobertas individuais numa configuração da organização em estudo: concepção de uma configuração descritiva que desse uma compreensível explicação acerca dos dados;
- * Análise final e apresentação dos resultados, envolvendo a apresentação de constatações construídas a partir de e nos estágios anteriores.

Neste trabalho o uso da história de vida se tornou importante por dar um sentido à noção de processo, uma vez que a pesquisa se relaciona com o processo de envelhecimento que constitui um fenômeno que acompanha a vida humana. A história de vida serviu ao propósito de colaborar na construção do conhecimento sobre as concepções de idosos institucionalizados.

As entrevistas narrativas possibilitaram estimular os entrevistados a contarem histórias a partir de acontecimentos, de forma não estruturada e com características específicas, tendo o entrevistador cuidado para não impor uma linguagem não empregada

pelos entrevistados. A narração substituiu o esquema pergunta-resposta. O que foi relevante foram os acontecimentos que puderam ser traduzidos tanto em termos gerais quanto indexados, ou seja, quando a narrativa trouxe dados concretos como lugares, tempo, clima e períodos históricos ¹². As dimensões se apresentaram, configurando um enredo que deu sentido à narrativa e a partir do qual se pôde realizar a análise e evidenciar indicativos das dimensões constituintes das concepções de envelhecimento dos participantes.

A partir das entrevistas narrativas utilizou-se uma adaptação da proposta de Schütze tratada por Bauer e Gaskell para a análise das histórias de vida ¹².

A análise das histórias de vida compreendeu os passos apresentados a seguir:

- a) A transcrição detalhada;
- b) identificação de material indexado e não indexado;
- c) análise compreendendo:
 - Leitura global das entrevistas;
 - Leitura de cada entrevista, localizando os temas;
 - Reagrupamento de forma ordenada dos acontecimentos ocorridos na infância, adolescência, vida adulta e velhice (unidades contextuais);
 - Movimentos de síntese progressiva, incluindo a identificação das unidades de significantes (destacando-se em negrito as essenciais).

- d) ordenamento dos acontecimentos para cada indivíduo (trajetórias), construindo os panos de fundo em forma de matrizes, que permitiram compreender a construção de suas concepções de envelhecimento;
- e) identificação das dimensões e dos indicativos de teoria ou perspectivas implícitas sobre o envelhecimento (quando possível);
- f) identificação de convergências e divergências sobre as dimensões emergentes das concepções, buscando-se indicativos que permitiram alcançar os objetivos de pesquisa e a confirmação da tese que norteou o desenvolvimento do estudo.

Optou-se pela entrevista narrativa, pois possibilita captar a maneira como as pessoas constituem e transmitem seu sentido pessoal, organizando suas experiências ao longo do tempo. Assim, conhecimentos, emoções, concepções foram recuperadas da memória em forma de narrativa, constituindo uma apresentação mais próxima possível das representações pessoais do que outras formas de expressão.

O rigor da pesquisa tem base na busca de fidedignidade. A fidedignidade está na transcrição e na transparência e detalhamento dos procedimentos utilizados, que permitiram revelar pautas subjacentes. As histórias de vida são múltiplas e ao mesmo tempo uma. Foi legítimo buscar sentidos comuns através de vidas diferentes, pois as pessoas têm antecedentes similares e viveram e trabalharam em contextos diferentes ¹².

Cabe ainda salientar que as narrativas não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas, uma vez que estão inseridas no contexto sócio-histórico e que a memória é seletiva ¹².

As histórias de vida e os movimentos de síntese progressiva realizados, buscando-se dar visibilidade aos indicadores potenciais de temas, às dimensões e os indicativos das teorias implícitos são apresentados no próximo capítulo, para se explicitar o atendimento ao critério de cientificidade e de transparência nos procedimentos.

4 HISTÓRIAS DE VIDA E SEUS SIGNIFICANTES

As histórias de vida apresentadas a seguir foram transcritas a partir das gravações das entrevistas narrativas, tendo-se retirado somente as frases repetidas e que tratavam de aspectos não essenciais para a construção dos panos de fundo e das concepções de envelhecimento.

Para manter fidelidade à fala do entrevistado, as expressões e palavras pouco claras permanecem no texto na forma como foram narradas. Inicialmente são apresentadas as histórias de vida e respectiva síntese e significantes dos cinco participantes da instituição A e após, as dos quatro participantes da instituição B, que foram organizadas pelos temas emergentes identificados.

Para cada uma das entrevistas o quadro da síntese foi dividido em Unidades Contextuais (infância, adolescência, vida adulta e velhice) constatadas pela análise das narrativas.

As Unidades Contextuais foram compostas de textos que continham elementos significantes para compreensão das concepções de envelhecimento.

4.1 Histórias de vida e sínteses progressivas

4.1.1 Entrevistada 1 – instituição A

Nasci no Brasil em 1918. Meus pais eram imigrantes da Rússia. Chegaram no Brasil em 1913. Vieram "pobres", diretamente para a cidade, não imigraram para a colônia como muitos imigrantes. Meu pai não era de falar muito, mas minha mãe contava que na aldeia de judeus onde eles moravam, as mulheres trabalhavam e os homens estudavam Torá, a religião, essas coisas que eram muito valorizadas. Minha mãe era dona de casa e costurava. Os parentes da minha mãe imigraram para os Estados Unidos. Só meu pai e minha mãe ficaram e vieram mais tarde para o Brasil. Mas anos depois, meu pai resolveu tentar a vida nos Estados Unidos. Deixou minha mãe com crianças pequenas de 2 ou 3 anos, sendo os mais velhos homens. Ele conseguiu emprego numa alfaiataria como passador, mas em dois anos ele voltou. A minha mãe tinha ficado com as crianças, dando um duro, sozinha. Os guris com 6, 7, 8 anos se viravam. O mais velho foi estudar. Ele viu que havia muito Silva e se denominou L. Silva. Não tinham registro. Os mais velhos tinham se registrado para migrar; os outros não. Meus pais acabaram abrindo um Bric. Quando aconteciam aqueles leilões de móveis de uma casa, eles iam e compravam. E o Bric foi se tornando grande. Era no Centro de Porto Alegre. Isso é o que me lembro da minha infância. Eu tenho uma irmã que nasceu no Brasil. Minha mãe perdeu dois filhos nascidos aqui: um guri e uma guria que era mais velha que eu. Morreu por incrível que pareça de peste bubônica. Ela morreu com 8 anos. Eu devia ter mais ou menos 3 anos. Tiveram que desocupar a casa. Decerto para ser isolada. Eu tinha muita vontade de estudar piano. Era o meu sonho. Eu iniciei umas aulas com uma professora muito gentil que me fez um precinho bom. Ela ficou encantada comigo. Eu aprendia facilmente. Eu adorei. Eu chegava em casa e ficava estudando na mesa, dedilhando. Eu não tinha piano. Mas eu estudei uns meses e não pude pagar. Foi um desgosto tão grande, sinto até hoje. Eu ouvia da janela da minha casa as alunas tocando. Tinha uma menina rica na minha rua e a gente se dava mais ou menos, tinha muita diferença de classe. E eu ia na casa dela e tinha um piano. Mas eu tinha uma inveja. Eu chorava. Eu devia ter uns 12/13 anos. E na minha casa não se ouvia música. O meu pai não era de trabalho, era de estudo. A minha mãe dava duro trabalhava. Era uma pobreza. Era analfabeta, mas ela era uma mulher sábia. Ela dava uns conselhos que vinham dela mesma. Tem gente pobre que não tem essa sabedoria, mas ela era pobre e era assim. Meu pai era calmo, bondoso e manso. Ela tinha de ser enérgica e ativa, trabalhar, providenciar. Ela fazia umas calças de brim e pendurava na porta. Veio um homem

e roubou. Ela viu e saiu correndo atrás. Pegou a calça e batia com a calça na cabeça dele. A vizinhança batia palmas. A minha infância foi muito movimentada. Meus pais se mudaram sempre. Tiveram fases boas e fases ruins nos negócios. No fim da minha fase de solteira estavam numa fase muito ruim. Meus irmãos mais velhos já estavam casados e meus pais mais idosos. Meus pais tiveram um bar. Um camarada me conheceu. Era judeu. Decerto me indicaram e ele gostou de mim. Eu nunca tinha namorado. Como a situação estava ruim, acabei casando, sem nunca ter namorado e sem gostar muito dele. Novo, 22 anos. Na hora do almoço, não tinha movimento, meus pais se recolhiam no fundo do barzinho para descansar e eu ficava atrás do balcão lendo, estudando, fazendo minhas lições e esse rapaz chegou para comprar alguma coisa. E se encantou em mim. O senhor veio falar com meus pais. Conclusão: eu casei. Eu não tinha 16 anos. Não nem era registrada. Como não tinha registro, era exigido duas testemunhas afirmando que eu já tinha 16 anos. Casei. E minha vida foi um inferno porque eu não gostava dele. Com um ano de convivência me separei. Meus pais me receberam na casa deles, não queriam que eu sofresse e eu estava sofrendo. E eu estava grávida. Quando eu descobri que estava grávida, eu resolvi me separar. Ele não queria. Eu fui roubada à noite pelos meus irmãos. Foi combinado com meus irmãos. Como ele era masson e saía a noite para reuniões, aproveitamos uma dessas noites e eles me buscaram. Quando o camarada chegou e viu que eu não estava, fez um escândalo. Foi à polícia. Durante a noite, bateram na porta da casa dos meus pais. Foi um horror! Nada adiantou. Eu não queria ficar com ele. Assim, minha filha nasceu lá. Quando ele ficou sabendo, mandava gente falar com meu pai para que eu voltasse. Não adiantou! Ele correu para registrar com o nome que ele queria. Tudo bem. Ele não queria separar porque para ele estava bem. A gente não brigava. Eu não tinha cabeça para brigar. Nesse tempo, eu cresci, desenvolvi mais, meus vestidos ficaram pequenos. Eu estava na casa dos meus pais, porém eu fui trabalhar. Minha filha com dois meses e meio, ainda amamentava. Criei minha filha até os 9 anos. Fiquei bonita, comecei a me arrumar, estava trabalhando e estudava à noite. Como minha filha convivia mais com meus pais chamava eles de pai e mãe e a mim pelo nome. Durante esses nove anos eu não tive nenhum relacionamento com homem. Eu fiquei bem. Uma jovem, desquitada, trabalhando. Eu estava feliz sozinha. Eu trabalhava em casa de gente judia. Eram amigos dos meus pais e gostavam muito de mim e de minha filha. Então apareceu um senhor de P. Ele simpatizou comigo, falou com meu patrão que ele tinha um irmão em P., solteiro, 38 anos, que nunca casou e que como havia gostado de mim, pediu para me apresentar a ele. Veio esse camarada. Conversou comigo e pouco depois nos casamos. Ele se apaixonou de primeira. Então, eu fui para P. Morei lá cinco anos. Nasceu meu filho. Pobres, trabalhando. O irmão dele era rico,

mas nós éramos pobres, trabalhando bastante. Eu tenho dois filhos. Eles e os meus netos são a razão a minha vida. Eu vivi trinta anos com esse homem. Enfrentamos fases de dificuldades e de situações mais fáceis. E ele faleceu. De princípio eu não gostava dele. Ele era bem mais velho do que eu. Mas ele me conquistou. Era muito bom, gostava da minha filha, minha filha gostava dele, pediu licença para chamar de pai. Eu fui feliz com ele durante trinta anos foi quando comecei a construir minha família e minha vida. Aprendi muita coisa com ele. Não que ele fosse um homem ilustrado. Era simples, mas tinha uma inteligência do coração. Cuidei dele quatro meses no hospital. Ele me entendia, gostava de mim, gostava da minha família. Ele me protegia, era atencioso, cuidava de mim. Foi a pessoa mais importante na minha vida. Ele foi tão importante e tão compreensivo que dois anos depois eu me casei de novo. Porque era um amigo nosso, que se dava muito com ele e era muito parecido com meu marido. Eu estava sozinha, sentia muita falta daquele companheiro. Sentia alguma solidão. Ele não estava bem de saúde e um ano e pouco depois ele faleceu. Eu cuidei dele. Imagina que quando eu casei estava com 57 anos. Era nova ainda. Eu fui casada três vezes, mas na realidade casada, eu fui com meu segundo esposo. Nesse meio tempo o meu primeiro marido me incomodou muito. Ele queria que a guria fosse visitá-lo. Ela tinha horror dele. Então eu me desquitei. Uso meu nome de solteira. Com meu verdadeiro marido eu casei no religioso, em casa. Depois que o meu último marido morreu eu mudei muito. Eu fui freqüentar uma academia, fui aprender inglês. O meu marido, o pai do meu filho queria que eu aprendesse inglês para quando fosse viajar já saber. Como não deu tempo, fui fazer depois. Eu tinha muitas amizades. Aprendi a jogar cartas. **Até que comecei a cair. Meus filhos se preocuparam comigo. Um dia eu disse para eles que queria ir para o lar. Eu ia fazer 80 anos. Eu vim aqui eu mesmo conversar com A.** Sempre foi muito atencioso conosco. Eu sinto falta dele até hoje. Mas eu não tinha condições de pagar. Ele fez o que pôde e eu vim. Sabe a última que eu caí? Tiveram que me levar ao ortopedista. Fiquei com a perna engessada. Fiquei uma semana na casa da filha e outra semana na casa do filho. Trataram muito bem de mim. Então resolvi vir. **Quando cheguei aqui usava bengala. Fiquei com ela uns dois meses e nunca mais usei bengala, para nada. Nem para minha vida nem para me auxiliar a caminhar.** Eu estou com 86 anos, no papel eu tenho 87 anos. Eu tinha feito uns dias de experiência. Fui embora e uns dias depois me ligaram que tinha um quarto me esperando. **Minha vida é isso aqui. Eu estou tendo uma fase muito boa da minha vida aqui. A gente quando vivi muito, passa por muita coisa. A gente tem perdas. Mas é assim, é normal. Mas não me queixo da minha vida atual. Estou ficando fisicamente muito parecida com minha mãe.** Eu tinha quatro irmãos. Agora somos nós duas. **Não me**

lembro muito. Normalmente o idoso se lembra das coisas passadas. Eu estou esquecendo tudo: passado e as coisas recentes. Eu estou muito esquecida. Sei que isso é da idade. Tem gente mais nova que está perdendo a memória. Se pudesse, se não fosse muito tarde, eu ia aprender piano. Não saio porque não tenho condições. Mas quando dá eu vou. Estou calma, posso ler. Me dou com todo mundo. Não tenho grandes amizades, não tenho mesmo. Amigas como eu tinha, eu não tenho. Apesar de se viver sob o mesmo teto, não tem a mesma convivência. Não como estar na sua casa para receber e fazer visitas. Eu não posso sair, me locomover, pegar ônibus por causa das minhas condições físicas, não tenho forças nas pernas. Eu estou a seis anos fazendo fisioterapia. Eu sei que não vou me curar. Só não quero piorar. Não vou ficar boa da fraqueza que eu tenho nas pernas, vou ficar boa? Eu estou ouvindo menos, enxergando pior. Caminho com cuidado para não cair. Mas está bom porque estou melhor que muita gente. Eu estou vendo que isso é natural. Que é uma fase da vida. Que ninguém escapa. Não quero filosofar. Chega, já falei bastante.

SÍNTESE			
Unidades Contextuais e Significantes			
Infância	Adolescência	Vida Adulta	Velhice
<ul style="list-style-type: none"> • Pais migraram da Rússia; nasceu no Brasil; • “Pobres”; na aldeia onde moravam, as mulheres trabalhavam e os homens estudavam; • Conviveu com a mãe e o pai, três irmãos pequenos; os pais perderam um filho e uma filha ainda pequenos que a narradora não conheceu; • O pai morou nos Estados Unidos dois anos para trabalhar, enquanto a mãe ficou com três filhos pequenos em casa; • Vontade de estudar música, o sonho era aprender piano. • Percebia a diferença de classe social; • Duas irmãs morreram pela Peste Bubônica; • Sentiu inveja da colega de piano; • Não continuou as aulas de piano; • Admirava a mãe; • Teve uma infância muito movimentada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Com quinze anos e meio aceitou um casamento por indicação; • Para casar precisou registrar-se; • A situação financeira da família era muito ruim; • Estudava e fazia as lições enquanto atendia no bar; • Os dois irmãos mais velhos haviam casado; • Separou-se e após a separação os pais a receberam de volta em casa; não gostava do primeiro esposo; a vida de casada foi um inferno, mas não se queixava; estava sofrendo; • O esposo não aceitou a separação; • Engravidou; • Ajudava no bar dos pais. • Fugiu do primeiro marido; • Não tinha cabeça para brigar com o primeiro marido. • Mesmo o primeiro marido insistindo, não voltou para ele; • Foi trabalhar para criar a filha; • Se casou a primeira vez sem nunca ter namorado; • O primeiro esposo registrou a filha. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conheceu o segundo esposo quando sua filha estava com nove anos; • Eram pobres e trabalhavam muito; • Estudava a noite; • Criou na casa dos pais a filha até os nove anos; que chamava os avós de pai e mãe e a ela pelo nome; a filha detestava o pai biológico; • Nasceu o segundo filho; os filhos são muito queridos e se dão bem; • Viveu trinta anos com o segundo esposo; • Dois anos depois da morte do segundo marido, casou-se com um viúvo; • O terceiro esposo a protegia e a cuidava como o segundo. • Ficou bonita, amadureceu, desenvolveu-se; • Aprendeu muita coisa com o segundo marido; • O terceiro casamento foi para preencher alguma falta que sentia do segundo marido, da companhia, daquela atenção; • O segundo marido apaixonou-se de primeira; • Chegou ao terceiro casamento buscando no novo esposo as qualidades que via no segundo. • 	<ul style="list-style-type: none"> • Em função do desquite, ficou com o nome de solteira que usa até hoje; • Foi para o Lar; • Não se queixa de sua condição atual; • Não tem a mesma convivência que tinha com as amigas quando morava na sua casa; • Quando veio para o lar estava bem, está bem até hoje; • Após a morte do terceiro marido, sua cabeça mudou muito; até que eu comecei a cair; ninguém nem ficava sabendo; • Morou sozinha após a morte do terceiro marido; frequentou academia, foi aprender inglês, como o segundo marido queria; tinha amizades, aprendeu a jogar carta; com as quedas decidi ir para o Lar; • Sente-se calma; sente-se em melhores condições que outros idosos com quem convive; quando o terceiro marido adoeceu cuidou dele como era preciso mesmo; • Adora os filhos e netos; poucas amizades; • Não sai muito; • Relaciona-se com todo mundo; • Dificuldades de memória, de marcha, de audição, de visão; durante caminhadas receia cair. • Está ficando parecida com a mãe fisicamente; • Abandonou a bengala tanto para caminhar quanto para a vida; • Tem uma irmã viva; • Entende que não vai se curar, que não tem cura, que está vendo que é natural e que faz parte desta fase da vida; • A mãe era uma mulher sábia; • Desgosto de não aprender piano; • Estudar inglês como queria o segundo marido; • Aceita as perdas naturais.

Quadro 2 – Unidades contextuais e Significantes (entrevistada 1)

4.1.2 Entrevistado 2 – instituição A

Meus pais vieram da B. Meu pai era muito religioso. Ele estudava naquelas faculdades só de hebraico. Eles me educaram no Judaísmo, mas em pouco tempo eu abandonei. Achei que eu tinha liberdade de escolher uma outra religião por simpatia. Minha mãe era muito religiosa e muito caridosa. Fazia muito bem para as vizinhas. Meu pai ia a E., trazia frutas para colônia e distribuía para os pobres. Então, eles competiam entre os dois para ver quem fazia mais benefícios, quem era mais virtuoso. Minha mãe dizia que nossa alma tem que reinar tantas vezes até se purificar. Eu tinha uns 7 anos e não interpretava isso bem. Meus colegas saíram para estudar e vários se formaram. Meus pais precisavam de mim na colônia para ajudar na lavoura. Então eu continuei a aprender um pouco de gramática treinando com minhas próprias forças. Eu tinha dois irmãos mais velhos que trabalhavam na lavoura e eu ajudava. Meu pai preparava o arado e nós íamos tocar os bois, mais como eu era pequeno ia atrás, só pra acompanhar. Mas as lavouras não davam. Vinham gafanhotos. Quando não eram os gafanhotos eram as formigas grandes que destruíam toda a plantação. A gente lutava muito. Depois fomos para outra colônia mais próxima da vila. Ali morava minha senhora com sua família. Meu sogro era um colono mais adiantado. Tinha melhores terrenos, mais campos e plantava de tudo. A minha senhora chama-se Olga. Ela ajudava os pais a cuidar as caixas de abelhas. Havia aqueles Maragatos e Chimangos. Os Maragatos chegaram pela estradinha no primeiro vizinho. Limparam tudo: pelegos, arreios, tudo o que pertencia a eles. Já era noitinha e eles saíram para fazer a volta e passar na nossa casa. Meu sogro estava na frente da casa. Os Maragatos pegaram a estrada dando tiros e acertaram na barriga dele. E o meu sogro veio a falecer. A minha esposa ficou muito chocada, pois ela era muito agarrada ao pai. Uma vez os Maragatos limparam todos os pães. Meus pai foi reclamar aos Federalistas eles deram 10 mil réis para levar para casa. Quando meu pai retornava, os Maragatos pegaram ele, ataram ele numa árvore e ameaçaram de matar por ele ter ido denunciar. Como ele era muito religioso falou que isso só aconteceria se Deus permitisse. Os Maragatos deram gargalhadas e deixaram meu pai amarrado a noite toda. Os Federalistas chegaram e soltaram meu pai. Foi depois de um grande assalto que os Maragatos fizeram, roubando e matando gado que meus pais resolveram trabalhar noutra colônia. Porém a vida continuava difícil até que fomos para P. Eu e minha esposa nos casamos em P. em 1935. Já faz mais ou menos 68 anos de casamento. Logo que chegamos, montamos um armazém. Todo dia que eu vendia e depositava no banco. Me lembro que juntei 8 mil réis. Naquele tempo era muito dinheiro. Então eu fui com a família para X. Comprei um armazém que acabei perdendo. Nesse período eu tive dezenove

dias de febre, mas Deus não fez a minha hora. A irmã mais velha da minha senhora estava em S.G. e com o marido nos convidou para irmos para lá. Fui e comecei a trabalhar com vendas de mercadorias de casa em casa. Quando estava mais estável mandei vir a família de X. Nessa cidade nasceu minha terceira filha. Tínhamos dois filhos. Comprei um terreno com galpão que era da prefeitura, ao lado da estação de trem, onde montei uma lojinha. Juntei um dinheiro e fui pagando a prestação de um apartamentozinho em X. Em 1946, vendi a loja para meu gerente e fui embora para X. Consegui emprego como funcionário de uma loja. O dono entregou as chaves das portas para mim. Os caixas me entregavam o total, eu lacrava, fechava em caixinhas e colocava nos cofres. Eu ficava com as chaves porque eu abria a loja de manhã. Aquilo ali me fez uma aposentadoria. Tenho até hoje. Quando eu morava em S.G., os guris estavam estudando em X. A vida era difícil porque era muita despesa. Resolvi vender a loja. Se aprendi alguma coisa foi a próprio esforço. Acreditei na reencarnação, fui estudando e sei que as reencarnações são verídicas. Quanto mais se estuda mais se descobre coisas que os materialistas não descobrem. Os hebreus acreditam que no ano 6.000 virá o messias. O cristianismo demonstra que o messias já veio. Então, amai-vos uns aos outros como eu vos amei e acredito na paz para regeneração dos povos. Não há paz se não houver perdão. Eu também morei em C. em 1978 e voltei para cá em 2002. Morei lá em função dos filhos. O mais velho está estudando e morando nos Estados Unidos. Ele é artista plástico. O menor é casado com uma católica. E a filha também é casada. Eu tenho dez netos, quatro formados. São três homens e uma mulher. E tenho onze bisnetos. A minha filha mora agora em F. A filha queria que nós morássemos lá, mas não deu. Minha senhora adoeceu muito e nós resolvemos vir para cá. **Minha senhora está em tratamento e eu também. Em setembro fez exatamente dois anos.** A decisão de vir para cá foi por causa do empenho das sobrinhas. **Aqui nos tratam muito bem e é tudo muito bom. A minha senhora está com problema de memória. Gastávamos muito com médico e aqui tem uma equipe de saúde que atende todos muito bem. A gente se relaciona bem, seguido tem festas. Tem reuniões, atividades, tem a cerâmica e eu faço parte do teatro também. Tem os passeios, o bate-papo, as artes plásticas. Eu gosto muito de escrever, queria escrever um livro, mas não deu tempo. Eu tenho uma caderneta cheia de frases. Pode ser que ainda escrevo alguma coisa.**

SÍNTESE			
Unidades Contextuais e Significantes			
Infância	Adolescência	Vida Adulta	Velhice
<ul style="list-style-type: none"> • Educado no Judaísmo, mas em pouco tempo passou a estudar outra religião; • Aprendeu gramática por seu próprio esforço; • Deixou de estudar para ajudar na lavoura; • Pais vieram da B; • Os colegas de aula “espalharam-se”, e estudaram; • Pais precisavam dele na “colônia”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Foram saqueados pelos maragatos; • As lavouras não davam; • Mudou-se da colônia; • Conheceu a futura esposa e sua família, pois eram vizinhos; • Ajudava na lavoura; • O pai, que era muito religioso, não foi assassinado pelos maragatos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ainda enfrentavam “Chimangos e Maragatos”; • Muitas despesas, pois os filhos moravam e estudavam em outras cidades; • Juntou oito mil réis; • O sogro morreu assassinado; • Mudança para P.; • Casou-se; • Teve um armazém e depois, em outra cidade, uma loja. • Teve dezenove dias de febre, quase morreu; • “Podia ter morrido, mas Deus não fez a minha hora”; • O dono da loja entregou-lhe as chaves do estabelecimento; • Foi sozinho para S.G. trabalhar e depois de estabilizado mandou buscar a família. 	<ul style="list-style-type: none"> • Acredita na reencarnação; • A filha queria que morassem em F; • Tem bisnetos (11) e netos (10); • Deseja escrever um livro; • Os sobrinhos que se empenharam para trazê-los para o lar; • Foram para o lar (ele e a esposa); • Relacionam-se bem no lar; • Está aposentado; • Ele e a esposa estão em tratamento de saúde; • “Aqui nos tratam muito bem e tudo é muito bom”; • “Eu gosto muito de escrever”; • “Não deu tempo para escrever um livro”.

Quadro 3 – Unidades Contextuais e Significantes (entrevistado 2).

4.1.3 Entrevistada 3 – instituição A

Meus avós vieram da R. para as colônias Argentina. Meu pai e minha mãe vieram no mesmo navio, lá na colônia, lá na Argentina, ali cresceram e ali se casaram. Eu tive 10 irmãos. Depois que casou meu pai não morava na colônia, morava numa porção de lugares. Eu nasci em B.A., no hospital alemão. Como era a primeira criança que nasceu no hospital alemão, recém construído, me batizaram alemã. O pai tinha loja, não parava ia de um lugar para o outro e fazia negócio. Quando já estava grande ele morava em Libres. Eles tinham perto do porto, uma casa de secos e molhados. Eu morava ali. Depois de grande fiquei na A. com meus tios na B.A., para estudar. Quando estava grande, gurria, ia pra escola de Freira. Porque Libres lá como éramos judeus a escola do governo não dava pra ir. O pai tava bem de posse e tudo, tinha uma casa muito grande perto do porto. Até todos que vinham do porto paravam na minha casa, imigrantes. O pai tinha um caderno, que tinha mais de 500 imigrantes que pararam lá e o pai ajudava pra eles seguirem a frente. Eu estava no “colégio de freira” porque o colégio de L. era aquela gente simples... era índio e coisa, não dava pra ir. Como o “colégio de freira” era outro elemento e nem sabiam que era judia nem nada. Depois passou um professor que veio imigrante, então ficou um ano na nossa casa. Tinha um primo que morava também lá em L., aí nos ensinou quem nós éramos: que éramos judeus, que não éramos católicos, nossa religião. Aí eu aprendi. No colégio das freiras, quando tínhamos que rezar, eu sabia que não era minha religião, que minha religião era judia, aí eu rezava: “então como é que rezava dona Olga?” Aí eu rezava assim: “Padre nosso que estás no céu comendo tortilha de papa com cuevo”. “Amém”. “Que que está rezando dona O.? Há, estou rezando.” Eu era danada. Porque eu sabia que não era católica. Como é que eu ia rezar catolicismo se eu era judia? Saíram os pais de L. pra X e eu fiquei estudando com uma tia lá em B.A. Depois voltei pra X. E o pai tinha Pelaria muito grande. O senhor não leu meu livro. Agora no meu aniversário uma neta fez um livro, toda a minha vida. E as piadas e as coisas que eu fazia. Depois eu queria estudar, cantava, tocava piano, mas eu tinha que ajudar meu pai na pelaria e nós morávamos perto. Aí já não pude estudar. Aí veio o marido, eu me casei. Aí pra casar não tinha papel nenhum. O namorado da minha irmã menor tava louco pra casar não podia casar porque na nossa religião tem que casar primeiro as mais velhas, aí meu pai me levou lá para B.A. para o hospital alemão para pegar o papel e dizer o que eu sou. Aí eles mandaram vir no outro dia “Bom como você foi a primeira criança que nasceu, os livros foram pra Alemanha, não estão mais aqui. E só o que podemos dizer. Esse hospital foi feito com dinheiro que veio da Alemanha. Isso aqui é território alemão, que eu não era A., era alemã”. Eu fiquei com tanta raiva e vim aqui pra X e tive que me naturalizar brasileira. Aí o meu cunhado, me naturalizou

brasileira. Eu tenho dois, quatorze de julho e a outra data que ele botou pra poder fazer carteira, me naturalizou brasileira. Casei faz tanto tempo que data não tenho nenhuma. Meus irmãos tinham pelaria em outra cidade. Lá havia uma família, o pai foi lá. O filho visitou os pais e nós começamos a namorar. Ele falava russo e eu falava castelhano. Casei com vinte e poucos anos. Tive duas filhas: uma é psicoterapeuta e tenho dois bisnetos; a outra trabalha e tem imobiliária e dois filhos. Um é comandante. **Coisa mais linda o meu neto. Onde ele viaja me manda cartão. Ele esteve aí semana passada.** Trabalhei com o pai quarenta anos na pelaria. **Gostava muito de fazer piadas. Depois que tiraram minhas pernas não dá.** Eu trabalhei muito porque meu marido era viajante. Quando meu marido ficou doente eu viajava todo o Rio Grande do Sul. As minhas filhas quem cuidava era a minha sogra. Ele tinha uma firma de roupas em S.P. **Fiz muita coisa na vida, mas agora não dá. Me tiraram as pernas, não posso. Quando vim para cá com noventa e oito anos eu não tinha nada, não tinha doença, estava bem. Vim para cá porque pensava que com essa idade não queria ser problema para as filhas e o filho mora em Brasília a mulher ganhou nenê e pediu a empregada que trabalhava comigo muitos anos. Para não pôr outra no lugar conversei com os filhos que iria para o Lar. Já faço minha vida e vocês fazem as suas. Depois começou dor na perna e tiraram e depois a outra por má circulação e aí acabou tudo. Aí a cabeça já não é a mesma. Me lembro, mas não como antes. Bom, mas agora não posso escrever pois estou com catarata e tenho que operar. Já fiz mais de vinte panos de prato aqui no Lar. Não dá pra trabalhar. Meu esposo faleceu há muito tempo; eu já tinha as filhas casadas. Faz muitos anos. Nas festas sempre fazia tudo, fazia jejum, sempre fiz esse ano e o ano passado não tem deixado. Dizem que na minha idade não posso ficar sem comer. Meu marido ia ao mercado e trazia peixe e eu que fazia toda a comida todas as festas eram na minha casa e eu que fazia tudo. Eu digo que não tenho pecado de tanto pescado que eu fiz. Ensinava tudo: como fazer comida, compras. **Agora na minha idade não dava e vim pra cá. Não tinha doença não tinha nada. Ainda bem que estou aqui. Quem ia me atender como me atendem aqui? São bons pra mim. Eu não tenho queixa de nenhuma delas. Todas gostam de mim. E eu faço tudo que posso. Vou jogar Bingo ganho balas, ganho tudo dou pra elas. Quando ganho alguma coisa sempre dou pra elas. Trato bem. O que vale na vida é a amizade digo só maravilha. No bate-papo, uma vez por semana dizem pra se queixar se quiserem. Mas eu não digo nada. Eu quero amigo não quero inimigo. Eu sou sozinha. Eu não conto. Elas contam. Um se queixam da comida eu não me queixo pra mim ta bom assim. Vai se vivendo. Fiz 100 anos este ano. Eu nem acredito. Chamam-me de centenária.** Tem duas irmãs. Sou da metade; a de P. é 10 anos**

mais nova que eu e não parece, uma beleza bem nova. **Eles não acreditam que fiz 100 anos. Nem eu. Eu ainda conto algumas piadas, anedotas. Mas não como antes. Antes eu lia e escrevia, fazia poesia, agora não dá; cantava, tocava piano. Esses dias teve festa, veio um senhor que tocava piano. Perguntei se ele tocava Carmelito, ele tocou e eu cantei. Vivo a vida assim agora. Mas se tiver alguma coisa não digo pras filhas. Não me queixo. Trato de arrumar. Não quero dar desgosto pra elas.** A filha que está nos Estados Unidos chega hoje. Queria que todas as mães do mundo tivesse as filhas que eu tenho. Tão dedicadas. Quero alguma coisa na hora elas trazem. Cuidam dessa mãe. Fora o que me cuidam aqui. Vai se vivendo. Tenho paixão pelos meus netos, meus bisnetos. Uma fez um livro ela é formada em arquitetura. A filha mais velha trabalhou muitos anos no juízo de menores até se aposentar. Quis ter uma creche. Fez um consultório na frente de casa pra atender criança e adolescente. Ela não pára. A outra também trabalha numa creche em V.. Ela também foi homenageada. **Quer dizer então que tenho orgulho de meus filhos, netos e bisnetos. Os netos e as netas têm paixão por mim. Tendo aquela amizade que nós temos ele pode viajar todo o mundo.** Podia fazer uma viagem com ele. Uma vez eu fui. Tinha casamento lá em São Paulo e ele me levou. Eu pedi pra guiar o avião tinha uns sessenta passageiros e ele não deixou. Agora, aqueles dos Estados Unidos são os bisnetos. Um tem quinze e dezessete anos. Ela é professora de inglês. Ele foi nomeado pra lá. Ele é engenheiro do pólo petroquímico. **A irmã de S.P. eu não vejo com freqüência. Tem que ir lá e anda meio doente e nem sabe o que aconteceu. A outra sim de P. tem filhos aqui. A outra nem quero que saiba. Se já tenho a desgraça pra que ela sofrer. Ela ia sofrer muito. Nem contei pra ela.** Também não ta muito boa. **É, a vida é assim. Vai levando. Cem anos é um presente e eu estou vivendo, mas não quero dar trabalho. Eu gostaria de virar a cabeça e me mandar. Mas quem sabe o dia de amanhã. Não, não me incomodo de ter cem anos. As vezes tem alguma coisa. Agora tem que operar os olhos. Tenho catarata. Eu trabalhava nos panos, escrevia poesia, agora não posso fazer nada. Só te olhar.**

SÍNTESE			
Unidades Contextuais e Significantes			
Infância	Adolescência	Vida Adulta	Velhice
<ul style="list-style-type: none"> • Pai recebia imigrantes em casa; • Não sabia que era judia; • Foi batizada alemã; • Pai e mãe casaram na A; • Teve dez irmãos; • Pai e mãe mudaram-se muito; • Estudou no colégio de freira, pois o pai tinha posses, era judeu e não foi para escola do Governo; • Mudou-se com os pais para L; • O pai viajava para fazer negócios e foi dono de loja de secos e molhados; • Figura relevante: o pai; • Um professor particular revelou que era judia; • Trocava os versos das canções religiosas na escola; • Não seguia as rezas católicas já que era judia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não conseguiu registro do hospital alemão; • Naturalizou-se brasileira; • Parou de estudar; • Morou em B.A. com os tios para estudar; • Ajudou seu pai na Pelaria. 	<ul style="list-style-type: none"> • O esposo era russo e ela era castelhana; • Casou-se aos 16 anos; tem duas filhas; • Trabalhou 40 anos com o pai; • Viajou pelo Rio Grande do Sul no lugar do marido. • Marido adoeceu; • Fazia tudo em casa para as festas judaicas; • Contava piadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Duas irmãs vivas, mas apenas com uma mantém contato porque ela vem a X; • Têm uma neta, três netos, dois bisnetos; • Não queria ser problema nem dar trabalho para as filhas; • Perdeu das pernas; a cabeça não é mais a mesma; a catarata para operar; • Na instituição são bons para ela; • "Quero amigo, não quero inimigo"; • Queria virar a cabeça e se mandar; • Não se queixa; • Valoriza o livro da neta; • Não queria dar desgosto; • A irmã tem 90 anos e é "bem nova, uma beleza"; • Não acredita que tem cem anos; • Ter cem anos é um presente.

Quadro 4 – Unidades Contextuais e Significantes (entrevistada 3).

4.1.4 Entrevistada 4 – instituição A

Nasci na Rússia em 1908. Três anos mais tarde nasceu minha irmã S. Treze anos mais depois a caçula, a minha irmãzinha predileta A. Com 4/5 anos a minha mãe colocou-me num jardim de infância. Quando ainda pequena, aconteceu a I Guerra Mundial, pois os alemães queriam possuir a terra do Mar Báltico, pois abria o caminho a eles ao oceano. Os alemães atacaram parte da Rússia, atirando bombas. Houve gritaria e medo, as crianças que brincavam na rua chamavam pelas mães e as mães chamavam por seus filhos. Com o barulho das bombas que estouravam, as paredes das casas caindo. me impressionei tanto que disse para minha mãe que nunca iria ter filhos, para que não sofressem como as crianças como as crianças daquela época. A minha mãe respondeu que nunca mais iria ter uma guerra tão grande, mas houve a II Guerra Mundial, muitíssimo pior. Durante a época da revolução da Rússia houve divisão daquela parte da Rússia que acabou criando pequenos países independentes de povos que a séculos moravam naquela zona, subjugados pelos russos, como: letos, letonianos, estonianos, etc. Com o fim do Czarismo estes independentes países (Látvia, Lituânia, Estônia, Finlândia), livres agora, começaram a desenvolver suas línguas, criar gramáticas, escrever livros, abrir escolas e nós, em Látvia, aprendemos a falar leto. O país era democrático, mas havia separação entre letos e judeus. Havia anti-semitismo e judeus não tinham vida fácil naquele país. Eu freqüentei uma escola polonesa por ter ficado perto de minha residência. Eu tinha entre 8/10 anos. Como sempre as crianças faziam barulho durante a aula. Um dia nossa professora polonesa, muito bonita, de quem nós gostávamos muito, gritou para nós: “não façam barulho como os judeus na sinagoga”, eu fiquei chocada. Levantei-me e pedi a professora para retirar o que havia dito, pois estava nos ofendendo. Ao que ela respondeu: “Sente-se e fique quieta, pois senão lhe colocarei para fora da classe”. Eu respondi que se ela não retirasse suas palavras eu iria à diretora para queixar-me da ofensa. A diretora disse-me que não levasse isto tão a sério e voltasse para a sala de aula; eu reagi dizendo que se eu saísse da aula, levaria todas as crianças judias, contando as mães delas toda a história, sugerindo as minhas colegas que saíssem comigo desta escola polonesa. Quando contei á minha mãe que não iria continuar naquela escola, ela zangou-se, pois por perto só havia um colégio novo bilingual (russo-hebraico), onde estudavam tanto meninas quanto rapazes. Deste detalhe minha mãe não gostou e disse que não ME deixaria ir para esta escola. Eu disse para ela que só continuaria a estudar se fosse naquele colégio. Foi um primo um ano mais velho que conversou com meus pais que concordaram com a idéia depois de muita discussão. Algumas colegas também foram comigo para este colégio, que foi formidável. A diretoria colocava

professores de primeira classe, eram excelentes e eu freqüentei esta escola até o fim de meus estudos, que me deram direito de entrar na universidade. Quando fui para a universidade inscrever-me, disseram que como eu era judia não teria muita chance de passar nos exames. Aos 10 anos de idade, já havia decidido que viria a ser médica, pois queria auxiliar as pessoas que sofriam; como não poderia estudar naquela universidade em R., me restava viajar para outro país. Naquela época a vida era muito difícil, e um primo de meu pai, que era cônsul na África do Sul, sugeriu que fossemos para lá, onde a vida era fácil e boa. Meu pai era gerente de uma grande joalheira, mas resolveu aceitar o conselho. Ele foi primeiro para ver como era e procurar um lugar para nos instalarmos. Quando imigramos pela primeira vez, não gostamos da mudança, pois o país era novo e tinha uma língua nova. Em casa falávamos em russo, alemão e letão. Lá se falava inglês. Minhas irmãs não falavam inglês: a menor aprendeu com facilidade por ter tido pouca idade. Eu não gostei da África do Sul; para fazer medicina precisaria ter um automóvel, pois a universidade era em outra cidade; queria então ir para a Europa. Minha mãe estava de acordo comigo, porém meu pai não queria que eu fosse e disse que não me daria dinheiro para a passagem e para sustentar-me. Resolvi trabalhar; dando aulas não ganharia a soma que necessitaria em pouco tempo, então aceitei o trabalho de cobradora do ônibus que pertencia ao amigo de meu pai; trabalhei por treze meses. Fui para a Universidade de Praga. O povo suíço em geral não gosta de se misturar com estrangeiros, mas me aceitaram muito bem, um dos docentes gostou tanto de mim que queria me adotar, mas como era judia e eles cristãos, e meus pais estavam vivos não pude aceitar a sugestão deles, mas ficamos grandes amigos. O dinheiro para a viagem e estudos ganhei com meu trabalho, porém para viver eu recebia dinheiro de minha mãe. A infelicidade quis que meu pai perdesse seu negócio e minha mãe não pode mais mandar dinheiro. Eu estava desesperada. Então uma colega de estudos Dra. E. resolveu auxiliar-me e foi falar com os docentes e estes me aconselharam a falar com o diretor. Ele impressionou-se e aconselhou-me a fazer um curso de auxiliar de enfermagem onde poderia ganhar algum dinheiro e após, quando meus pais voltassem a me ajudar, continuaria o curso de medicina. A faculdade deu-me um quarto e sugeriu que começasse a comer nos restaurantes universitários, onde não necessitaria pagar. No quarto fazia para o café da manhã e noite um chá preto e comia um pãozinho. Comecei a estudar no novo curso, mas não o terminei, antes disso consegui voltar para a medicina. Em uma aula encontrei uma senhora jovem. Soube que ela era casada com um docente da universidade. Ficamos amigas e seguidamente visitava-a. Um dia vi um buquê de cravos vermelhos num vaso trabalhado, em cima da escrivaninha à frente de cortinas bege, onde o sol batia nos cravos, dando um certo brilho às flores; gosto muito de flores e de tudo o que é

bonito. Fiquei encantada com aquela cena e quis agradecer a quem me proporcionou aquela alegria. Nisto entra o esposo de minha amiga e eu pensando que os cravos eram dele disse: “Dr. W, estou lhe devendo um agradecimento pela alegria que os cravos me proporcionaram.” Ao que ele me respondeu: “Não são meus, mas sim de um amigo que mora no Brasil.” “Então agradecerei a ele.” Pedi a Sra. Dra. E. mandar uma carta, pois não conhecia a pessoa. Quando o amigo dela recebeu meu agradecimento pela satisfação em ver os cravos, respondeu de uma maneira que tive que responder. Assim nasceu uma troca de cartas, no total de 13 (treze) durante um ano. E. estava muito feliz em seu casamento e estava esperando um bebê quis que o amigo que se chamava M. e eu também fôssemos felizes. Achou que deveria fazer algo para que nós nos encontrássemos; ela resolveu criar uma mentira: disse-me que a mãe de M. iria sair da Alemanha e iria para o Brasil e que era doente. M. havia recebido fotos minhas através de E. e pediu a sua mãe que me trouxesse; ela achou que eu fosse namorada e concordou. Encontrei-me com ela no porto de Hamburgo. E. disse-me que a mãe de M. era velha, fraca e doente, e não poderia viajar sozinha. Como não conhecia ninguém, pediu a mim para fazer este papel. Nunca iria recusar nada à E. Eu gostava muito dela e ela tinha um coração de ouro, assim, aceitei o convite dela. Ao encontrar a senhora, fiquei impressionada pelo fato dela estar forte e caminhar com passos firmes. Durante a viagem ela foi muito atenciosa comigo e eu estava estranhando. Quando chegamos em X (numa cidade do extremo sul do país) chovia muito. M. morava em Y e teve dificuldade para conseguir um táxi que o levasse para X; quando subiu no navio para receber sua mãe e a mim, enquanto abraçava a mãe, pensei: “que homem cinzento”, nisso ele se virou para mim e disse: “você é S., sua expressão mudou, ficou amável e simpático. Tempos depois ele me disse: “quando te vi, tudo dentro de mim disse sim para contigo”. M. sugeriu que eu fosse para a casa deles e não para o hotel pois não falava português. Pediu-me para que eu auxiliasse sua mãe, que trouxera 60 (sessenta) caixotes – ela trouxe tudo que pode: cristais, prata, louças, roupas de casa. Eu pensava passar um mês no Brasil e trouxe comigo só duas malas. M. perguntou: “só duas malas?”. Eu disse que era o suficiente para um mês. Fiquei morando com eles, dormia no quarto de sua mãe e M. ficava no quarto ao lado. Auxiliei-a a tirar tudo dos caixotes e arrumar nos armários. No final do dia ela ficou cansada e foi deitar-se cedo. M. perguntou-me se queria deitar-me, disse que ainda era cedo. Ele sugeriu que fôssemos escutar música. Depois de alguma conversa achei que deveria me retirar, estendi a mão dizendo boa-noite. Ele segurou a minha mão e disse-me: “S., quer ser minha mulher?” – isto no primeiro dia! Eu havia gostado dele. O achava simpático, conversando percebi que era muito educado e com conhecimentos gerais e assim resolvi aceitar o seu pedido. Ele me puxou para perto de si, me abraçou e deu-me um beijo bem de

leve; eu tinha 26 anos e ele 31anos. Não trocamos mais nenhuma palavra e fui para o quarto. No caminho lembrei-me e disse a ele: “M., nós não nos conhecemos, será que vai dar certo?”, ele respondeu: “Vai dar”. M. tinha confiança no que fazia, era muito inteligente, independente e muito culto. No outro dia pela manhã ele entrou no quarto e anunciou à sua mãe o noivado da noite anterior. A mãe dele respondeu: “Felicidades” (com a voz desapontada, pois pensou que iria tomar conta da casa do filho). M. perguntou-me se eu queria usar aliança pelo esquema europeu ou brasileiro e que língua eu gostaria de falar. Disse-lhe que gostaria de falar o português, agora estava no Brasil e que esta seria minha pátria, minha casa devendo falar o português e usar a aliança conforme o costume no Brasil. Noivamos em junho de 1934 no mesmo dia de minha chegada e esperamos o tempo necessário da publicação, para ver se não teria objeções por parte de terceiros. M. comprou as alianças e veio um juiz de paz a nossa casa para fazer o casamento. Como eu não sabia falar o português, M. explicou-me que eu só deveria falar “sim” e quando tivesse que dizer ele me daria um empurrãozinho. Escolhemos o dia 5 de outubro para nos casarmos, pois ele trabalhava em uma fábrica e esta data era sexta-feira, o que não atrapalharia o seu serviço. Sábado e domingo ele poderia ficar em casa comigo. Mas o destino interferiu. M. viu sair água fervente de uma das máquinas, ele foi e a fechou e queimou os pés e a mão direita. Eu fiquei o atendendo toda a noite e no outro dia deveria ser o casamento. M. tentava caminhar, mas não dava, esperamos então ele sarar. Não tivemos lua-de-mel, ele era gerente e trabalhava junto com os proprietários e não poderia ausentar-se. Morávamos em Y, a casa já era toda mobiliada, M. alugou a casa ao lado para sua mãe morar. Moramos dois anos em Y, após a firma pediu que fôssemos para X. Lá compramos uma casa, com um terraço que dava para o jardim com árvores frutíferas e, moramos mais ou menos sete anos, na época da segunda grande guerra. Quando casamos, disse a M. que a lida da casa não me interessava e queria fazer algo útil, então comecei a trabalhar na Cruz Vermelha Inglesa. Organizei um grupo de israelitas que fazia trabalhos de tricô para os soldados aliados. A firma onde M. trabalhava era de cinco irmãos e um deles era anti-semita e nazista e quando M. descobriu, resolveu sair da firma, pois não deixaria um nazista mandar nele. Então M. se estabeleceu com um escritório de representações, em 1943, quando viemos para a capital. Ele escrevia aos consulados dos Estados Unidos, Europeus e dos Asiáticos e se colocava a disposição para representar suas firmas no Brasil. Ele tinha um dom de falar e escrever, bastava uma carta para conseguir o que queria. Num país asiático sua carta causou muita impressão e o presidente de uma das firmas resolveu vir ao Brasil para conhecer o homem que tinha a coragem de fazer este serviço; ficamos amigos deste senhor. Eu trabalhava junto com M., pois falava várias línguas, ele era a cabeça e eu “o resto do

corpo”, estávamos muito felizes. Fechamos o escritório em 1982, M. estava com 80 anos, era esportista, fazia muita ginástica, mas não tinha muita saúde. Todos os anos no verão íamos para a praia. Tomávamos banho de mar, caminhávamos na praia, íamos ver o pôr do sol, íamos a concertos. Eu tinha jóias maravilhosas, sempre bem vestida. Ele comprava tecidos maravilhosos para mim e conseguia as melhores costureiras. **Entramos em uma sociedade artística-cultural como sócios, íamos ao teatro, concertos.** Ele gostava de me ver bem vestida e com aquelas jóias. Orgulhava-se de mim. Em 1985 ele sentiu-se mal. Foi constatado que tinha câncer na medula, deram oito meses de vida. Vieram dos Estados Unidos os hormônios. Mas M. começou a ficar com metástases que atacaram seu cérebro, ele não reconhecia mais ninguém. Um amigo de M. o estava cuidando desde o aparecimento da doença. Ele me disse que no dia de natal eu iria ver M., pois eu estava com a perna quebrada, andava de muletas (hoje uso andador) e o amigo de M. não deixava eu vê-lo antes. Quando as metástases chegaram ao coração, M. faleceu. Foi no dia 25 de dezembro de 1988. **O hospital colocou-o num caixão fechado e levaram-no ao cemitério. No lugar do sepultamento coloquei um “MATZEIVA” indicando a data de nascimento e falecimento e “Descanse em paz”. E então fiquei só.** Morava numa casa e pode-se imaginar em que estado fiquei. Um amigo que era diretor do Lar, disse que não me deixaria sozinha com a empregada e, então, trouxe-me para o Lar. Foi uma época pavorosa; aqui ele apresentou-me uma amiga e a médica. **Custei muito me acostumar; a médica e minha amiga me ajudaram muito.** Naquela época o presidente me acolheu com atenção e compreensão, ficamos amigos e vem me visitando. **Acostumei-me a morar aqui. Passo os dias lendo livros variados. Às quintas-feiras colocam óperas e concertos para eu ver. A gente daqui não gosta e eu assisto sozinha. Cheguei a conclusão que este lugar é maravilhoso por tudo que se faz para os residentes.**

SÍNTESE			
Unidades Contextuais e Significantes			
Infância	Adolescência	Vida Adulta	Velhice
<ul style="list-style-type: none"> • Nasceu na Rússia; • Refere a questão do anti-semitismo; • Foi para o jardim de infância e para uma escola polonesa, e frequentou um colégio bilíngüe (russo-hebraico); • Queria ser médica; • Relata sentimento intenso frente aos bombardeios; • Decisão de não procriar para evitar sofrimento das crianças; • Figura da mãe relevante; • Sentiu sofrimento das crianças na Primeira Guerra Mundial; • Ofendeu-se com a Professora que comparou o barulho da sala de aula ao dos judeus na sinagoga; • Saiu da escola onde se sentiu ofendida; • Levou outras crianças consigo; • Manifestava desejo de ajudar aos que sofriam. 	<ul style="list-style-type: none"> • Foi para a Europa estudar Medicina; • Pai não quis lhe dar dinheiro para viajar nem para lhe sustentar na Europa; • Não foi aceita para os exames da universidade; • Pai era gerente de uma grande relojoaria; • Na África do Sul, trabalhou como cobradora de ônibus; • Os melhores professores lecionavam no colégio russo-hebraico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Voltou ao curso de Medicina; • Começou namoro por cartas; • Mudou-se para a Suíça para estudar; • Fez um curso de auxiliar de enfermagem para trabalhar, mas não concluiu; • A amiga E é uma figura relevante; • Aceitou viajar com a mãe de M. mesmo vendo-a muito bem de saúde; • Tinha a intenção de ficar no Brasil um mês apenas; • Moraram em R. na época da Segunda Guerra Mundial, quando trabalhou na Cruz Vermelha; • Foi pedida em casamento no primeiro dia de encontro; • O esposo teve queimaduras na véspera do casamento; • Optou usar alianças e falar português. 	<ul style="list-style-type: none"> • “Fiquei só”; • Associou-se numa sociedade artística-cultural; frequentava teatros e concertos; • Comprometida; usa andador, pois não pode mais caminhar sem auxílio; • Custou a se acostumar; • Foi uma época pavorosa; • Passa os dias lendo livros variados; • Ouve óperas e concertos; • Não foi possível velar o marido, pois estava com a perna quebrada e usava muletas; • O Lar é maravilhoso.

Quadro 5 – Unidades Contextuais e Significantes (entrevistada 4).

4.1.5 Entrevistado 5 – instituição A

Eu me chamo S. Minha mãe, E. foi fundadora das D.C. de X. Durante a guerra esta entidade prestou muito auxílio aos necessitados. Meu pai era um trabalhador honesto, muito direito, mas não tinha emprego fixo. Casaram em Nova Iorque. e tiveram oito filhos. Um deles, que morava em Nova Iorque, não se sabe até hoje, vinha para o Carnaval. Aqui no Brasil servia de Remelexo do maior cordão da época, que se me lembro bem chamava Tesourinhas. Uma coisa que interessante é que até hoje não sabemos porque ele era assim tão divertido. Os outros irmãos eram mais sisudos, mais sérios. Esse era o mais velho e o mais divertido. Outro irmão estudava Teatro. Perdeu tudo, tudo. Morreu na maior miséria por causa do Teatro. A última façanha que ele fez foi a seguinte. Ele tinha três propriedades no Rio de Janeiro. Vendeu as três propriedades e foi para os Estados Unidos para se aperfeiçoar em Teatro. Quando ele gastou todo o dinheiro, voltou e os amigos deram as costas para ele. Quando ele morreu, acho que nem a cama que ele dormia era dele. Quando viemos para o Brasil, fomos para o interior. Moramos em V. Meu pai abriu uma casa de negócios lá. Trabalhamos muito. Quando saímos de lá, a cidade fez uma homenagem a nossa família. Naquele tempo não tinha ônibus; era diligência. Saímos do baile, pegamos as duas diligências e fomos para B.G. onde começava a V.F. Viemos para X em 1923, 25. Meu pai fez vários negócios que nunca deram certo. No fim da vida, eles abriram uma loja em L.V., com a qual tiveram muito sucesso e ficaram lá muitos anos. Trabalhei como viajante muitos anos. Viajei por três estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Também viajei muito a fronteira de São Paulo com o Paraná. Era mais ou menos meio-dia, eu cheguei numa cidade em que o dono da loja para quem eu ia vender estava sentado embaixo de um parreiral e eu fui falar com essa pessoa e tinha outra pessoa falando com ela. Estava tomando cerveja. Ele me ofereceu, mas como eu casualmente não estava bem do estômago, não aceitei. Quando olhei em direção a umas árvores, vi uma mão que acenava me chamando. Eu disfarcei e fui até essa pessoa. Ela me disse para fugir porque aquela pessoa que me ofereceu cerveja e eu não aceitei ia tomar satisfação comigo. E era o maior bandido daquela zona e andava solto. Eu logicamente não estava ali para morrer assassinado, pequei minhas malas e sai para a cidade mais próxima chamada Ponta Grossa. Depois de uns anos viajando, fui trabalhar com meus pais. Namorei uns quatro anos e me casei em 1945. Dois anos depois nasceu meu único filho. Eu morava e trabalhava com meus pais em Lagoa Vermelha. Meu filho era loirinho, uma beleza de criança. Um belo dia ele estava doentinho e nós não levamos ele para a loja. Como a minha esposa trabalhava conosco, almoçávamos num hotel perto, pois ela não cozinhava. Naquele tempo não tinha água encanada. Tinha poço fora de casa e dentro de casa. A minha esposa pediu à

menina que ficou com ele que trouxesse água do poço enquanto ela arrumava o almoço que havia levado do hotel para eles. De repente, veio correndo um menino com um brinquedo na mão e disse que o I. havia caído no poço. A minha esposa não atinou na hora. Quando chegou no local e viu o que tinha acontecido começou a gritar por socorro. Tinha grudado a minha casa um terreno grande onde era uma pensão de mulheres (posso falar isso?) e elas foram as primeiras a pular a cerca e vir correndo lá para casa. Uma fervia a água, outra atendia a minha esposa que passou mal quando viu a empregada acenando que o meu filho havia caído no poço. O vizinho de frente de nossa casa pulou a cerca e corajosamente entrou no poço. Pôs a mão na água e percebeu que na superfície meu filho não estava. Ele mergulhou a mão embaixo e a criança estava com o braço para cima. O meu vizinho conseguiu pegar e puxou a criança para fora da água e lá mesmo se equilibrou em um degrau, daqueles que se faz para poder entrar e sair do poço para limpar e salvou a criança. E graças a Deus e a coragem desse vizinho, Deus não tirou a vida dele, me entregou ele são e salvo. A cidade toda veio atrás porque era meio-dia, todo mundo almoçava. Veio um médico que examinou a criança e disse que nada havia acontecido com ela. E essa queda terrível foi a única coisa trágica que aconteceu na minha vida. Eu sempre fui rígido com ele. Pouco tempo depois nós fomos para X. **Um irmão meu ficou tomando conta do negócio e foi ele que morreu quando minha senhora faleceu. Depois da morte dela eu vim para o lar.** Meu filho é formado em O. e trabalha no N. numa boa posição. Viaja como auditor. Ele tem uma filha que esse ano se formou e para minha satisfação o Colégio ofereceu um emprego para ela ser professora. Mas ela não aceitou e está trabalhando em outro emprego. Minha mãe trabalhou muito. Sacrificou a educação da família dela para cuidar dos pobres judeus que vinham da Europa ou mesmo daqui. A minha mãe adoeceu e esteve internada no H.S.F. Ela tinha 97 anos quando faleceu. Um irmão que era médico me deu o dinheiro para eu ir acertar as despesas no hospital. Fui lá e uma freira bem velhinha me recebeu. Eu me apresentei e disse a ela o que tinha ido fazer. Ela me disse que E., naquele hospital, não devia nada. Minha mãe recolhia dinheiro entre os patrícios e ajudava o hospital. Depois que meus pais morreram, nossa família se desuniu. **Todos os meus irmãos morreram. Minha esposa, que por sinal era muito bonita, faleceu faz três anos daquela doença maldita. Foi muito rápida a morte dela. Não pude fazer nada por ela.** Nem ir para os Estados Unidos para procurar recursos. Se bem que os mesmos recursos que tem lá, tem aqui. Minha esposa e minha nora faleceram da mesma doença; meu irmão eu não sei. Levaram ele. Ele morava perto do H.C. e levaram ele como indigente. **Nós éramos sócios: eu, ele e a mãe. O pai não tinha emprego, não era aposentado nem nada. Então nós que sustentávamos ele. Eu estou com 90 anos esperando atingir o final.** Minha

vida foi muito calma, normal. Não tive grandes problemas. Para mim foi muito fácil. A minha vida não foi nada trabalhosa. Tinha três propriedades que doei: duas para o meu filho e outra para a minha neta. **Eu treinei para as coisas da vida. Por exemplo: viajar e comer qualquer coisa. Comecei a comer fora de casa quando sabia que ia viajar. Tinha que me sujeitar.** Além disso, não tinha automóvel e viajava de ônibus com cinco malas para tirar e botar em cima da tolda do ônibus que é como levávamos as malas naquela época. **E assim vivi muitos anos, 38/40 anos viajando. E me aposentei.** Conheci muita gente. Onde eu chegava quando ia passear ou viajar com minha esposa sempre encontrava alguém conhecido. Isso para mim é motivo de orgulho. **Eu era uma pessoa de bem, tinha muitas amizades na sociedade. Nunca ficava sozinho,** a menos que saísse só com minha esposa. Eu arrumei uma esposa muito bonita e delicada. **Inclusive quando minha senhora estava viva tínhamos decidido vir para cá. Estava com saúde. Eu caminhava, não usava cadeira de rodas.** A gente vinha aqui antes em jantares, festas, vínhamos para visitar. Só que o poder aquisitivo não atingia e era mais difícil entrar naquela época. Então esse plano saiu dos nossos planos. **Ficamos vivendo em nossa casa até ela completar 77 anos e falecer. Eu estou aguardando. Pretendo ficar aqui até morrer.** Eu pretendo incinerar meu corpo e não fazer túmulo. **Os judeus gostam muito de fazer túmulo, mas eu não vou fazer túmulo. O meu irmão se incinerou e eu também vou mandar incinerar. Meu filho não quer, mas eu quero.** Se havia uma reunião sempre tinha com quem conversar. Engraçado. Eu estou me lembrando que a minha vida tinha coisa. O único acontecimento trágico na minha vida foi a queda do meu filho e foi um verdadeiro milagre ele ter se salvado.

SÍNTESE			
Unidades Contextuais e Significantes			
Infância	Adolescência	Vida Adulta	Velhice
<ul style="list-style-type: none"> • Pai e mãe casaram em Nova Iorque e tiveram nove filhos; a mãe trabalhou muito, sacrificou praticamente a educação da família para cuidar dos pobres j. que vinham da Europa ou daqui mesmo; • A mãe foi fundadora de um grupo que fazia assistência aos necessitados; • O pai abriu uma casa de negócios na cidade do interior onde moraram, logo que vieram para o Brasil; 	<ul style="list-style-type: none"> • Um irmão morava em Nova Iorque e vinha para o Brasil no carnaval e participava dos cordões carnavalescos da época; • Outro irmão estudou teatro e perdeu tudo, morreu na maior miséria; • Os pais vieram para o Brasil e foram morar no interior quando foram embora a cidade fez uma homenagem à família, após um baile. 	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu não tinha automóvel. Precisava ver o trabalho que tinha para tirar do ônibus cinco malas”; • Teve três propriedades que distribuiu com o filho e a neta; • Namorou quatro anos, até melhorar de vida e pagar as contas; • Aconteceu o casamento; • Quando o pai perdeu tudo de novo a mãe, o irmão que não era casado e o entrevistado sustentaram o pai porque ele não era aposentado nem nada; • O pai fez diversos negócios que nunca deram certo, até que ele e a mãe abriram uma loja e tiveram sucesso; começou a trabalhar como viajante; • Quando o pai faleceu um irmão assumiu a loja; voltou para a terra natal em 1947 para trabalhar com os pais e já tinha o filho com dois anos; • O filho caiu no poço; foi salvo pelo vizinho; • Medo de ser assassinado; • Gratidão a Deus por não tirar a vida do filho e devolvê-lo depois da queda no poço, são e salvo; • Valorização do trabalho de caridade da mãe; 	<ul style="list-style-type: none"> • O poder aquisitivo não permitiu, numa dada época, que ele e a esposa viessem para o Lar; • A mãe faleceu no H.S.F. e o hospital não aceitou que eles pagassem a conta da internação por causa dos benefícios que ela fizera àquela instituição; • A mãe faleceu com noventa e sete anos e depois disso a família se desuniu; • Ir para o Lar foi uma decisão sua; a nora, a esposa e o irmão que não era casado faleceram na mesma época; • Não tem mais ninguém; tem um filho e uma neta; • “Só fiquei eu de oito irmãos”; • Aos noventa anos espera até atingir o final; • Quer ser cremado; • O irmão pode ter sido levado como indigente para o hospital; • Ele e a esposa iam muito as festas; • Aposentou-se com trinta e sete anos e oito meses de trabalho; • A vida foi normal, calma; • Está aguardando a morte; • Conformação com a morte;

Quadro 6 – Unidades Contextuais e Significantes (entrevistada 5)

4.1.6 Entrevistada 6 – instituição B

Meu nome é G.D'. O D' que é sobrenome é nobre. Do meu marido. Eu não assino o nome dos meus pais. Eles eram maravilhosos, por isso é que eu sou assim boa. Não me lembro muita coisa, mais da minha adolescência que eu vivia com meu pai e com minha mãe e eu tinha uma vida de princesa. Tudo era bom, tudo era bonito. Eles acharam que eu tinha que estudar e sair do lugar onde eu estava, daquele âmbito em que eu tinha me criado. Mas isso tudo na capital. Foi na capital que eu me criei. Saía, passeava, mas a vida toda foi aqui. O meu pai era como se diz...funcionário público. Não era grande assim, era funcionário público. A mãe era professora, era catedrática. A minha mãe era professora. O meu pai sempre dizia que a minha mãe era mais culta que ele. Mas ele não se importava. Ele dizia que “a minha mulher é muito culta”. Eu tenho irmãos. Tem uma que mora aqui também. Eu vim para cá mais por causa dela. Outra irmã mora em outro lugar. Nem me lembro onde ela ficou. Nós somos três mulheres e um homem. Todas têm nomes com Gl. Só que meu irmão nasceu quando já estávamos maiores e as irmãs que escolheram o nome dele. A mãe queria pôr Gl., nós escolhemos G. e a mãe muito concordata que era aceitou. Seguido ele vem aqui. Ele não me largou, não me abandonou aqui. Ele é muito querido esse meu irmão. **Eu não morava com ele. Eu morava na minha casa, eu tinha a minha casa. Eu tenho saudades deles porque ficou só eu, quer dizer, os outros estão por aí**, ninguém morreu. Está todo mundo quietinho, está todo mundo aí. Essa minha irmã, que eu vim mais por causa dela, é muito querida também. Eu sou a mais velha dos irmãos. **Estou com 81 anos, feitinhas, 81 anos e em boa forma, boa cabeça, graças a Deus. Não fiquei com problema de esquecimento. Tudo eu gravei, tudo eu tenho direitinho.** A mãe era catedrática, mas eu só estudei no colégio S.J. de S.L. Não fiz faculdade. Foi lá que a mãe me botou de pensionista para eu ficar lá bastante tempo. As minhas irmãs também ficaram no pensionato. O homem não. O homem não ficaria em lugar nenhum. No colégio eu fiz tudo completo. Só saí de lá porque não tinha mais nada para aprender. Trabalhar, eu nunca trabalhei. Eu não tinha profissão nenhuma. A gente trabalhava só por trabalhar, não era para ganhar dinheiro. A gente não queria ganhar dinheiro. Não precisava de dinheiro, graças a Deus. A nossa vida não precisou de dinheiro. Eu me casei e o meu marido era muito bom. Ele morreu faz muito tempo. Mais ou menos “as idades” que eu vim para cá. Porque aí ele morreu e eu fiquei com as minhas irmãs. Todo mundo queria que eu ficasse com uma delas. E eu fiquei. Casei, mas não tive filhos. Eu queria evitar ter filhos. Depois ficaria muito presa. Eu cuidava dos filhos dos outros. Iam passear, veraneiar e deixavam os filhos todos comigo. Eu sempre fui mãe por tabela. E eu gostava. Eu gosto de

criança. Até hoje eu não consigo explicar como eu gostando de criança não quis ter filho. Eu tinha medo de ter filho. Porque eu cansei de ver mães tendo filhos e gritavam, berravam no parto. Aquilo ficou muito na minha cabeça e eu pensava que devia ser horrível. Para que a gente vai ter filho se a gente vai se matar berrando, louca de dor? Naquela época era natural as crianças nascerem em casa. Eu nasci em casa e os meus irmãos também. Mesmo sendo mais velha, não vi o parto dos meus irmãos. A mãe escondia tudo. A mãe não deixava a gente ver nada. Mas a minha mãe era muito bacana. Eu não tive problema nenhum. Minha família tinha posses. O meu pai e a minha mãe não queriam mesmo que a gente trabalhasse. Eles diziam que como nós havíamos nascido porque eles quiseram não precisava trabalhar nada, nada. Então foi assim: o pai e a mãe não queriam que a gente trabalhasse. Eu casei meu marido também não precisou que eu trabalhasse. Me deu tudo que tinha que me dar. Eu também não era muito exigente porque eu sempre achei que se dava o que se podia dar. Até hoje, até hoje! Eu era dona de casa. Eu gostava mesmo era de estar em casa limpando, varrendo, tirando o pó. Eu passava a roupa, meu marido chegava em casa lá estava eu, passando. Cedo eu comecei a trabalhar em casa. Na rua não ,eu não gostava. Eu ocupava meus dias e minhas horas com essas tarefas caseiras. Eu gostava, tinha paixão. Eu ia vasculhar na janela se tinha um pozinho e já ia limpar. Se a cortina não estava bem limpa já ia lavar. Eu era trabalhadeira, de casa, gostava das tarefas de casa. Estou, mas eu estou sempre me mexendo pra lá e pra cá. Eu gosto. Quando eu era menina maior, eu não era de sair muito, eu era mais caseira. As minhas irmãs gostavam. Iam onde tinha baile, fandango elas estavam lá. Eu não ia muito era mais retraída. Quando eu e meu marido nos conhecemos, ele ia se introduzindo lá em casa. O pai e a mãe deixavam. Viram que ele era bom. A família toda dele era boa. Ele dizia que casar com mulher que não quer ter filho é bom, não tem compromisso grande. A gente saía a hora que queria, não tinha horário para voltar. Viajávamos bastante, viajamos para fora do país. **Eu não sei dizer os nomes, não lembro, porque a gente ficava um pouco aqui, outro ali. Mas aproveitei a minha vida. Não fiquei na calmaria de não procurar nada. Como até hoje: se eu tenho um ponto para ir eu vou. É bom sair, porque só ficar dentro de casa não tem vantagem nenhuma.**

SÍNTESE			
Unidades Contextuais e Significantes			
Infância	Adolescência	Vida Adulta	Velhice
<ul style="list-style-type: none"> • A família tinha posses; • Teve duas irmãs e um irmão; • A mãe e o pai são figuras relevantes. 	<ul style="list-style-type: none"> • O pai dizia que a mãe era mais culta do que ele; • Foi para o pensionato para sair do âmbito onde fora criada; • Os pais proporcionaram “uma vida de princesa”; • A mãe era concordata, muito bacana; • Os pais não quiseram que ela trabalhasse por não acharem necessário; • O marido foi bem aceito pela família por suas qualidades e freqüentou a casa durante o namoro; • O pai era funcionário público; • A mãe era professora (catedrática). 	<ul style="list-style-type: none"> • Não fez faculdade; • O marido era bem-sucedido no trabalho e não precisavam ganhar muito dinheiro; • Decidiu não ter filhos porque seria muito sofrido o parto; • O marido aceitou não ter filhos; • Tinha paixão por tarefas caseiras; • O marido deu-lhe tudo que tinha que dar, pois ela não era muito exigente; • Viajou bastante; • Não precisou trabalhar fora a vida toda; não tinha profissão nenhuma; fazia tarefas caseiras; • É grata a Deus; • Não queria ficar presa por causa de filho; • Gosta de criança; • Cuidava dos filhos dos outros; • Ela e o marido saíam sem horário para voltar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Optou pela instituição onde está por causa da irmã que já morava no local; • Ficou só apesar de estar “todo mundo por aí”; • Aproveitou a vida; • Não se sente abandonada pelo irmão; • Oitenta e um anos em boa forma, com boa cabeça; • Sem problema de esquecimento; • A morte do marido a levou viver com as irmãs e agora para a instituição de idosos; • O sobrenome é nobre; • Sempre esteve ativa procurando alguma coisa.

Quadro 7 – Unidades Contextuais e Significantes (entrevistada 6)

4.1.7 Entrevistada 7 – instituição B

Meus pais eram chacreiros. Foi na chácara que eu trabalhei muito, junto com meus irmãos e alguns empregados da época. E minha juventude foi muito trabalhosa. Eu não tive condições de estudar porque eu morava muito longe, na V.N., e os colégios eram por T. e A. Eram muito distante da nossa casa e minha mãe não deixava vir por causa do perigo, já naquela época. Então, eu não tive estudo, tive experiência de vida nesses setenta e cinco anos de vida que eu tenho. O que eu tenho que lhe contar não é muita coisa. O que eu tenho para lhe contar é que a vida foi muito sacrificada. Mas venci. Cheguei a esta idade. Perdi meus pais faz 15 anos. **Tenho uma irmã só atualmente que também é muito doente, velha, 82 anos.** Trabalhei desde os 8 anos. Meu irmão lavrava e ia atrás do arado, juntando batata, aipim, essas coisas. Depois me casei com 19 anos e fui aprendendo mais e mais. Meu marido não era uma pessoa culta, mas me ensinou bastante. Não foi fácil a vida para mim. Tive dois filhos. Hoje ela está com 54 anos e ele com 52. Ela mora aqui e ele mora em P. Os dois trabalham. Ela é advogada e ele é engenheiro agrônomo. Meu marido era caminhoneiro. Depois de casada ajudava ele nos afazeres. Eu ajudava ele a carregar o caminhão de areia na praia e ia entregar nas obras. Tudo isso eu fiz na minha vida para formar os filhos. Eu trabalhava junto, mas não viajava com ele. Nossos serviços eram mais dentro da cidade. Formamos os filhos com a companhia, companhiazinha de materiais de construção que tínhamos feito juntos. E trabalhamos juntos sempre por uns 40 anos. Eu estou viúva há 20 anos. Eu tenho uns filhos que são uma beleza, por sinal; o filho, são umas criaturas maravilhosas. Ela ficou viúva com 29 anos, com dois filhos: um nascido com 6 anos e um para nascer. Ela não ficou numa situação muito boa. Então eu ajudei no que pude, 21 anos eu ajudei. Eles estão formados. Ela trabalha 33 anos no mesmo lugar e o filho trabalha na lavoura. Eu tenho dois netos pela minha filha e três netas pelo meu filho. A mais velha já está formada advogada. Formou-se com 22 anos. Formou-se em 8 de agosto e já está trabalhando. E as outras estão estudando. E é assim dividida a família. **Mas a vida da mocidade não é como antigamente, como eu fui criada. Antigamente se dizia não e não se perguntava porque. Hoje a coisa é diferente. A criação é diferente. Eles gostam de música bem alta, gostam de fazer festinha seguido e pessoa velha não agüenta isso. Eu morava com minha filha e por causa disso me separei dela.** Morei com ela 22 anos para ajudar a criar os filhos. Ela trabalhava, tinha que trabalhar, precisava, então fui ajudar. Criei os filhos dela com todo o carinho, melhor que os meus. **Com o tempo cheguei a conclusão que eu tinha que morar sozinha.** Eu já não agüentava mais ela muito nervosa e **achei que eu precisava viver só. Como não se achou alguma coisa**

melhor, eu vim parar aqui. Primeiro eu fui lá no S. A., em P. Depois eu adoeci. Estou com problema sério de coração. E pessoas doentes não ficam lá porque não tem quem dê assistência. Por isso eu tive que sair de lá e vim para aqui que foi onde me aceitaram doente. Eu vou fazer uma cirurgia de quatro pontes de safena. E não pude ficar lá. Estou aqui. Não estou bem acomodada. Não gosto daqui. Gostava de lá porque é ótimo. Aqui me tratam muito bem, isso é inegável, mas não é como lá. Lá o tratamento do pessoal é maravilhoso, a alimentação é maravilhosa. Aqui também eu não posso me queixar muito. Mas não é perto. É uma geriatria de porte pobre; aqui é muito pobre. Eu não tenho assistência que eu tinha lá. Eu tinha mais liberdade. Aqui eles não deixam isso, não deixam aquilo, não deixam aquele outro. A gente é muito preso e eu não sou mulher de ser presa. Eu sempre tive a minha vida livre desde criança. Minha mãe nunca prendeu a gente. Eu não gosto disso. Lá eu saía. Ia para minha irmã; tinha que voltar até às 7 e meia (da noite) e como **regulamento é regulamento**, muito antes da 7 e meia eu chegava. E eu ia sozinha, não tinha companhia. Não houve nada. **Só mais recentemente me deu uma isquemia, aliás, duas e eu esqueci onde eu estava, onde eu andava e fui parar no hospital.** Aí eu não pude ficar mais lá. **Esse é o motivo que eu fiquei doente. Eu sou perfeitamente sã.** Esse problema do coração foi vários acontecimentos na minha família, de perder meu pai, minha mãe, dois irmãos, essas coisas me abateram muito. Então esses eu aceito que sejam uns dos motivos. Nós éramos dez irmãos e estamos reduzidas em duas. E sou a mais nova de todos. O meu irmão mais velho tinha 20 anos e ajudou a me criar. Foi meu segundo pai. Ele estaria com 95 anos se estivesse vivo. A vida é essa meu filho: foi um terror, mas valeu a pena. **Eu tinha muitos amigos, tenho ainda. Eu ia muito a bailes, a festas, festas religiosas, passeava no centro. Sempre sozinha.** Raramente essa irmã mais velha vinha junto comigo. Ia no Mercado Público fazer compras para minha mãe. Conheci meu esposo num baile. E tivemos 1 ano e meio de namoro e noivado. Casei em 47, 28 de junho de 1947. E fui feliz. **Eu tenho uma pensão deste tamanho do INSS**, do meu esposo que ajuda a pagar aqui. Aqui tem muita carístia, como todo lugar. **Nem dá para se queixar. Fazer o quê? Quem tem mais podia dividir com quem tem menos para melhorar a situação.** Cada vez pior, cada vez pior. **Tem que melhorar. Não sei se estou errada ou certa, mas é assim que eu penso.** Eu tenho o coração de pomba. Tudo que eu posso dividir eu divido. Eu acho que terá que ser assim para melhorar o país. Acho que a melhor coisa que tem no mundo é ajudar. Eu fui educada assim pela minha mãe. **Me criei cuidando de pessoas velhas, pessoas gastas, pessoas que não tinham mais condições de nada.** Eu tirava leite das vacas no tambo e ia lá nos cantinhos da roça levar para eles. Eu tinha uns 8/9 anos e fazia isso. Eu

nunca tive um pai, uma mãe carrasco. Eu tinha 20 anos, era carregada no colo pelo meu pai. Por isso eu sinto uma falta dele horrível. O meu pai era um anjinho. Eles foram incansáveis. Não esqueço disso nunca. Eles viveram toda a vida na chácara. A casa está lá ainda. Tem 60 anos. O meu irmão mais velho morava lá com meus pais e era quem cuidava deles. Ele era casado e morava lá com a família e cuidou do pai até a morte. Meu pai uma ocasião disse a ele que se a mulher quisesse eles podiam ir para a cidade. Mas meu irmão disse que só sairia de lá morto. E saiu. Morto. Bem como ele disse. Deu um infarto e ele morreu. Eu já era casada, mas domingo era sagrado: passeio era no meu pai e na minha mãe. Domingo nada me segurava. Levantava, tomava café, comprava umas coisas boas no mercado e levava para eles. **Meus filhos, mais minha filha, vêm aqui todas as semanas, duas vezes por semana. Ontem ela esteve aqui com os filhinhos.** Eu chamo assim, são meus filhos. Meu neto mais novo esteve em Londres fazendo um curso. O doutor disse que eu fiquei doente por estar longe do neto. **Porque eu sou apaixonada por esse neto, o neto mais novo.** Quando ele soube que eu estava doente ele sentou do meu lado na cama e encharcou o lençol chorando. **De tanto que ele me quer.** É um neto especial. O outro também é muito bom, mas esse é especial. **Eu peço a Deus todas as noites por eles. Eu não sou doente por religião, não sou fanática, mas louvo muito a Deus.** Ele é quem nos dá tudo. Zelo muito pelos meus netos. **Quando tu fica velho, fica sozinho, sozinho.** A maioria é isso que acontece. **Eu tenho família. Qualquer coisa eu tenho eles. Eles não se negam a nada. E sozinha pensa que eu estou feliz aqui? Eu estou muito infeliz! Feliz eu estava na minha casa. Minha casa bem arrumadinha, meu jardim, meus bichinhos. Aí eu era feliz. Não tenho mais nada. Tenho isso aqui: presa.** Passar o domingo presa. Sei que elas têm bastante razão. **Se eu saio sozinha pode me acontecer qualquer coisa, sei disso.** A minha filha mora a 1 Km daqui. Se quero ir lá sozinha, não posso porque tem muito sol. Tem cabimento? Não tem. **Eu brigo com elas. Eu sou teimosa.** Sou apelidada de teimosa porque eu brigo. Elas têm mania de coronel. Eu não admito isso. **Eu não gosto que me prendam. Fico com raiva e digo umas mal-criações para elas.** Eu ficando brava, fico uma fera. **No mais são muito boas e eu não vou fazer injustiça. Gosto da coisa certinha, bem certinha.**

SÍNTESE			
Unidades Contextuais e Significantes			
Infância	Adolescência	Vida Adulta	Velhice
<ul style="list-style-type: none"> • Os pais eram chacreiros; • Não teve condições de estudar; • Sempre trabalhou com os pais na lavoura e entregando leite; • Levava leite para as pessoas mais velhas no cantinho da roça. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tinha amigos, mas saía muitas vezes sozinha; • Foi a bailes, festas, festas religiosas, passeava; • Casou-se. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tudo que fez de trabalho foi para formar os filhos; • Trabalharam juntos, ela e o esposo, por uns 40 anos; • Teve dois filhos; • Morou com a filha que ficou viúva; • Ela e o marido tiveram uma companhia de materiais de construção; • Trabalhou sozinha na entrega quando o marido adoeceu; • O marido não era culto, mas ensinou-lhe muita coisa; • Foi feliz no casamento; • Tem um coração de pomba; tudo que pode divide; • Foi carregada no colo pelo pai aos vinte anos de idade; • O pai era um anjinho; • Visitava os pais no domingo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Decidiu morar sozinha; dificuldades de entender a mocidade de hoje; • Sente-se muito presa; • Tem cinco netos; • Entende que as perdas de familiares e o afastamento deles tenha lhe causado os problemas cardíacos; • Tem problemas cardíacos e teve isquemia cerebral; • Está aposentada; • É apaixonada pelo neto mais novo; • Está insatisfeita com a instituição onde mora; • Espera-se a cirurgia do coração; • “Eu sou perfeitamente sã”. • O neto encharcou o lençol chorando; • Louva a Deus; • “Gosto da coisa certinha, bem certinha”; • Não tem estudo, tem experiência de vida; • “Mas venci”; • Julga-se que estava feliz na sua casa.

Quadro 8 – Unidades Contextuais e Significantes (entrevistada 7)

4.1.8 Entrevistado 8 – instituição B

Meus pais eram agricultores. Eu comecei com eles entregando leite, que meu pai tinha leitaria junto da chácara. Depois fui aprender minha profissão, lá em C., com meu tio que era alfaiate. Desde guri eu costurava na máquina de mão da mãe os saquinhos para encher de areia, saquinhos de brinquedo. Aquilo me despertou e a mãe dizia “vai aprender alfaiate, meu filho”. Como eu tinha o tio que era alfaiate fui morar com ele. Para começar a trabalhar. Em três meses até calça já cortava. Meu tio que me ensinou. Foi minha primeira e única profissão. Trabalhei 60 e poucos anos, estabelecido no centro. Profissionalmente me sinto realizado. Fazia terno para toda a elite de P.F. e participei de vários congressos nacionais e um mundial no R.J.. No início trabalhei como empregado. Trabalhei com O. S., famoso na época. Depois tive alfaiataria própria. Os clientes mandavam fazer roupa, não compravam pronta porque diziam que era roupa de turco muito mal-feita. Hoje existem confecções boas, tem os prazos que dão. Eu tive o privilégio de mandar três ternos para o Congresso Mundial na França. Minhas roupas também foram desfiladas no R.J.. A apresentadora da Rede Globo falou sobre meus ternos que estavam desfilando e chamou a atenção que todos estavam sem a abertura traseira. Os outros participantes mandaram com abertura e eu havia mandado sem abertura. O que entrou em moda naquele mês. Sem abertura traseira e até hoje estão sem abertura traseira. Nesse Congresso veio o famoso Lítrico, da Itália, e eu recebi das mãos dele o diploma de participação. Naquele tempo telefonava para o cliente que era exigente, não queria padronagem igual a que já tinha feito antes, dizia que tinha chegado um tecido novo e ele passava para ver. O alfaiate também trabalhava de terno e gravata para atender o cliente. Eu tinha cliente em toda a região. P.F. era uma cidade em desenvolvimento. Os médicos eram meus clientes. Eu ia nas casas tirar medidas. Uma vez eu fiz quinze ternos para o Banco do Brasil. Os homens eram tão exigentes naquela época que Deus o livre de fazer padrão igual do amigo dele. Eu tinha dez pessoas que trabalhavam comigo. Trabalhava que nem louco. Tinha que iniciar serviço às 5 da manhã para cortar serviço para eles. O empregado tinha que receber cortado, provado e tudo. Fiz as roupas de formaturas das escolas. Outro dia encontrei um cliente na praça e ele me perguntou há quanto tempo eu tinha saído do endereço onde eu trabalhei. Eu respondi 40 anos. Ele me mostrou uma calça que ele estava usando que eu tinha feito naquela época. Então eu falei que se eu fosse depender de cliente como ele eu tinha morrido de fome. Há pouco tempo um cliente ali de C., aposentado do Banco do Brasil, se vestia bem na época, pediu por telefone uma calça e queria que eu fizesse pelas mesmas medidas que tinha feito as outras. E disse que eu devia ter no fichário. E é claro que eu tenho. Meu arquivo é sempre bem guardado. Se precisasse fazer uma roupa para um cliente de muito

tempo atrás, eu fazia. Eu fiz uma calça por telefone e mandei entregar por correio ou pelo ônibus, não me lembro direito. Uma vez fui visitar ele lá em C., abriu o guarda-roupa e mostrou: tudo terno feito por mim. Tinha até etiqueta. Eu veraneio em C. Estive lá há alguns meses. Tenho muitos amigos lá. Minha filha tem casa lá. Eu tenho dois filhos, um casal. Eu estou aqui nesta casa de idosos porque meu filho me trouxe para cá. Ele mora aqui bem perto.

Lá em P.F. também fiquei dois anos numa casa de idosos. E lá eu ainda trabalhava no lar onde morei. Tinha uma plaquinha em cima da janela. Cortava só. **Trabalhei, portanto, até dois anos atrás com 75 anos. Não trabalho mais porque minha filha não quer que eu trabalhe mais. Por isso eu estou aqui, para não trabalhar mais.** Mas quem está aqui é só meu filho. Minha filha mora em P.F.. Até agora pouco a filha dela se formou em Direito. E tem um irmão que até pouco tempo atrás ainda trabalhava comigo como oficial que se diz: montar casaco, acabamento, caseado tudo é mão, não é máquina. A gente dá cortado, provado e o oficial que monta. **Se eu precisar ainda trabalhar meu irmão mora lá.** Eu tinha minha casa, mas minha filha não queria mais que eu trabalhasse. Minha casa era no B., lugar alto, eu digo, bairro dos ricos, no mato. Morei lá e montei alfaiataria. E a clientela vinha igual. Tinha outro irmão que faleceu que trabalhava junto. Éramos três. Minha filha não quis mais. Na minha idade, 77 anos, trabalhando. Aí fui lá no lar e gostei muito. Eu tinha um apartamento no centro. Vendi e construí a casa no B. depois que a minha esposa faleceu. Faz uns sete anos. A mãe também morou lá no B. por um tempo. **Tem só 99 anos e meio. Está viva, bem viva e com uma memória melhor que a minha.** Ela mora no lar. Nós morávamos juntos no B. antes de irmos para lá. Meu pai é falecido há muito tempo. Faleceu com 50/55 anos. Fazia pouco ela tinha ido morar comigo. **A minha mãe tem uma memória que é uma loucura.** Minha mãe sabe tudo da vida dela, da minha. Então para uma véia de quase 100 anos. **Ela tem uma irmã de 102 anos viva. E essa minha tia há pouco tempo foi visitar uma tia no M.G. S., num ônibus. Imagina! Já tinha 101 anos aí. Claro, embarcaram ela e lá esperaram ela chegar. Mas fazer uma viagem dessa, com essa idade, vou te contar.** Em P.F. tinha também uma comunidade de judeus muito forte. Foram meus clientes. Judeus eu conheci muitos. P.F. é perto de Q.I.. Aqueles da casa R. tem um prédio na esquina. **Um morreu, mas o outro ainda vive.** Quase 100 anos. Mora em X. Uma vez ele me disse que iniciou a vida vendendo calcinha sutiã para as mulheres da zona, mulher da vida. Mas vendia na 2^a e 3^a feira que é quando elas tinham dinheiro. O judeu sabia. Eles eram bons porque eles faziam questão deles atender os clientes. Não davam para os empregados. O meu filho é casado com uma judia, mas eu não me lembro o nome dela. Ela se criou lá. Depois que ela veio estudar em X, formou-se e trabalha em dois hospitais. Eles têm uma filha com 11 anos.

Ela está estudando inglês. Meu filho ficou de vir aqui, mas ele foi pegar ela no curso. Sabe que eu estudei só até a 3^a série. Naquele tempo se trabalhava até domingo. Como se ia preparar as aulas? E eu me casei com 20 e poucos anos. Mas me separei. Fiquei com ela um pouco e nos separamos amigavelmente. Tanto que ela mandava para a alfaiataria uma feijoada que ela fazia que eu gostava muito. E quando o filho ia de P.A., convidava para almoçar junto e eu ia almoçar no apartamento dela. E eu não casei mais. Eu tinha um apartamento em P.A. e uma casa em I., escriturada e tudo. Tenho que ir lá. Eu tenho um amigo que tem casa lá. Quando eu comprei essa casa, a filha tinha um chiado no peito e o médico mandou para a praia que ficaria curada. Aí mandei com a mulher para T. e acabou o chiado no peito. Então me entusiasmei e comprei essa casa. Eu freqüentava muito a sociedade. Ia para os Bailes com minha falecida mulher. Ela soube que eu tinha uma namoradinha e nós nos separamos. Mas eu fiquei sozinho. E foi essa a história. Ainda esses dias teve um médico aqui que examinou e tal, o médico da clínica, uma vez por mês ele vem aqui. **Eu falei para ele que uma vez eu tinha uma dorzinha de joelho fui para o CTG, comecei a dançar todo fim de semana e me curei. Mas no olho eu tive que fazer cirurgia e não podendo enxergar direito, eu fui parando, mas eu sinto falta.** Não pude nem renovar a carteira de motorista. Não faz falta. **Lá em P.F. eu pego o ônibus e vou tomar cafezinho com os amigos.** Eu já vou a P.F. de novo. **Tenho revisão do olho para fazer e eu vou ao hospital de olhos de lá. Eu vou freqüência a P.F. A decisão de ficar por aqui foi minha,** só que o meu filho me convidou. **Eu estava lá no lar que são parentes desses aqui. Ele me ajeitou aqui.** Ele sempre me visitava lá. Aqui eu fiquei mais perto dele. **Tem o carro. Já fui no cinema umas seis vezes.** Lá em P.F. nem cinema tem mais. Fazia uns 20 anos que eu não via mais filme no cinema. **E eu gosto de sair, ir para o shopping.** Eu e minha mulher íamos muito a bailes. Faz dois meses que eu estou aqui. Lá no lar era eu e as velhinhas e aqui também eu sou o único homem. Lá até tinha outro que sofria por causa das pernas, não podia nem caminhar. **Agora eu tenho que ir lá ver meu irmão, minha mãe e falar com ela. Meu filho vem me ver duas vezes por dia. Hoje ele já esteve aqui; me trouxe até o jornal para ler.**

SÍNTESE			
Unidades Contextuais e Significantes			
Infância	Adolescência	Vida Adulta	Velhice
<ul style="list-style-type: none"> • Estudou até a 3ª série; • A mãe foi incentivadora de sua escolha profissional; • Ajudava o pai entregando leite; • Começou a aprender sua profissão de alfaiate; trabalhava até domingo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhava como empregado de alfaiate; • Morou com o tio para aprender a profissão. 	<ul style="list-style-type: none"> • Casou-se com 20 e poucos anos; • Trabalhava para a elite de sua cidade; • Apresentou-se em muitos congressos; • Ele e a esposa iam muito a baile; • Teve dois filhos; • Estabeleceu-se com sua própria alfaiataria; • Alfaiate foi a primeira e única profissão da vida; • Arranjou uma “namoradinha” quando estava casado; • Separou-se; • Continuou sozinho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Teve problemas de joelho; • Tem problemas de visão; • A filha não permitiu mais que ele continuasse trabalhando; • A mãe está viva com noventa e nove anos e meio e ainda tem uma tia com cento e dois anos; • Gosta de sair; • A ex-esposa faleceu; • A mãe morou com ele dois anos e foram para o lar em P.F.; • Foi para a instituição de idosos para não trabalhar mais, porém mantém uma vida ativa; • Gosta de viajar; • Conheceu muitas pessoas de origem judaica; • Aposentou-se forçadamente; • Trabalhou até os setenta e cinco anos; • A Mãe está viva e com excelente memória; • Encontra os amigos; • Às vezes vai ao cinema; • Filho visita duas vezes no dia.

Quadro 9 – Unidades Contextuais e Significantes (entrevistada 8)

4.1.9 Entrevistada 9 – instituição B

Nasci e me criei S.G.. Eu tinha quinze anos quando meu pai faleceu. A minha mãe ficou só trabalhando na vendinha. Um ano depois eu casei. A mãe era só, aconselhou casar e quando casei fiquei morando com ela. Depois nós fomos para a cidade porque meu marido arrumou um emprego. Passou um tempo e ele foi trabalhar na S.C. A minha mãe continuava no interior junto com as irmãs solteiras. Depois a gente se separou. Eu fiquei só, com três filhos. A menina foi para casa de uma amiga, costureira e dos meninos ficou comigo só o mais moço. O outro ficou com ele. Um tempo depois eu fui embora para R. do S. morar com uma irmã e trabalhar e o filho foi comigo. Trabalhei uns anos lá e conheci um viúvo. Ele tinha 11 filhos e dizia que queria completar 12, como de fato completou. Ele era muito bom para mim. Trabalhava na campanha, plantação e a gente vivia bem. Ele faleceu e eu fiquei com dois filhos, um meu e outro dele que estava servindo. Eu trabalhava aqui, ali e os filhos começaram a vir embora para cá. A filha-mulher também e outro que eu nem sei onde está. Eu fiquei em R. Do S. porque eu tinha uma casinha; depois eu vendi e vim embora para cá morar com o filho que já estava casado. Morei uns seis ou oito anos, não me lembro bem. Eles se separaram e eu então fui para a casa da filha. Às vezes eu ia a B., S.G. que a minha família era por lá, ficava um tempo. O filho mais moço casou e passado um tempo, eu fui morar com ele. E agora ele mora no S. e é o que me dá tudo aqui. Paga. **Só que eu não aceito morar aqui. Tenho recalque.** Sei que tem que ser assim porque ele trabalha, a mulher trabalha, tem uma filha no colégio, é aquele corre-corre. Porque em P.A. é assim. **Eu conheço, mas não aceito estar morando assim, não aceito. Tem dias que me dá uma tristeza, eu adoço. Eu tenho pressão alta e eu sei que é disso aí. Mas eu tenho que me conformar. Eu não me sinto bem em estar presa. Eu nunca gostei. Eles me tratam bem, mas não saio porque são poucos na casa, os filhos trabalham, não dá nem para caminhar. E os filhos são um pouco desligado, podiam tirar uma horinha. Então eu vou levando conforme Deus me ajuda. Rezo para Deus; peço perdão por causa de um pecado que a gente sempre tem. E que me dê força e me dê saúde que a gente tendo saúde tem tudo. Já que eu tive um infarte, sou ruim do estômago, embora agora eu esteja bem. Mas me cuido por causa do infarto, pressão alta, sofro muito da coluna. Isso tudo judia da gente. Tem dias que eu estou que eu acho que não vou sair da cama. Mas saio.** Depois pego andar fazendo uma coisinha aqui, outra ali esse filho do segundo casamento é que está me cuidando, é o mais novo. É o que pode dar; os outros não podem. Ele se queixa que é só ele, que ninguém ajuda. Mas eu não tenho culpa que eles não dão. Eles não têm. A filha é pobre, o marido morreu, ela ficou só com a pensão e ainda tiram um pouquinho. Ela ainda tem um filho em casa que se separou da

mulher e foi para lá com os filhos. E ela sustenta todo mundo. Ele tinha outra mulher e está lá com o filho também, outro filho que está com ele. Ah, coitada. Ela é muito sofrida, passou muito trabalho com o marido, uma pessoa boa. E agora está assim; que vai fazer? Mas ela está junto dos filhos. Eles precisam, ela vai ajudar. Minha mãe também trabalhava bastante, na horta, cedo, ninguém tinha ainda verdura e ela já tinha. Ela gostava muito de trabalhar na terra. O meu pai plantava bastante, tinha tambo de leite, criava galinha e vendia. Eu era ajudante do meu pai desde pequena. Eu sou a mais velha. Então eram quatro mulheres e dois homens. As mulheres têm duas em B., uma faleceu o ano passado e a outra sou eu. Tinha uma professora que foi morar para fora, perto da nossa casa, um vizinho deu para ela o colégio porque antes ela vinha da cidade para fora. Então a gente estudava. Eu estudei até o quarto ano. Todos estudaram um pouquinho. Para fora, primeiro era trabalhar, os pais não se importavam com estudo. Tinham os bailes de campanha. A gente ia para casa que não suportava os calçados nos pés. Passava o dia de pés descalços por causa da dor nos pés. Para fora, tudo meio grosso, pisoteavam nos pés da gente. A sala de chão, não me lembro bem, mas ali pelas 11 horas parava a gaita que era só gaita, pandeiro e o chocalho. Aí paravam, recostavam e iam aguardar a sala porque soltava muita poeira. Era a coisa mais boa. Eu já ia com meu primeiro marido. Lá na venda iam uns conhecidos da casa, os primos e o meu marido ia tomar uma pinga com eles e foi assim que eu conheci. Nós começamos a namorar. Eu tinha 16 anos quando casei e ele teve que esperar fazer 21 anos porque não podia casar antes. Ele também trabalhava numa estância onde foi meio criado, trabalhando na lavoura. Morava na mesma casa uma prima, dois irmãos e a minha mãe estava grávida quando o pai faleceu então tinha um nenezinho e a mãe levou para casa um outro que estava com a tia. Quando o meu pai faleceu, ele tinha muita falta de ar. Até tentava se matar por causa daquela sufocação. A gente teve de tirar tudo de perto: faca, canivete. Ele faleceu cedo. Eu estava com 15 anos. No verão, eu tirava uns quatro/cinco meses de férias na casa dos irmãos. Eu não me lembro bem, mas eu tenho uns doze/treze netos e cinco bisnetos do primeiro e do segundo casamento. Três netos são do segundo esposo. No meu casamento era tudo bem. Ele só era muito ciumento. Ele trabalhava na S.C., mas ele não era flor que se cheirasse. Ele fazia das dele. Ele tinha umas lá que davam presentes para ele. Ele tocava banjo. Dizia que ia para casa do C. e na verdade ia para outros lugares. Depois eu descobri. E não me levava para lugar nenhum. Ia para as festas sozinho. E aquilo tudo foi me desgostando, a gente começou a brigar até que eu não quis mais. Aí deram um quarto para ele morar na S.C.. ele adoeceu, decerto de falta dos filhos, da casa. Me deixou sem fogão para fazer a comida das crianças. Ele ficou doente, mandei os filhos, mas eu não fui. Passou um tempo ele foi me propor para voltar para casa, para ficar na

sala. Eu disse que não, ele disse que ia. Ele tinha falado comigo de manhã, quando eu vi de tarde encostou uma carroça com as coisas dele, o fogão, a roupa, aquelas coisas e os dois amigos. E ele pegou tudo e botou lá na sala. Nós brigamos e ele me jogou para cima do roupeiro. Aí eu dei queixa na polícia e ele foi com a carroça e tirou tudo. Depois que nós nos separamos, ele me visitava. Chegava lá em casa eu estava lavando porque eu lavava roupa para o cabaré que tinha perto dali. A minha filha tinha 11 anos e me ajudava muito. Eu lavava e ela passava. Não ficamos de mal. Então ele ia lá em casa. Eu fui para fora uns dias e acabei trabalhando na casa de uma mulher. Eu levei o mais moço e os outros dois ficaram num compadre meu. Fechei a casa. E ele vendeu a casa, disse que eu tinha abandonado. Quando me avisaram, eu voltei. Ele já tinha fechado o negócio e eu fiquei sem a casa. Ele me deu a metade e eu guardei. Fui morar com a minha mãe de novo. Depois eu comprei a metade de um terreno e fiz uma casinha. Apareceu um velho que me ajudou e eu fiquei por lá com ele. Não deu ponto com o velho e ele foi embora. Aí que eu fui embora para R.. Morei com minha irmã, que era só ela e o marido e o filho que foi comigo. A menina ficou com os amigos, estava aprendendo costura. O guri eu mandava para o colégio, não ia; ficava jogando bolita na rua com os outros. Mandeí chamar o pai e o J. levou. Ele não queria me obedecer. E foi a companheira do primeiro marido que ajudou a criar o filho, esse que eu não sei onde está. Ele me propôs o desquite e eu aceitei. Então hoje o filho se reformou no quartel. Agora estão somente ele e a mulher. Dois filhos homens já casaram, se formaram e trabalham. **Eu nunca fui lá nem ele veio aqui. Eu tinha me operado da vesícula e andava ruim e quando estava melhorando caí no pátio e quase morri. Da vesícula eu passei muito bem. Aí o filho achou que eu tinha que vir para cá. Então eu fiquei sem pensão de um e do outro porque não era casada. Eu tenho só um salário de aposentadoria que está com meu filho. Eu ficar com isso para depender que alguém vá todo mês ao banco não dava. Então como é ele que paga aqui, deixei. Eu estou pelada e apaixonada.**

SÍNTESE			
Unidades Contextuais e Significantes			
Infância	Adolescência	Vida Adulta	Velhice
<ul style="list-style-type: none"> • Nasceu e morou em S.G; • Pai e mãe tiveram seis filhos; • Estudou até a quarta série • Os pais não se importavam com os estudo, primeiro era trabalhar; • Freqüentava bailes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conheceu o marido na venda da mãe. • Após o casamento ficou morando com a mãe; 	<ul style="list-style-type: none"> • O primeiro marido não era “flor que se cheirasse” e não a levava a lugar nenhum; • Separou-se; • Após a separação entregou a filha, deixou um filho com o marido e ficou com apenas um; • Formou nova família mantendo consigo o filho; • Depois de separada uniu-se a um homem viúvo com onze filhos; • Teve outro filho com o novo companheiro; • Trabalhou num bar em R. do S. quando morou com uma irmã naquela cidade; • Deixou um filho com o pai porque ele a desobedecia; • A companheira do ex-marido ajudou a criar seu filho que estava com ele. 	<ul style="list-style-type: none"> • Morou com o filho casado, com a filha e logo foi morar com o filho mais moço; • Após uma queda, o filho achou melhor levá-la para a instituição; • Não aceita morar em instituição de idosos; • Tem dias que sente muita tristeza; • Sente-se presa; • Sai da cama mesmo sem vontade; • O filho mais moço dá assistência; • Os filhos são desligados; • Aposentada, entrega o benefício ao filho; • Têm problemas de saúde; • O filho que ficou com o marido não foi vê-la na instituição, nem ela o visitou; • As doenças judiam das pessoas; • Gratidão ao filho que ajuda no sustento; • Não tem culpa que os filhos não ajudam; • Identifica-se com o sofrimento da filha.

Quadro 10 – Unidades Contextuais e Significantes (entrevistada 9)

Da primeira síntese realizada a partir das histórias de vida, foram identificados os temas família, procriação, relacionamentos afetivos, trabalho, sabedoria, religião, limitações, viúves e morte, solidão e institucionalização que são discutidos a seguir, apresentando-se uma análise e interpretação com fundamentação teórica e trechos de falas retiradas das histórias de vida para argumentação comprobatória.

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS TEMAS EMERGENTES

Na história de vida dos idosos participantes foram identificados os seguintes temas: família, procriação (filhos), relacionamentos afetivos, trabalho e aposentadoria, sabedoria, religião, limitações, viuvez e morte, solidão e institucionalização. Tais temas permeiam a construção da concepção de envelhecimento desses idosos.

5.1 Família

A família é quem leva o indivíduo ao mundo. Faz gradualmente respeitando o tempo de crescimento da criança e o experimento das mudanças. A vida da família e sua preservação resultam do relacionamento entre os pais e destes para com o contexto social. As imagens psíquicas e físicas na formação do sujeito psíquico e físico têm relação direta com a família, pois é nela que começa. Os sujeitos em formação nesse núcleo social são seres individuais, inclusive geneticamente ²¹. Sobreviver significa construir uma percepção de si como sujeito e permanecer essa percepção com a capacidade de auto-reflexão constante, o que gera um indivíduo psíquico, físico e socialmente ²². A família é genitora deste sujeito/indivíduo e nesse aspecto que este e aquela se entrelaçam recursivamente. O tema família se fez presente em falas dos participantes como:

“Fui raptada. Foi combinado com meus irmãos. Eu tenho dois filhos. Eu adoro eles, eles me adoram. Eles e os meus netos são a razão da minha vida” (entrevistada 1).

“Eu me lembro que eu tinha dois irmãos mais velhos que trabalhavam na lavoura e eu ajudava. Meu pai ia a E., trazia frutas para a colônia e distribuía para os pobres. Minha mãe dizia que nossa alma tem que reinar tantas vezes até se purificar” (entrevistado 2).

“Querida que todas as mães do mundo tivessem as filhas que eu tenho. Os netos e as netas têm paixão por mim” (entrevistada 3).

“A minha mãe era professora. O meu pai sempre dizia que a minha mãe era mais culta que ele” (entrevistada 6).

“Eu tinha 20 anos era carregada no colo pelo meu pai. Sou apaixonada por esse neto, o neto mais novo. O outro também é muito bom, mas esse é especial. Eu tenho família. Qualquer coisa eu tenho eles” (entrevistada 7).

“A mãe também morou lá no B. por um tempo. Tem só 99 anos e meio. Agora eu tenho que ir lá ver meu irmão, minha mãe e falar com ela. Meu filho vem me ver duas vezes por dia” (entrevistada 8).

“Minha mãe também trabalhava bastante, na horta, cedo. O meu pai trabalhava para fora, plantava bastante, tinha tambo de leite para vender, criava galinha e vendia. De primeiro, no verão, eu tirava uns quatro/cinco meses de férias nas casas dos irmãos” (entrevistada 9).

Família é um tema recorrente nas histórias de vida e nas concepções de envelhecimento dos idosos estudados. Falando sobre pais, irmãos, esposos, esposas, filhos netos, os idosos parecem estabelecer uma referência para a própria existência. Justificam, consciente ou inconscientemente, atos que cometeram e atitudes que tiveram não porque buscavam um benefício para si, mas para o familiar mais próximo, chegando a sugerir na linguagem uma “dívida moral” deste para com aqueles, demonstrando não entender que é na família que nasce a solidariedade. E é do amor, do respeito, do culto às figuras materna e paterna que ela se impõe ⁷: *“Ela (a filha) não ficou numa situação muito boa. Então eu ajudei no que pude, 21 anos eu ajudei”* (7).

A admiração ou a desvalorização, para não falar em desprezo, também permeiam os sentimentos dos idosos com relação aos seus familiares. Na velhice tomam um sentido ainda especial porque mobilizam sentimentos de consideração ou de lamento conforme o rumo que a vida lhes fez seguir ou a que foram submetidos. E o contexto (institucionalizados) torna-se um grande responsável pelo duelo de sentimentos que envolvem a situação atual destes idosos.

As concepções dos participantes estão carregadas de costumes, de linguagem, de princípios, de regras, de teorias, de conceitos da organização a que pertencem/pertenceram. Uma parte desta amostra, de origem judaica, pode ter vivido, através de seus pais ou por si próprio, a imigração como um elemento de fuga e não apenas como um elemento de mudança para a tentativa de uma vida diferente. Trouxeram consigo suas raízes e alimentam-se delas: residem em instituição que recebe apenas membros da comunidade judaica:

“Meus pais vieram da Rússia” (1).

“Meus pais vieram da Bessarábia” (2).

“Meus avós vieram da R. para as colônias Argentina. Meu pai e minha mãe cresceram e casaram na Argentina” (3).

“Nasci na Rússia em 1908” (4).

“(Pai e mãe) casaram em Nova Iorque e tiveram oito filhos” (5).

A afirmação de que o homem é plenamente cultural quando é plenamente natural nasce na família. Ela não é só a reprodutora biológica. É o princípio da sociedade, o modelo paradigmático, cultural que os espíritos reproduzem. O homem é, então, um ser bio-cultural ⁴.

Seus costumes, sua linguagem, seus princípios, suas regras, suas teorias, seus conceitos estão inseridos em seus pensamentos, em suas concepções como receberam de seus pais que devem ter recebido de seus pais, que devem de ter recebido de seus pais...Uma cultura inscrita não mais apenas no consciente, mas no inconsciente, sendo, assim, um paradigma de vida seguido a milhares de anos por seus ascendentes.

Os indivíduos aprendem pelas sensações. Desde pequenos seus instintos vão ajudando-os a compor idéias, coisas do espírito, que nascem dos próprios espíritos. Essas idéias adquirem características e formas determinadas pelas condições socioculturais, que se integra pela ação do espírito/cérebro como produtos e instrumentos do conhecimento ¹⁰.

Como ser integrado e integrante de uma sociedade e de uma cultura, o indivíduo aprende não apenas para si, por si, em função de si, mas para dar sentido a um complexo cérebro/espírito/indivíduo/cultura/sociedade, também pela sua família, pela sua cultura, pela sua sociedade. Assim, esta relação complexa torna-se hologramática, pois o indivíduo

enquanto todo é parte da sociedade e a sociedade enquanto todo é parte do indivíduo através de sua cultura, seus mitos, suas normas, suas teorias, sua linguagem, seus paradigmas. Esta relação é também recursiva. Os indivíduos ao mesmo tempo em que produzem a sociedade são produzidos por ela, uma vez que lhes fornece cultura, mitos, normas, teorias, linguagem, paradigmas⁵.

Assim, convém salientar que as relações familiares são de extrema importância para o bem-estar na velhice, bem como tem fundamental papel na assistência ao idoso e nas discussões acerca do processo de envelhecimento²³.

A família como célula-mater da sociedade organiza-se a partir do encontro de duas pessoas. Constituído legalmente ou não, o casamento estabelece o vínculo genitor da família.

A experiência do casamento foi vivida por todos os idosos entrevistados. À exceção de um entrevistado que continua casado e vivendo com a esposa na instituição, os demais estão viúvos. Tem-se nestes casamentos conteúdos muito importantes na construção do envelhecimento destes idosos.

O primeiro casamento da entrevistada 1 aconteceu pela necessidade de encontrar estabilidade e conforto, bem como suprimento de necessidades vivenciadas ou futuras: *“Como a situação estava ruim, acabei casando”* (1).

Como a entrevistada 1 casou três vezes, dois casamentos aconteceram sem um relacionamento prévio e por indicação. Esses casamentos que aconteceram por indicação

demonstram uma atitude cultural porque na comunidade judaica, pelo menos naquela época, judeus casavam com judeus. Embora já estivessem envolvidos em uma cultura latina, os imigrantes judeus do início do século passado agiam com fortíssima influência de sua cultura. Portanto, casamentos arranjados e que deveriam ser sustentados pelo resto da vida eram muito comuns.

Os dois casamentos que aconteceram por caminhos e por situações que colocaram o matrimônio acima do sentimento acabaram não dando certo. Por razões diferentes fracassaram. Em ambas as situações, os filhos sofreram as conseqüências desse fato.

Outra situação interessante ocorreu entre a entrevistada 4 e seu esposo, cujo pedido de casamento aconteceu no primeiro dia de encontro dos dois: *“Ele segurou minha mão e disse-me: ‘S. quer ser minha mulher?’ - isto no primeiro dia!”* (4).

Há nesta situação o possível reflexo da cultura dos idosos da instituição A. Como se estivesse inscrito neles que por pertencerem a mesma etnia podiam se conhecer por carta e decidirem pelo casamento no primeiro encontro.

O casamento não aparece com grande ênfase em duas entrevistas. A entrevistada 3 se mostra uma mulher bastante independente do marido. Centraliza sua narrativa nas aventuras e nas situações que vivera individualmente. Não recorda com precisão a data de morte do marido. Dos outros personagens que aparecem, o marido não ganha espaço relevante.

Na outra história as qualidades do marido são consideradas, mas a relação matrimonial não é citada: “*Eu me casei e meu marido era muito bom*” (6).

O casamento, na antropossociologia, exemplifica o homem biológico. Mas o que é biológico é cultural: o nascimento, o casamento e a morte. A constituição familiar é iniciada no casamento, via de regra. Sendo a família a célula-mater sociológica e cultural, casar é uma ação perpetuadora da sociedade e da cultura ⁴.

5.2 Procriação

A idéia de procriação está diretamente ligada a idéia de viver. Procriar é gerar, reproduzir, dar à luz uma nova vida. Na consciência humana, procriar deve ter a importância diante da continuidade da vida. Compor uma família pode ser perpetuar-se. Dar continuidade a seu nome e sua cultura.

O viver que se utiliza aqui deve ser visto com a idéia dialógica. A procriação denota o reconhecer a vida dos seus. No instante em que geram uma nova vida, os indivíduos devem ter um olhar que se volte não mais exclusivamente para seu viver, mas para a existência e viver do outro. O viver para si e o ego-altruísmo dividem-se com o viver para os seus (filhos, família, sociedade, cônjuges). O indivíduo dá a si próprio o viver para tirar proveito da vida. Por outro lado, dá aos que gera a vida e os ajuda a viver ⁴.

Em uma das narrativas há uma preocupação com a possibilidade de não se viver bem, em paz; viver o pânico e o horror da guerra; viver a humilhação e o preconceito contra uma etnia e uma cultura: *“Houve gritaria e medo; as crianças que brincavam na rua chamavam pelas mães e as mães chamavam pelos filhos... me impressionei tanto que disse para minha mãe que nunca iria ter filhos, para que não sofressem como as crianças daquela época”* (4).

Por esta fala se pode pensar que decidir pela não procriação é decidir pelo não risco de não ter como ajudar a viver da melhor maneira possível. É não desejar perpetuar um sofrimento que se está vivendo. O que parece, por um lado, ser uma decisão egoísta pode ser altruísta, pois não se pode querer ajudar o outro se não se sente ajudado por si próprio. Não se pode dar o viver se não se vislumbra o próprio viver.

Numa relação circular/rotativa o viver, sobreviver, dar a viver remetem-se um ao outro (princípio recursivo). A complexidade do viver está na incerteza quanto as suas finalidades. Questões que se interrogam no homem desde a criação dos tempos insistem em buscar uma finalidade para a vida. Por que viver? Para si? Para os outros? Para a vida? Perguntas que levam a respostas complexas, complementares, concorrentes, antagônicas, pois geram aquela relação circular/rotativa. Vida e viver distinguem-se no instante em que se enxerga que a ação está no viver e que é ele quem vem carregado de um complexo de finalidades⁴.

Na trajetória de vida, a narradora mostra desejo de dedicar atenção e cuidado em serviços na Cruz Vermelha e, ao mesmo tempo, evidencia categoricamente sua vontade de ser médica (profissão que cuida da saúde e da vida das pessoas).

Por outro lado, há uma narrativa que evidencia um outro aspecto da decisão de procriar ou não procriar. Guardando na memória inconsciente os gritos, o que traduz na compreensão da entrevistada 6 o sofrimento para se dar à luz, ainda criança também optou por não ter filhos, parecendo descobrir durante a sua narrativa que sua decisão estava atrelada ao medo de tê-los, uma vez que tinha na lembrança os berros de mães dando à luz. Entretanto, entendia que filhos prendiam, dificultavam ou impediam o uso absoluto da liberdade. Talvez o fato da mãe esconder tudo, inclusive os partos, que poderiam ter sido assistidos pela entrevistada, considerando que ela era a mais velha dos irmãos, tenha gerado a fantasia da dor do parto, da prisão aos filhos, da perda de liberdade ser mais significativo que a maternidade. Essa não procriação é confirmada pelo esposo, que considera “um lucro” casar com uma mulher que não quer exercer a maternidade. Optam, assim, pelo viver para si e ego-altruísta, porém ajudando os familiares e amigos e seus filhos a viverem no momento em que cuidam destes últimos quando solicitados.

A procriação ou não é uma decisão individual, aceita pelo outro, e que dará um destino diferente às vidas e às formas de viver de um e/ou do outro. Aproxima-se da decisão de não procriar a vontade, claramente expressada na narrativa da entrevistada 6, de viver para si, para o esposo, para a casa, para o filho dos outros (demonstrando que gosta de crianças). Talvez esteja envolvida intensamente por um aparelho neurocerebral rico, ativo, capaz de usar a sensualidade, a afetividade, a inteligência para dar-se um viver mais intenso⁴.

O homem não escapa ao erro, à miopia, à ilusão. As idéias são um meio que lhe permite pensar e compreender. Por elas engana e é enganado, ilude e é iludido, concebe e é concebido. A organização viva se protege do erro. E se protege usando a racionalidade como instrumento⁴.

O não procriar pode ser para proteger alguém do erro (da existência, do viver), mas pode ser o erro (negar a nova vida). A procriação não deixa de ser um meio de propagação da cultura e dos paradigmas.

É através das interações cerebrais/espirituais dos indivíduos que a cultura existe. É por ela que se transmitem os paradigmas com sua linguagem e símbolos. A sua perpetuação, sua existência, sua inserção na sociedade se dá nos e pelos indivíduos (espíritos) desde a infância, nos diversos núcleos sociais a que se vai pertencendo, onde esse indivíduo formará seus tabus, suas normas, suas idéias, seus princípios, seus mitos, suas teorias, suas concepções incorporando um *imprinting* cultural que pela procriação perpetuar-se-á⁵.

Ao mesmo tempo em que havia na entrevistada 4 uma cultura a ser transmitida, naquela época havia um prenúncio da dor que esta cultura poderia provocar. Guardaram-se os genes culturais e os ilusórios genes da dor. Por razões diferentes, os primeiros foram guardados também pela entrevistada 6.

5.3 Relacionamentos afetivos

Aparecem nas histórias de vida e nas concepções de envelhecimento com várias características. Relacionamento com os pais, com os irmãos, com esposos ou esposas, com os filhos, com os netos e com amigos. Relacionamentos que se construíram no decorrer da vida com diferentes finalidades. Desses relacionamentos algumas pessoas têm relevância na narrativa. São citadas porque os narradores lhes dedicam um maior apreço; porque compõem

uma história própria que serve de bom ou mau exemplo para o narrador; porque estão consciente ou inconscientemente presentes na concepção de envelhecimento; porque são modelos a serem seguidos: *“Eu nunca tive um pai, uma mãe carrascos. Eu tinha 20 anos e era carregada no colo por meu pai. Por isso eu sinto uma falta horrível dele”* (7).

Py e Scharfstein ²⁴ apresentam uma noção de afeto como algo desvinculado de qualquer juízo de valores. Os afetos não estão relacionados somente à idéia de amores. Permeia as histórias de vida caracterizando-se pelos encontros e desencontros, alegrias e tristezas, realizações e frustrações, sucessos e fracassos vividos. A maneira como esses afetos acontecem na vida das pessoas é produto da maneira como as pessoas o fazem acontecer. Os afetos não são solitários.

A entrevistada 7 parece querer se mostrar como um modelo a ser seguido, enfatizando sua atenção e cuidado para com os outros, principalmente, idosos: *“Me criei cuidando de pessoas velhas, pessoas gastas, pessoas que não tinham mais condições de nada”* (7).

Alguns relacionamentos são estabelecidos por conveniência: *“A mãe era só, aconselhou casar e quando casei, fiquei morando com ela. A casa era grande; ela deu um quarto”* (9).

Estabelecidos para atender à necessidade de sobrevivência: *“Como a situação estava ruim, acabei casando, sem nunca ter namorado e sem gostar muito dele”* (1).

Estabelecidos para que se tenha zelada a própria existência: *“Ele me protegia, era atencioso, cuidava de mim. Foi uma pessoa muito boa, mais importante da minha vida”* (1).

Outros são estabelecidos por amor e para a construção de uma vida a dois (escolher alguém que possa ser companheira (o), determinada (o) para tal tarefa): *“Ali morava minha senhora com sua família. Minha senhora chama-se O. Ela ajudava os pais a cortar as caixas de abelha”* (2).

Os relacionamentos afetivos desenvolvidos, como os exemplificados acima, com propósitos específicos, demonstram a necessidade que as pessoas têm de estarem vinculadas e o quanto é necessário para se sentirem seguras e tranqüilas.

Por outro lado, os relacionamentos afetivos e sentimento de abandono ou solidão estão ligados. Nesta pesquisa a solidão na vida dos idosos se fez presente em algumas histórias.

Na velhice, os relacionamentos desses idosos institucionalizados parecem ter perdido a qualidade afetiva. O distanciamento desses relacionamentos afetivos provocou a solidão, o sentimento de abandono:

“Não tenho grandes amizades, não tenho mesmo. Amigas como eu tinha, eu não tenho” (1).

“A irmã de S.P. não vejo com freqüência. Tem que ir lá e anda meio doente, nem sabe o que aconteceu” (3).

“Eu era uma pessoa de bem, tinha muitas amizades na sociedade. Nunca ficava sozinho” (5).

“Eles me tratam bem, mas não saio porque são poucos na casa, os filhos trabalham, não dá para caminhar. E os filhos são um pouco desligado, podiam tirar uma horinha” (9).

Os afetos construídos não se transferem. Os relacionamentos familiares afetivos são únicos. Por mais que o idoso se perceba cuidado em uma instituição de idosos parece trafegar dentro de si a ausência dos verdadeiros afetos que se constituem na vida através da aproximação e do tempo de convivência. Nos laços afetivos entre pais e filhos, principalmente, a afetividade é quase automática. A família ao receber um filho já concebeu sua existência desde o resultado positivo do exame de gravidez. É um amor que, na maioria das vezes, está incondicionado. A certeza de ter estabelecido os vínculos necessários para a vida talvez deixe no idoso a certeza de não necessitar (não querer) estabelecer novos vínculos. Eles surgem na velhice, também, como uma troca evidente para ser bem cuidado.

Outro aspecto importante dos relacionamentos afetivos está no desejo de não causar transtorno para ninguém, de não ser um problema para os filhos: *“Até que comecei a cair. Meus filhos se preocuparam comigo. Um dia disse a eles que queria ir para o lar” (1).* *“Vivo a vida assim agora. Mas se tiver alguma coisa não digo para as filhas. Não me queixo. Trato de arrumar. Não quero dar desgosto para elas” (3).*

Considerando sua história, esta sociedade criou mecanismos de defesa para que seus idosos não sofressem com as lembranças das perdas e dos traumas do passado. Constituiu uma

rede social da qual faz parte instituições para idosos no sentido, também, de preservação do indivíduo e de sua cultura²⁵.

Contudo outros idosos demonstram insatisfação com sua institucionalização: “*E sozinha pensa que eu estou feliz aqui? Eu estou muito infeliz*” (7) “*Tenho recalque*” (9).

Dos idosos entrevistados, os residentes da instituição A são mais reservados quanto aos seus sentimentos dos que os da instituição B.

Um dos entrevistados, em parte de conversa não gravada, falou de sua dificuldade de relação com o único filho. E considerou sua responsabilidade nessa situação. Reconheceu ter sido um pai enérgico, autoritário e pouco afetivo. Afirmou que a esposa também agia dessa forma. Este entrevistado exemplifica algo que se observa no convívio com os idosos da instituição A, embora haja exceções: as relações com os filhos parece ter sido de pouca manifestação de afeto.

Na trajetória da vida as pessoas experimentam formas variadas de afeto como ódio e ressentimento, diferentes amores, alegrias e tristezas. Lidam com eles no processo de individualização, uma vez que estarão presentes nas mudanças que ocorrerem, sendo, também, provocadores de mudanças²⁴.

5.4 Trabalho e aposentadoria

O aumento da população idosa e a questão do envelhecimento relacionado ao trabalho tem sido reconhecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um problema a ser discutido amplamente. As doenças ocupacionais relacionadas ao trabalho e a incapacidade física ou mental são situações que oneram as empresas e o Estado. E esses elementos compõem um importante campo de investigação, embora se deva pensar que para o idoso também há implicações significativas tanto social quanto economicamente ²⁶.

O trabalho, dentro das histórias de vida, fez-se presente como elemento fundamental para a sobrevivência e para a independência. Na velhice este tema foi resgatado na vida da maioria dos idosos entrevistados por ser o que proporcionou uma aposentadoria ou uma pensão capaz de sustentar, em parte, a sua institucionalização (tornando-o participativo no processo).

Caracterizada por Stucchi ²⁷ como uma mudança que estabelece conflitos, a aposentadoria é a saída do mundo do trabalho. E o surgimento, então, de outras tarefas que se encaixam no mundo doméstico ou a transferência de poderes para as mãos de outros.

Stuart-Hamilton ²⁸ faz uma abordagem do trabalho na velhice destacando a aposentadoria como fator característico da velhice e apontando suas repercussões no idoso.

No Brasil, a aposentadoria tem uma conotação de direito-castigo. Sem contar que parte das empresas incentivam as aposentadorias precocemente, podendo tornar a constatação

de uma violência contra o trabalhador ²⁷. É sobre o INSS que recaem as despesas com benefícios da Previdência, o que tem gerado alto custo para a população ²⁶. Em relação à aposentadoria os idosos assim se referem:

“E assim vivi muitos anos. Fiz pelo menos 38/40 anos viajando. Me aposentei e estou aí, não tendo nenhum problema que impedisse a minha vida” (5).

“Eu tenho uma pensão deste tamanho do INSS, do meu esposo que ajuda a pagar aqui” (7).

“Eu ficava com as chaves porque eu abria a loja de manhã. Aquilo me fez uma aposentadoria. Tenho até hoje” (2).

O benefício pode não chegar a mão do idoso por sua opção, mas não deixa de ser mencionada sua existência e, em uma das narrativas, claramente enfatizada: *“Eu tenho só um salário de aposentadoria que está com meu filho. Então, como é ele que paga aqui, deixei” (9).*

Todavia, também ocupa um espaço deixado pela falta de alternativas, pois uma parte dos idosos morava em colônias afastadas da cidade. Em algumas famílias, a dedicação ao trabalho teve mais significado durante a infância dos idosos do que freqüentar a escola. O motivo era a sobrevivência:

“Meus pais precisavam de mim na colônia para ajudar na lavoura” (2).

“Depois eu queria estudar, cantava, tocava piano, mas eu tinha que ajudar meu pai na Pelaria...” (3).

“Não tive condições de estudar porque eu morava muito longe. Trabalhei muito, muito desde os 8 anos. Meu irmão lavrava e eu ia atrás do arado juntando batata, aipim, essas coisas” (7).

“Sabe que eu estudei só até a 3a série. Naquele tempo se trabalhava até domingo”(8).

“Eu estudei até o quarto ano. Todos estudaram um pouquinho. Para fora primeiro era trabalhar, os pais não se importavam com estudo” (9).

O empenho ao trabalho árduo, em detrimento da escola, representa a luta pela sobrevivência e a construção de uma vida mais confortável para um futuro ou uma velhice mais tranqüila. A ênfase que se dá ao sacrifício experimentado na infância por conta do trabalho, parece reforçar a dor de se estar institucionalizado e de se sentir desprezado, desrespeitado, abandonado, desconsiderado. Como se o trabalho encerrasse para a última etapa da existência a razão para não se estar institucionalizado. Como se tivesse pagado com a dedicação ao trabalho uma velhice na “sua própria casa”, não numa instituição de idosos.

Há dentro do homem um trabalho ainda maior: proteger-se. Não é o mito do homem sobrenatural nem o trabalho de Deus sobrenatural (isso a religião já demonstra) que podem

proteger o homem das forças sub-humanas que trabalham nele. Uma ocupação defende o homem de seu fim. A ação e a consciência humana são os protetores do homem¹⁰.

A profissão como instrumento para o trabalho ocupou especial atenção de um dos entrevistados: *“Foi minha primeira e única profissão, nunca tive outra. Sou alfaiate. Trabalhei, portanto, até dois anos atrás com 75 anos”* (8).

Para o entrevistado, o estímulo veio da mãe desde pequeno. Aprendida por ele, dedicou-se inteiramente a ela. Esta afirmação está no pensamento de Pascal que entende ser da infância a escolha profissional. De ouvir falar ou de conviver com elas. Viveu-a por mais de sessenta anos com uma fidelidade que não dedicou nem à esposa. E é tão significativa que na sua narração os encontros, as mudanças, os amores, as relações sociais, as aventuras e até mesmo sua institucionalização são contadas e decididas a partir de sua profissão.

A profissão não deixa de gerar paradigmas dentro dos paradigmas sociológicos e culturais engendrando um *imprinting* cultural que é seguido por uma normalização, ou seja, por normas que encerram definitivamente o que está culturalmente inserido no indivíduo e encerram individualmente o que está na cultura. O *imprinting* cultural está no indivíduo familiar, no indivíduo escolar, no indivíduo universitário e no indivíduo profissional¹⁰.

Apenas uma entrevistada ocupou-se com as tarefas caseiras, não tendo profissão específica nem tendo trabalhado fora de casa: *“Trabalhar eu nunca trabalhei. Eu não tinha profissão nenhuma. Eu era dona de casa”* (6).

Por outra declaração, a entrevistada demonstra estar protegida: *“O meu pai e a minha mãe não queriam mesmo que a gente trabalhasse”* (6).

Desempenhar unicamente tarefas domésticas não representava, à época da entrevistada, nenhuma perda ou proibição. A mulher realizava tarefas caseiras e se mantinha ativa, autônoma e independente negando o envelhecimento. Não havia dramas quanto a perda de papéis sociais, pois estabeleciam relações a partir das possibilidades oferecidas pelo trabalho doméstico ²³.

5.5 Sabedoria

A sabedoria traz consigo um conceito que coloca o sábio como detentor de um conhecimento profundo sobre vários temas que se apresentam na vida, com uma grande capacidade de julgamento e aconselhamento²⁹. Não se pode confundir saber (de conhecimentos múltiplos) com saber de experiências vividas.

No momento em que o indivíduo assumi a sua condição humana declara assumir sua natureza complexa, que integra a racionalidade numa sabedoria. Ela incorpora o saber viver e a experiência da vida. Produz a compreensão de si e desenvolve a compreensão do outro, sendo concebida como produto de uma dialógica presente nos conflitos ³⁰.

A sabedoria muitas vezes é, de acordo com Stuart-Hamilton²⁸, confundida com quantidade de conhecimentos que a pessoa adquiriu durante a vida que é medida pela inteligência cristalizada. Sabedoria pode ser pensada como conhecimento sobre o mundo. Ela

é vista, comumente, nos indivíduos que encontram o equilíbrio entre as forças que geram conflitos.

A sabedoria está, dentro da organização viva, sujeita a eventualidade, indeterminação e a incerteza para conceber o indivíduo, o ambiente, o observador-conceptor, a própria vida. Nada escapa ao erro e à cegueira. Não se pode atualmente apresentar um conhecimento limitado. O conhecimento existe para além de uma resposta única e definitiva. A cada crise nasce uma nova crítica (mesmo que seja a revisão de críticas já enjauladas no indivíduo). Na crise a razão, a verdade, a sabedoria vacilam porque se faz uma reorganização do pensamento que se for isolado conduzirá à cegueira e ao erro ¹⁰.

A imaginação é a parte ilusória do homem que para Pascal ²⁹ leva-o ao erro e a falsidade, pois não se qualifica uma vez que imprime à verdade e à falsidade o mesmo caráter. E é entre os sábios que Pascal vê o maior risco de persuasão.

Na cultura judaica, por seu caráter milenar, os anciãos são vistos como detentores de um conhecimento milenar. Esta visão deve ser reflexo dos milhares de anos que ainda são comemorados do calendário judaico. A concepção de idoso e, dentro da sociedade, o respeito que se rende a ele é resultado da cultura gerada pelos judeus.

Numa das narrativas a entrevistada apresenta a mãe como sábia. Conta, para isso, como que justificando tal sabedoria, que a mãe era analfabeta. Faz, também, uma tentativa de se aproximar das qualidades da mãe, uma vez que no começo da entrevista narra a importância desta na criação e educação dos filhos. Enfatiza as qualidades daquela mulher e para surpresa do entrevistador, quase no final da entrevista, declara estar fisicamente parecida com a mãe agora que está ficando velha: “Era analfabeta, mas era uma sábia”.(1)

Para o que se compreendeu como sua concepção de envelhecimento e como a tenha construído, aproximar-se das qualidades daquela mãe agora que está sozinha, garante-lhe o suporte para enfrentar, cuidada, protegida e atendida nas suas necessidades, o seu envelhecimento.

A sabedoria, assim, é concebida a partir da consciência que num princípio recursivo é o produto e a produtora da reflexão que leva ao conhecimento, que se fechado e definitivo, cercado pela cegueira, é denominado saber. Saber acumulado é sabedoria. A cultura judaica contém sabedoria, porém os indivíduos desta etnia podem conter conhecimentos. Sabedoria se estabelece no espírito que volta a si na reflexão usando a consciência. Permite um pensamento do pensamento continuamente ¹⁰.

A sabedoria lança mão da consciência, do pensamento e da inteligência. No desejo da sabedoria, a inteligência deve enfrentar um meio ambiente, um mundo biofísico, psíquico, cultural, social, histórico. A consciência, o pensamento, a inteligência dependem um do outro agindo sobre, pelo e com o outro ⁵.

5.6 Religião

A religião aparece nas histórias de vida e nas concepções de envelhecimento como a alternativa para suportar a solidão e o sentimento de abandono. Também como alívio para as culpas e remorsos construídos durante a vida.

A religião é uma alternativa diante da última etapa do ciclo de vida, pois se encontra na fé a cura das doenças e um sentido para a existência. Os encontros semanais nas igrejas ou

nas sinagogas têm proporcionado descoberta de novos amigos e o estabelecimento de novas relações, tornando a religião um potente instrumento que reduz a frequência de depressão e de morte súbita. O sistema imunológico das pessoas que se dedicam a serviços religiosos fica mais fortalecido e mais resistente ³¹.

Diante do mistério da vida, a religião exerce um papel essencial para o sujeito: auxilia-o a encontrar-se. A busca da identidade evoca todos os sujeitos que existem no indivíduo e a sua origem não esclarecida (apenas suposta) o direciona a ligação com algo superior. A religião apresenta algo ou alguém superior ³².

Para que a relação se estabelecesse, Deus instituiu a oração, na concepção de Pascal³³, para se comunicar com suas criaturas, para ensinar a quem se deve a virtude e para fazer com que se mereça as outras virtudes pelo trabalho:

“Eu não sou doente por religião, não sou fanática, mas louvo muito a Deus. Ele é quem nos dá tudo” (7).

“Então eu vou levando conforme Deus me ajuda. Rezo para Deus; peço perdão por causa de um pecado que a gente sempre tem” (9).

Para contrapor ao universo hiperobjetivo, pragmático, empírico, prosaico, técnico, burocrático surgiu o universo da religião, da mística, da literatura, da ética, da metafísica, da exaltação, do sentimento, do amor, da paixão que concorrentes, antagônicos se complementam. E os indivíduos passam por esses universos diariamente mesmo sem perceber.

Além disso, a religião transforma-se em instrumento de ação para os judeus, pois geram trabalho e definição de papéis. Ajuda a construir uma idéia de diferença, de crença em verdades únicas e pessoais. Por outro lado, é motivo de convívio, de aproximação, encontros, comemorações.

Há uma concepção de religião que, como discute Morin, não pode se limitar a ligar o indivíduo a deuses. É a religião que propõe encontros, reflexões da vida e da morte, mas estabelece os medos, os pecados, as dívidas. Para a salvação busca-se a compreensão da fraternidade e da perdição. Como se representasse a ética dentro da religião, a fraternidade soluciona a perdição. Evoca-se, por ela, a necessidade de humanização e de civilização na Terra³⁴:

“Meu pai não era de falar muito, mas minha mãe contava que na aldeia de judeus onde eles moravam, as mulheres trabalhavam e os homens estudavam. Estudavam a Torá, a religião, essas coisas que eram muito valorizadas” (1).

“Meu pai era muito religioso. Eles me educaram no Judaísmo, mas em pouco tempo eu abandonei. Minha mãe era muito religiosa e muito caridosa” (2).

“Um primo que morava em Libres nos ensinou quem nós éramos: que éramos judeus, que não éramos católicos, nossa religião. Todas as festas eram na minha casa e eu que fazia tudo” (3).

O idoso aproxima-se de Deus pela iminência da morte. Busca salvar sua vida criando um mundo de vida onde há a morte. A religião ganha, então, o ilusório papel de salvadora.

Com seus conceitos, princípios, regras; com sua filosofia, sua ciência, seus valores morais, éticos, sociais, culturais dá espaço ao desejado eterno encontro do homem com a vida. A angustiante jornada da ilusão de se ser imortal. A religião auxilia na investigação do sujeito/objeto, alma/corpo, espírito/matéria. Cria dois universos diferentes para recrutar desesperados mortais que buscam vida depois da vida.

A cultura que fornece aos indivíduos o saber, disponibilizando formas de interação, cria normas, regras, proibições, tabus, etnocentrismo, auto-sacralização. E aprisiona-os no seu etno-socio-centrismo com seus discursos sobre a fé, a desconfiança, as verdades, os pecados. Faz apresentando uma filosofia, um saber, uma linguagem, mitos, regras¹⁰.

Pascal discutiu o sentimento profundo da tragédia humana e dos limites da razão na sua dialógica dúvida/fé, religião/razão¹⁰. Tinha a intenção de fazer o homem perceber-se fraco, corrupto e com dificuldades, a fim de despertar-lhe a fé.

Com os judeus que vivem em Porto Alegre, oriundos de outros países, ocorreu (e talvez ainda ocorra) um choque cultural. Muitos aceitaram (entrevistada 4) costumes que não eram os seus para bem conviver. Mas confirmam com suas festas, suas comemorações suas raízes, suas origens. E isso se reflete mais no uso das datas religiosas. Os judeus vivem o Judaísmo.

Os judeus resistiram aceitar o Messias (Jesus Cristo). Se dividiram naqueles que acreditaram nele e naqueles que não acreditaram. Pascal³¹ afirma que para Deus isso era necessário. Era preciso que as profecias se mantivessem em suspeitas. No entanto, a religião, em Deus, parece ser um consolo das dores do envelhecimento.

5.7 Limitações

A questão das limitações tem relevância no estudo porque, conforme se observa nas concepções de envelhecimento, na caracterização pelos próprios idosos de sua velhice, a independência, principalmente a funcional, é o que permite o exercício da autodeterminação e do autocontrole sobre suas vidas. Ela é relatada, direta ou indiretamente, demonstrando a preocupação que o idoso tem em não perder o controle da situação. No entanto, o meio social, as mudanças biológicas e psicológicas vão comprometendo a independência dos idosos³⁵. Por essa razão, Sé e Queroz³⁶, entendem que a dependência se relaciona com a fragilidade e, por isso, é um fenômeno multidimensional. Os autores ainda afirmam que dois tipos importantes de dependência: física, que provoca dependência funcional para as atividades de vida diária e comportamental, que decorre do desamparo ou da dificuldade de lidar com certas situações:

“Eu sei que não vou me curar. Só não quero piorar” (1).

“100 anos é um presente e eu estou vivendo, só não quero dar trabalho” (3).

“Passar o domingo presa. Sei que elas têm bastante razão. Se eu saio sozinha pode me acontecer alguma coisa. Eu brigo com elas. Eu sou teimosa” (7).

“Eu não me sinto bem em estar presa. Tem dias que eu acho que não vou sair da cama. Mas saio” (9).

A perda da independência coloca no idoso um sentimento de prisão, de perda da liberdade de ir e vir, de incapacidade de agir e decidir. Esse sentimento faz com que o idoso aproxime-se cada vez mais de seus princípios, de suas idéias, de suas teorias; faz com que busque fugir da realidade, imutável, da sua condição. A institucionalização projetada no idoso, a dependência. Mesmo que ele vá para a instituição em boas condições, terminará por dar ou não dar satisfação de seus atos e de suas decisões às pessoas que moram no local e aos administradores. A própria família, em visitas, questiona os acontecimentos. Ao mesmo tempo em que promove no idoso a certeza de estar sendo cuidado, alivia a culpa e o remorso dos familiares pela institucionalização. Entretanto, fortalecendo seus princípios, suas idéias, suas teorias, o idoso demonstra uma inflexibilidade, um exercício de controle da situação para não se deixar dependente dos outros (o que, na verdade o amedronta).

A construção dessa não dependência se faz nos indivíduos durante a vida. Espelhados na realidade de outros idosos, mesmo os pais (e há nas entrevistas um exemplo), investem na profissão e no trabalho para não reproduzirem a dependência de seus pais: *“O pai não tinha emprego, não era aposentado nem nada. Então nós é quem sustentávamos ele”* (5).

Parece haver algo que se pode chamar de jogo que ocorre nos indivíduos. O idoso não quer ser dependente. Investe, então, em uma profissão e no trabalho por longos anos, constituem uma aposentadoria, cuidam da saúde, buscam atividades para se manterem atuantes, não consideram a hipótese de serem acometidos por algum problema de saúde (o que seria biologicamente natural) por não se perceberem na velhice. Desejam, por vontade própria ou por teimosia, morar sozinho sem considerar que tal situação possa lhe causar sentimento de solidão, de abandono.

Essas histórias de vida evidenciam que o cuidado exercido dentro das instituições por seus funcionários não suprem a atenção e a proteção que a família oferece. Não há o propósito de aprofundar tal discussão, mas é importante salientar que a saída do idoso de seu meio, de sua casa o distancia de sua família, de seus amigos, da sociedade. E esta mudança, por mais que seja decisão do idoso a institucionalização, provoca uma alteração na sua forma de pensar com o passar dos anos. Em alguns mais rapidamente que em outros. E uma simples troca de quarto pode ser o desencadeador de grande sofrimento, de processos depressivos maiores, de conflitos internos gerados pela necessidade de resgatar seu controle sobre as situações. Isto aumenta a dependência.

Olhando-se o desenvolvimento psicomotor, poder-se-á perceber a dinâmica dependência-independência no seu curso todo, onde, na adolescência, pronuncia-se um processo de individuação e autonomia que trará na fase adulta a autonomia pessoal e o relacionamento social³⁷.

A saúde e a doença tornam-se um conflito dentro do idoso. Com as mudanças naturais da etapa em que vivem, uma parte dos idosos não aceita a doença. Desejam ter saúde para sempre e alguns não percebem que alterações acontecem independente da vontade; outros têm a consciência de que isto é normal: *“Até que comecei a cair. A gente quando vive muito passa por muita coisa. A gente tem perdas. Mas é assim, é normal”* (1).

O envelhecimento traz mudanças orgânicas e psíquicas. As mudanças naturais não devem tratadas como perdas ou doenças: *“Eu não posso sair, me locomover, pegar um ônibus por causa das minhas condições físicas, não tenho força nas pernas... Eu sei que eu não vou*

me curar. Só não quero piorar. Não vou ficar boa da fraqueza que eu tenho nas pernas, vou ficar boa?” (1).

Existem alterações que fragilizam organicamente o idoso. Não o impede de viver bem, mas com cuidados necessários, um suporte para mantê-lo em boas condições.

Os indivíduos dificilmente compreendem a complementaridade que existe na relação saúde-doença. Neils Bohr, da Teoria Quântica, aceitando as noções contrárias de onda e de corpúsculo e seu acasalamento, aceitou-as complementares. Embora parecendo absurda era verdade, contraditória, mas era verdade ¹⁰.

A idéia de complementaridade de Bohr tinha a ver com a dualidade, mas também com a similaridade. A Teoria Quântica torna compatível dois elementos opostos que não são reconciliáveis ao primeiro olhar ¹⁰.

Pensar os mitos e as idéias ajuda os indivíduos a domesticá-los ¹⁰. Das entrevistas realizadas, o tema saúde-doença está presente nas concepções de envelhecimento. Cada um dos idosos fala dele conforme sua realidade atual:

“Eu estou ouvindo menos, estou enxergando pior. Caminho com cuidado para não cair. Mas está bom, porque estou melhor que muita gente. Eu estou vendo que isso é natural”(1).

“Minha senhora está em tratamento e eu também. Gastávamos muito com médico e aqui tem uma equipe de saúde que atende todos bem” (2).

“Depois começou dor na perna e tiraram e depois a outra por má circulação e aí acabou tudo” (3).

“A gente é muito preso e eu não sou mulher de ser presa... Só mais recentemente me deu uma isquemia, aliás, duas e eu esqueci onde eu estava, onde eu andava e fui parar no hospital... Esse é o motivo que eu fiquei doente. Eu sou perfeitamente sã...” (7).

A doença no idoso provoca, mais que em outras etapas da vida, a angústia da morte. Lidar com esses dois aspectos tão humanos (angústia e morte) é lidar com dois elementos bioculturais do homem. Dois elementos que na velhice não são fáceis de se lidar porque estão no homem. Pode-se, como os mitos e as idéias, serem domesticados, pois saúde-doença estarão na organização bio-cerebral do homem para sempre ⁵.

Morin, usando uma linguagem metafórica, descreve o seu conceito de saúde como um estado que exorciza a morrer, que faz o indivíduo viver na realidade e como consequência poder sonhar. É dispor de uma condição psíquica conectada ao coração, capaz de gerar um estado mental em que o envelhecimento possa ser visto como um tempo para reflexões ³⁸.

A memória é um aspecto do envelhecimento que aparece nas histórias de vida, na unidade contextual velhice e está nas concepções de envelhecimento: *“Normalmente o idoso se lembra das coisas passadas. Eu estou esquecendo tudo: passado e as coisas recentes. Eu estou muito esquecida. Sei que é da idade. Tem gente mais nova do que eu que está perdendo a memória” (1).*

A perda da memória e a sua integridade são refletidas pelos idosos. Tê-la íntegra é sinônimo de envelhecimento saudável, enquanto esquecer, ter dificuldade de resgatar a memória é sinônimo de envelhecimento não saudável.

Para Ferreira³⁸ a memória é, para o idoso, um vínculo com o passado. À medida que se envelhece, a memória vai se confundindo com a história de vida e vem dela a manutenção e preservação da identidade facilitando a interação com o mundo:

“A minha senhora está com problema de memória” (2).

“Estou com 81 anos, feitiños, 81 anos e em boa forma, boa cabeça, graças a Deus. Não fiquei com problema de esquecimento, tudo eu gravo, tudo eu tenho direitinho” (6).

“Tem só 99 anos e meio. Está viva, bem viva e com uma memória melhor que a minha” (8).

A memória é um recurso do cérebro humano. As aquisições mentais, motoras, intelectuais, culturais que formam no arsenal cerebral uma espécie de “depósito” de informações permitem estabelecer com o mundo as diversas relações que aproximam os indivíduos e facilitam a sobrevivência. O aprendizado que acompanha qualquer ser humano desde o nascimento, que se processa inicialmente por sensações e, mais tarde, por percepção, por experiência conserva-se no cérebro na forma de memória. E os seres humanos passam a existência inteira evocando-a pela recordação, na intenção de realizar as diferentes tarefas na vida⁴⁰.

As sinapses, conexões cerebrais entre células nervosas responsáveis pelas respostas a qualquer estímulo que se receba, vão ficando mais lentas se menos utilizadas. As sinapses são ativadas na urgência de resgatar algo já registrado na memória. Com o avanço da idade, a perda de neurônios torna mais lenta a resposta da memória. Portanto, a perda de memória é que parece apontar o envelhecimento e não só o envelhecimento vem carregado da perda de memória. E o que talvez assuste o idoso seja deparar-se, assim, com a velhice e, por ela, quem sabe, com a dificuldade de memória ⁴⁰.

A cultura fornece aos indivíduos o saber que se vai acumulando permitindo que o cérebro se desenvolva, reintegrando o ser humano na sociedade e o espírito/cérebro no ser. A sua linguagem, seus métodos de aprendizagem, de investigação, de verificação compõe este saber que se registra no indivíduo pela memória. Através do princípio hologramático o indivíduo desenvolve sua percepção, pois o cérebro memoriza partes de um conjunto sob forma de lembrança, que reconstitui o todo pela rememoração ⁵.

O idoso vive intensamente o mundo da memória. É aquilo que pensa, ama e realiza. Contador de histórias busca lembranças com veemência e sua dimensão no viver é o passado. Porém, deve alimentar a memória para que as recordações venham em auxílio ⁴¹. O não exercício da memorização e a diminuição da prática das habilidades mentais associados a perda neuronal deve provocar declínio do sistema de memória pelo desuso ²⁸: *“Posso lhe contar isso, conto coisa assim para falar, conversar alguma coisa que me lembro, mas não como antes”* (3).

O indivíduo é, está e age socialmente a partir senso comum nele inscrito. Quem guarda esse senso comum é a memória. A intencionalidade, elemento fundamental já para a compreensão dos fenômenos, depende da memória consciente e/ou inconsciente ⁴².

Perder a capacidade de lembrar fragiliza o idoso, aproxima-o da perda de controle que sempre aparece no processo de envelhecimento como uma das mais assustadoras mudanças para o idoso. Os indivíduos entendem que se perderem sua memória, perdem sua raiz, sua história, sua razão, seus valores. Perdem-se como indivíduos.

5.8 Viuvez e morte

O fato desta pesquisa contar com nove entrevistados e apenas três serem homens reflete a realidade das duas instituições com as quais se trabalhou. Numa delas, aliás, mencionado por um entrevistado, havia um único homem morador na instituição. As mulheres e dois homens desta amostra são viúvos. Inúmeras pesquisas têm demonstrado que o número de mulheres viúvas na velhice é maior que o número de homens viúvos na mesma etapa do ciclo de vida. Vários fatores podem ser apontados como responsáveis por essa realidade. Todos os idosos estão com idade igual ou superior a 75 anos. Casaram por volta da década de 40, portanto, num período em que normalmente os homens trabalhavam fora e as mulheres assumiam as tarefas da casa: *“Quando meu marido ficou doente eu viajava por ele todo o Rio Grande do Sul”* (3).

Todas as mulheres, inclusive a dos homens participantes da pesquisa, tiveram um trabalho fora de casa ou foram companheiras de seus maridos no sustento da família. E falam com carinho e admiração de seus companheiros e do seu valor na vida delas:

“O meu marido, o pai do meu filho, queria que eu aprendesse inglês para quando fosse viajar já saber. Como não deu tempo fui fazer depois” (1).

“Entramos em uma sociedade artístico-cultural como sócios, íamos ao teatro, concertos. Ele gostava de me ver bem vestida e com aquelas jóias. Orgulhava-se de mim...” (4).

Por razões que não se esclarecem nas entrevistas, as mulheres são em maior número nas instituições. São viúvas, ativas e não gostam de se sentirem presas. Seus maridos faleceram antes porque provavelmente suas estruturas suportaram menos a ordem instituída a partir da desordem orgânica.

A viuvez é um estado que possibilita o sentimento de solidão ao mesmo tempo que permite que a mulher exerça maior autonomia quando não se submete a vontade e autoridade de outros, como os filhos ²².

As entrevistadas que residem na instituição A e que tiveram filhos contam ter decidido ir para a instituição, sobretudo, para não interferirem na rotina de vida dos filhos. Foram acolhidos por eles quando precisaram de cuidado, mas não quiseram deixar com eles a responsabilidade de cuidá-los no momento em que percebiam a sua dependência.

A rotina das famílias atualmente é muito diferente daquela de alguns anos atrás. O homem e a mulher trabalham fora de casa, deixam seus filhos nas creches ou nas escolas. Passam do dia à noite longe de casa. Por isso, não conseguem assumir maiores responsabilidades de cuidados com os pais.

As entrevistadas da instituição B demonstram não aceitar esta realidade. Queixam-se de morar na instituição e lamentam a ausência ou distância dos filhos.

Mesmo com queixas, a mulher parece aceitar melhor seu estado de solidão. Estado de solidão porque, usufruindo características como boa comunicação, desprendimento, interesse em atividades diversas (artes plásticas, teatro, culinária, bordado, atividade física, costura), parece contornar as ausências e as perdas por um tempo maior que o homem. Como a mulher, culturalmente, assume o papel de administradora do lar, a ausência do homem (marido) faz sofrer a perda sem fazer perder a capacidade de administração na viuvez⁴³.

O participante da pesquisa que mora com a esposa na instituição está em uma unidade diferente da esposa. Como ela afirma ter um problema de memória e está num grau de dependência maior que o dele, ele a visita diariamente e quando não vai vê-la, lamenta-se dizendo que não foi visitar “sua senhora ainda”. Demonstra, assim, seu devotamento e respeito à esposa. Prepara-se, assim, para a partida de um deles, em algum momento. Se ele for primeiro, que ela fique bem cuidada; se ela for primeiro, que ele tolere sua ausência.

A morte aparece nas falas quando os narradores lembram seus entes queridos. O conviver com a morte se inscreve profundamente no viver humano. Fará o homem refletir acerca da sua vida e da sua maneira de viver. Por isso, pensar na morte fará o indivíduo viver e viver fará o indivíduo pensar ainda mais na morte⁴.

A morte é um tema recorrente nas histórias de vida. Principalmente na velhice, pois o tempo de vida destes idosos já os fizeram perder muitos entes queridos. Todos eles sofreram com a perda, pelo menos, de seus esposos ou esposas (como referido acima). Além disso,

famílias com numerosos irmãos resumiram-se a duas ou uma pessoa. A morte dos pais também é lembrada. Mas a sua importância, seus ensinamentos, suas trajetórias tem mais significado que sua morte. As lembranças estão carregadas de afeto.

A morte provoca dor porque se reconhece no cadáver um indivíduo, único, familiar, íntimo, próximo, amado. A morte de alguém anônimo não perturba tão violentamente. O horror não é a decomposição do corpo que sofrerá mudanças se misturando com o universo de onde teve origem. O horror é a morte do seu universo, a decomposição do caráter, a obsessão da própria morte⁴⁴.

A idéia da morte tem um conteúdo vazio sem fim. Pensar a morte é esvaziar-se enquanto indivíduo, deixar de ser consistente, inteiro, indestrutível, não corrosível. O que apavora quando se pensa num corpo em decomposição é o pavor de perder a individualidade⁴⁴.

Após a morte de três entes queridos no mesmo período e, como relatado informalmente dias após a entrevista, para confirmar o desejo seu e da esposa, um dos idosos foi para a instituição. E esse mesmo idoso é quem disse longe do gravador que estava no lar para morrer: *“Eu estou com 90 anos esperando atingir o final. Eu vim para cá para morrer”* (5). Outra entrevistada “gostaria de virar a cabeça e se mandar”.

Mas o que faz alguém desejar perder sua individualidade? É por não mais se sentir notado, percebido, valorizado pelo outro; por, em função de suas perdas, não mais se achar em condições de fazer tudo como antes e, por isso, não conseguir se apresentar integralmente à sociedade.

É necessário adaptar-se ao que a vida vai oferecendo quando é mais difícil fugir. Mas também é possível e incondicionante a fuga.

Na relação todo-partes a integração dos indivíduos na sociedade é ao mesmo tempo desintegrante para os integrados, pois esta continuará a existir com a morte daqueles. Todo homem está ligado ao mundo. Suas participações são a sua adaptação. Um desafio constante à morte. Um desafio que vai crescendo com o indivíduo e dando-lhe individualidade: aventura pela aventura, perigo pelo perigo; a verdade, a honra; a pátria, a revolução⁴.

Por outro lado, a maioria dos idosos entrevistados não fala sobre sua morte. Fala dos riscos de vida que correram por causa de doenças, mas não falam de sua morte.

Homem se mostra cego para a morte para não sofrer antecipadamente a dor da perda da individualidade. Ter consciência de sua morte é traumático. É travar uma batalha na consciência do fato real da morte com a vontade real de viver. A consciência nega a morte como fim, a reconhece como fato, mas apresenta a horrível realidade de que na relação indivíduo-espécie continuar-se-á espécie mesmo perdendo-se a individualidade⁴⁴.

Biologicamente há um destino para o corpo. Os indivíduos passam a existência lutando contra a morte nos enfrentamentos diários que a vida por si só lhes apresenta: *“Nesse período eu tive dezenove dias de febre. Fiquei só esqueleto, podia ter morrido, mas Deus não fez a minha hora”* (2).

Mas parece que as mudanças, as transformações, as alegrias, as angústias, as tristezas, os sucessos alcançados e mesmo os fracassos surgidos enquanto se está socialmente ativo,

exercendo algum ofício, percebendo corpo jovem, bonito, saudável não têm a dimensão que tem as mudanças, as transformações, as alegrias, as angústias, as tristezas, os sucessos alcançados e os fracassos vividos na última etapa da vida. Ainda tem a perda dos entes queridos, a saudade, a solidão contribuindo para a desistência da existência.

Contudo, os idosos que não perderam o seu entusiasmo pela vida, não desanimaram diante dos momentos difíceis e acreditam que podem preencher seus “espaços vazios” com outras tarefas, com a lembrança saudável dos entes queridos e com a confirmação de que a existência tem valido a pena, não querem morrer, não falam da sua morte, não desistem e resistem a cada novo dia.

Os homens recusam-se a acreditar na sua morte. Criaram as mitologias para atribuírem-se a amortalidade do ego. Criaram, para isso, seus mitos. Como continuaram morrendo, foram ao intocável, ao invisível, ao imaginário, à religião atribuírem-se a imortalidade ⁴⁴.

Morrerão como corpo, mas existirão como alma, espírito. Estão lutando como fizeram a existência inteira, como se demonstrassem que permanecerão fazendo a eternidade inteira. Os homens não pretendem perder sua individualidade para a própria morte.

5.9 Solidão

Este tema é de substancial importância para o estudo que ora se desenvolve. A solidão na velhice tem sido frequentemente confundida com abandono. Aparece nas frases dos idosos quando se referem ao fato de ficar só ou sozinho:

“Apesar de se viver sob o mesmo teto não se tem a mesma convivência” (1).

“Eu sou sozinha” (3).

“No lugar do sepultamento coloquei um ‘Matzeiva’ indicando a data de nascimento e falecimento e ‘Descanse em paz’. E fiquei só. Morava em uma casa e pode-se imaginar em que estado fiquei” (4).

“Eu tenho saudades deles porque ficou só eu, quer dizer, os outros estão por aí, ninguém morreu” (6).

“Com o tempo cheguei a conclusão que eu tinha que morar sozinha. Eu já não agüentava mais ela nervosa e achei que eu precisava viver só. [...] Quando tu fica velho, fica sozinho, sozinho” (7).

Com o “fantasma” da morte fazendo parte do imaginário do idoso, não é muito difícil compreender porque a solidão traz o sofrimento, a angústia, o sentimento de abandono (que pode não ser apenas um sentimento, mas a certeza do abandono). A maneira como se vive esta solidão reflete e é refletida pelas concepções que estão inscritas nos indivíduos, especialmente, no idoso: *“Não saio muito porque não tenho condições. Não tenho grandes amizades, não tenho mesmo. Amigas como eu tinha, eu não tenho” (1).*

Sentindo-se só, contraditoriamente, deseja a chegada da morte. Talvez como um remédio para a angústia. Viver com a esperança de liquidar o sofrimento faz da morte companheira. Como se conversasse com ela, trocasse idéias, aliviando a própria solidão.

O homem é um ser social. A sociedade é complexa (policultural) e um mesmo indivíduo experimenta vários grupos sociais. Esses grupos existem com suas características próprias, obedecendo a um paradigma, uma sociedade, uma cultura. Mesmo dentro de uma mesma cultura a família, a tribo, a etnia, a política, a filosofia, a religião tem suas características próprias. Eles estabelecem no indivíduo um conflito, gerando discussões no espírito individual. Sentir-se só parece ser sentir-se distante desses paradigmas, dessa sociedade, dessa cultura. Parece sentir-se distante das relações que os grupos podem estabelecer. É um sentimento de morte da e para a vida social. Deparar-se com a solidão, com o estar sozinho faz aproximar da morte, da consciência de ser mortal. Faz rever os mitos da imortalidade. A solidão, por isso, amedronta ¹⁰.

Por outro lado, a solidão pode não ser a vilã que se enxerga nela. Pode ser motivadora, incentivadora, desencadeadora de mudanças de atitudes e geradora de alternativas que façam encontrar na própria vida a companheira para conversar, discutir idéias, aliviando a própria solidão e declarando amor à vida, julgando que tudo valeu a pena e tudo poderia ser vivido novamente. Para evitar a solidão, atividades de diferente natureza se fazem presentes nos discursos dos entrevistados como:

“A gente se relaciona bem, seguido tem festas. Têm reuniões, atividades, tem cerâmica e eu faço parte do teatro também. Têm os passeios, o bate-papo, as artes plásticas”(2).

“É eu faço tudo que posso. Vou jogar Bingo, ganho balas, ganho tudo dou para elas. Trato bem. O que vale na vida é a amizade. Mesmo que saiba alguma coisa, digo só maravilha... Eu quero amigo, não quero inimigo” (3).

“É bom sair porque só ficar dentro de casa não tem vantagem nenhuma” (6).

“Já fui no cinema umas seis vezes. Eu gosto de sair, ir ao shopping” (8).

Assim, o desafio que se apresenta ao idoso quanto à solidão é aquele que o coloca como único responsável por sua presença. O controle sobre a vida é constantemente testado no processo de envelhecimento. As perdas e as dificuldades que vão se edificando com o avanço da idade podem ser geradoras de uma insatisfação com a vida, mas é preciso que não seja vencido o desafio que se impõe. Admitir um estado de solidão é correr o risco de comprometer a autonomia³.

No estudo, a solidão se fez presente com mais clareza na história das entrevistas 4 e 6 e veladamente na entrevistada 3. A entrevistada 4 parece relacionar sua solidão à morte do marido. A entrevistada 6 manifesta solidão por não encontrar mais os irmãos. A entrevistada 3 busca fazer amigos para não se sentir só.

5.10 Institucionalização

O não poder mais cuidar de si ou não poder mais ser cuidado por alguém em sua própria casa parece ser o motivo mais evidente da institucionalização dos idosos participantes desta pesquisa. Cada um deles apresenta os motivos que os levaram aos lares onde residem:

“Fiquei com a perna engessada. Fiquei uma semana na casa da filha e outra na casa do filho. Trataram muito bem de mim. Então resolvi vir” (1).

“Minha senhora está em tratamento e eu também. A decisão de vir para cá foi por causa do empenho dessas sobrinhas. Aqui nos tratam muito bem e é tudo muito bom” (2).

“Vim para cá porque pensei que com essa idade não queria ser problema para as filhas e o filho mora em B., a mulher ganhou nenê e pediu a empregada que trabalhava comigo muitos anos. Para não pôr outra no lugar, conversei com as filhas que iria para o lar” (3).

“Um amigo disse-me que não me deixaria sozinha com a empregada e, então, trouxe-me para o lar” (4).

“Eu tenho irmãos. Tem uma que mora aqui também. Eu vim para cá mais por causa dela” (6).

“Eu já não agüentava mais ela muito nervosa e achei que eu precisava viver só. Como não se achou uma coisa melhor, eu vim parar aqui” (7).

“Por isso eu estou aqui, para não trabalhar mais” (8).

“O filho mais moço casou e, passado um tempo, fui morar com ele. E agora ele mora no S. e é o que me dá tudo aqui. Paga. Só que eu não aceito morar aqui” (9).

O participante 5 não revela durante a entrevista os motivos que o levaram à institucionalização.

Percebe-se que, à exceção da entrevistada 6, há uma lamentação em relação aos motivos apresentados. Que a institucionalização foi uma decisão tomada depois de acontecimentos dolorosos que ocorreram na vida destes idosos. E que a própria institucionalização é dolorosa para algumas das entrevistadas.

Vive-se em sociedade independente da forma de relacionamento com ela. E como em toda sociedade, que comporta comunidades, grupos, famílias existem leis, normas, verdades estabelecidas que devem ser aceitas, integradas (primeiro dentro do indivíduo), existem diferenças na maneira de aceitá-las e integrá-las de um indivíduo para outro ⁴.

Os idosos da instituição A demonstram nas suas falas que o caminho para instituição foi menos doloroso que dos idosos da instituição B. Os idosos da instituição A se sentem acolhidos no local onde residem. Preparam sua ida para a instituição.

As instituições judaicas para idosos fazem parte de uma rede social que foi engendrada no período pós-guerra para atender aos velhos que sobreviveram a Segunda Guerra Mundial. A sociedade judia tinha por objetivo dar ao idoso as condições que lhe fizessem não recordar, não chorar, não sofrer eternamente as perdas e, sobretudo, os traumas desencadeados pela guerra. Havia, então, na sociedade judaica um movimento, uma organização para atender seus idosos respeitando, assim, o que eles consideram seu patrimônio cultural.

O modo como as sociedades se organizam é reflexo de sua história, de sua relação com o conhecimento. Todo conhecimento tem raiz e depende de um contexto cultural, social e histórico. Todo contexto cultural, social e histórico principia no indivíduo. Protegê-lo é proteger o patrimônio cultural, social e histórico, pois as culturas só se formam, conservam, transmitem e desenvolvem através daquelas interações citadas no início do capítulo, as interações cerebrais-espirituais que se dá entre os indivíduos. Por isso, afirma-se que cultura e sociedade geram-se mutuamente. O conhecimento fica, dessa forma, atrelado a maneira como a sociedade se organiza e como ela estrutura sua cultura e conta sua história. E com base no princípio recursivo o conhecimento, bem se exemplifica aqui, é produzido e produtor de si mesmo ¹⁰.

Não é o que se pode observar nas histórias de vida dos idosos não judeus. Ir para a instituição para estes idosos tem um outro significado. Não consideravam como seu destino na velhice. Não manifestam nenhuma relação afetiva com a instituição onde moram. Não decidiram por ela:

“Não é como estar na sua casa para receber e fazer visitas” (1).

“Tinha três propriedades que doei: duas para o meu filho e outra para a minha neta” (5).

“Eu não morava com ele. Eu morava na minha casa, eu tinha a minha casa” (6).

“Feliz eu estava na minha casa. Minha casa bem arrumadinha, meu jardim, meus bichinhos. Aí eu era feliz” (7).

“Eu já vou a P.F. de novo... Eu vou com frequência a P.F...” (8).

Resgatar a casa que viviam antes de irem para os lares parece ser a vontade de algumas das entrevistadas, julgando que tiveram perdas significativas depois da ida para os lares onde estão morando. A repetição, neste parágrafo, da palavra “lares” é porque ao mesmo tempo que lamentam não estar nas “suas casas”, chamam o local onde estão de lar. O que não transparece nas falas é o distanciamento do que essa palavra significa. Se se observar com atenção, perceber-se-á que os idosos recebem, mesmo criticando o local onde moram, os cuidados que precisam receber. Como se a queixa não fosse do cuidado ou do cuidador, mas de quem está cuidando.

A institucionalização pode representar para o idoso a ruptura de laços afetivos. É uma mudança de meio e de mundo que vem carregada de perdas. A mais dolorosa é o sentimento de perda da família, mas também surge o sentimento de perda da autonomia, do controle, da independência e, além de tudo, da vida ³⁵.

A institucionalização ajuda a refletir sobre as histórias das famílias e como elas têm se mostrado descontínuas, heterogêneas, frágeis nos seus compromissos e nas suas tarefas mais exigentes ⁴⁵.

Após a síntese inicial aqui discutida foi realizado um outro movimento sintético que assumiu a configuração de matrizes explicitadoras dos panos de fundo, nas quais constam descritores que contribuíram para a construção da concepção de envelhecimento dos idosos participantes da pesquisa. As matrizes e sua interpretação são apresentadas no próximo capítulo.

6 PANOS DE FUNDO, DIMENSÕES EMERGENTES E TEORIAS DO ENVELHECIMENTO

6.1 Panos de fundo

Os panos de fundo foram recursos utilizados para tornar visíveis as concepções de envelhecimento.

Os panos de fundo auxiliaram na construção, pelo pesquisador, da concepção de envelhecimento de cada idoso participante da pesquisa e facilita a visão e a compreensão deste fenômeno com base nas suas histórias de vida. Ajudam a visualizar os elementos que contribuem/compõem a concepção de envelhecimento.

As concepções são frutos das trajetórias individuais. Elas conduzem consciente ou inconscientemente o sujeito ao centro de sua própria história. Ajudam a contextualizar o momento e seu sentido. São oriundas de uma situação, de uma realidade, de um universo próprio que desemboca na sua compreensão do mundo.

A concepção utiliza todos os recursos do espírito, do cérebro e de mão-de-obra do homem: combina a aptidão para formar imagens mentais com as aptidões para produzir imagens materiais (desenhos, projetos de arquitetos, maquetes de engenheiros, modelos reduzidos); utiliza palavras, idéias, conceitos, teorias; recorre ao julgamento (avaliação, escolha dos elementos e do mundo de organização); utiliza a imaginação e as diversas estratégias da inteligência. A plena utilização da dialógica pensante gera concepção que gera essa plena utilização. Ainda que existam concepções fora da linguagem, a formulação necessita desta. Mas é evidentemente na concepção destinada ao conhecimento que a linguagem é essencial ⁵.

Neste estudo, a construção dos panos de fundo passou pela leitura das entrelinhas do que é contado.

A elaboração desses panos de fundo se esboçou desde a gravação da narrativa quando o pesquisador ficou atento aos fatos e sua relevância para o narrador. Durante a transcrição outros elementos se tornaram perceptíveis ao ouvido: entonação, expressões, volume e ritmo da voz que auxiliaram a entender o fenômeno ou o fato no contexto da vida do narrador.

A leitura atenta para posterior análise permitiu configurar panos de fundo e dar sentido à história de vida. É o que Morin define como metaponto de vista. O que está além do discurso, subentendido nele e que é reforçado pelo observador/conceptor/ator/criador/observado.

Os panos de fundo apresentados neste capítulo são resultado do que o pesquisador detectou dos fatos narrados e que se traduziram na concepção deste, do que foi e do que são as histórias dos idosos, interpretadas por alguém que também tem uma história, e do observado nos momentos em que o pesquisador, exercendo uma disciplina intelectual se indagou constantemente até que ponto estava sendo fiel ao pensamento do narrador.

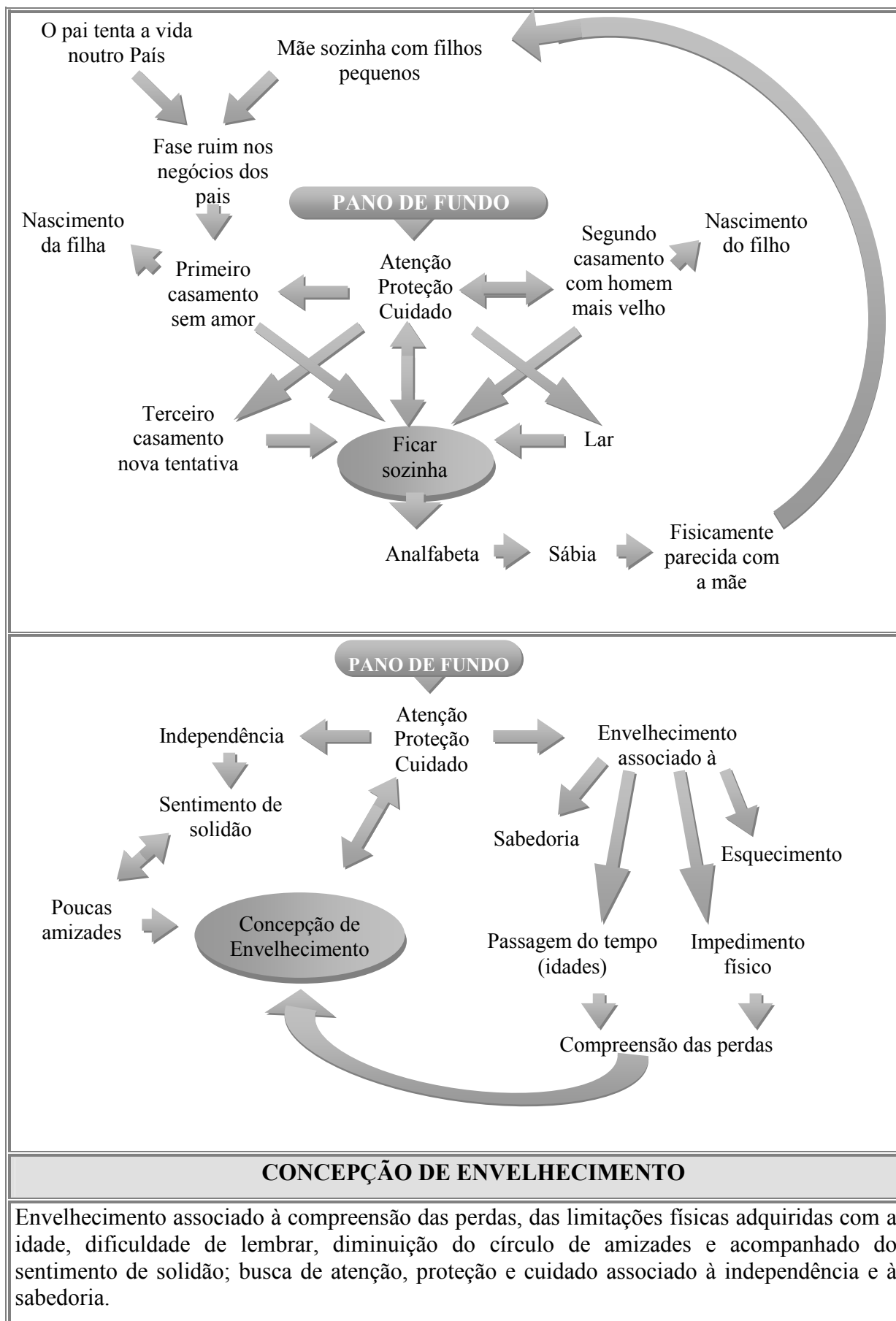
Os panos de fundo também permitiram aproximar a identificação de indicativos nas concepções de envelhecimento dos participantes de teorias do envelhecimento. Os quadros que seguem apresentam uma síntese de descritores das histórias de vida que evidenciaram com mais clareza os fatos mais importantes e que compõem os panos de fundo e unidades de significado das narrativas dos idosos que estão diretamente relacionadas com as suas concepções de envelhecimento. Implícitas nas falas foram identificadas dimensões emergentes e indicativos de teorias / perspectivas do envelhecimento que transpareceram nos discursos.

Apresenta-se, a seguir, trechos interpretativos contendo uma síntese construída a partir das unidades de significado identificadas e trechos que contêm implicitamente a concepção de envelhecimento. Os panos de fundo esquemáticos visualizam como se processou a construção dessa concepção.

A entrevistada 1:

Pano de Fundo	<p>Ainda nos primeiros instantes da sua narrativa, uma passagem contada da vida da mãe pode ser o ponto de partida para se compreender a concepção de envelhecimento da entrevistada 1. Quando ainda não era nascida, o pai, deixando a mãe com filhos pequenos resolveu tentar a vida em outro país. A mãe que era muito forte, corajosa, determinada, enérgica fica trabalhando, “dando duro”. Depois de ter fracassado nas suas tentativas longe da família, o pai retornou. Constituem negócios que atravessam fases boas e ruins até que durante a adolescência da entrevistada chegam a um limite de dificuldades e pobreza. Para aliviar as despesas da família, casa-se com um homem para quem fora indicada, não estando apaixonada nem conhecendo bem seu futuro marido. Busca nessa união conforto, proteção e cuidado. Não estando feliz com este casamento se separa, grávida, indo morar novamente com os pais. Após longo período sozinha, com uma filha pequena, já mais madura, resolve trabalhar fora e estudar. Conhece, então, de novo por indicação, um homem mais velho com quem contrai seu segundo casamento. Não se poupa na narrativa de lhe tecer elogios dizendo ter recebido muita proteção, atenção e cuidado e com quem aprendera muita coisa. Desta união nasce o filho. Após a morte deste marido, por solidão, necessidade de proteção, atenção e cuidado casa-se pela terceira vez. O casamento dura pouco e ela fica viúva outra vez. Ocupa sua vida a partir deste acontecimento com atividades e aulas, resgatando o desejo do segundo marido de que fizesse inglês para quando viajassem. Porém, após a queda em que fraturou a perna, já com idade avançada, para não deixar com os filhos o compromisso de cuidar dela, procura a instituição de idosos em que vem morar em seguida. Lá fora recebida por um homem que foi atencioso e lhe ofereceu um quarto para que pudesse se sentir cuidada e protegida. Atualmente reside na instituição, sente-se bem, compreende suas perdas, embora demonstre desejo de ficar boa. Não tem grandes amizades, afirma que a mãe era uma sábia e que está ficando fisicamente parecida com ela.</p>
Concepção de Envelhecimento	<p>“Normalmente o idoso se lembra das coisas passadas. Eu estou esquecendo tudo: passado e as coisas recentes. Eu estou muito esquecida. Sei que é da idade. Tem gente mais nova do que eu que está perdendo a memória... O meu marido, o pai do meu filho, queria que eu aprendesse inglês para quando fosse viajar já saber. Como não deu tempo fui fazer depois. Eu tinha muitas amigas. Aprendi a jogar cartas, tinha um grupo de amigas. Até que comecei a cair... A gente quando vivi muito passa por muita coisa. A gente tem perdas. Mas é assim, é normal. Mas eu não me queixo de minha vida atual. Estou ficando fisicamente muito parecida com minha mãe. Se eu pudesse, se não fosse tarde, eu ia aprender piano. Estou calma, posso ler. Não saio muito porque não tenho condições. Não tenho grandes amizades, não tenho mesmo. Amigas como eu tinha, eu não tenho. Não é como estar na sua casa para receber e fazer visitas. Eu não posso sair, me locomover, pegar um ônibus por causa das minhas condições físicas, não tenho força nas pernas... Eu sei que eu não vou me curar. Só não quero piorar. Não vou ficar boa da fraqueza que eu tenho nas pernas, vou ficar boa? Eu estou ouvindo menos, estou enxergando pior. Caminho com cuidado para não cair. Mas está bom, porque estou melhor que muita gente. Eu estou vendo que isso é natural. Que é uma fase da vida. Que ninguém escapa”.</p>
DIMENSÕES EMERGENTES DA CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO	
<ul style="list-style-type: none"> • Psicossocial • Étnica e cultural • Biológica 	

Quadro 11 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento da entrevistada 1



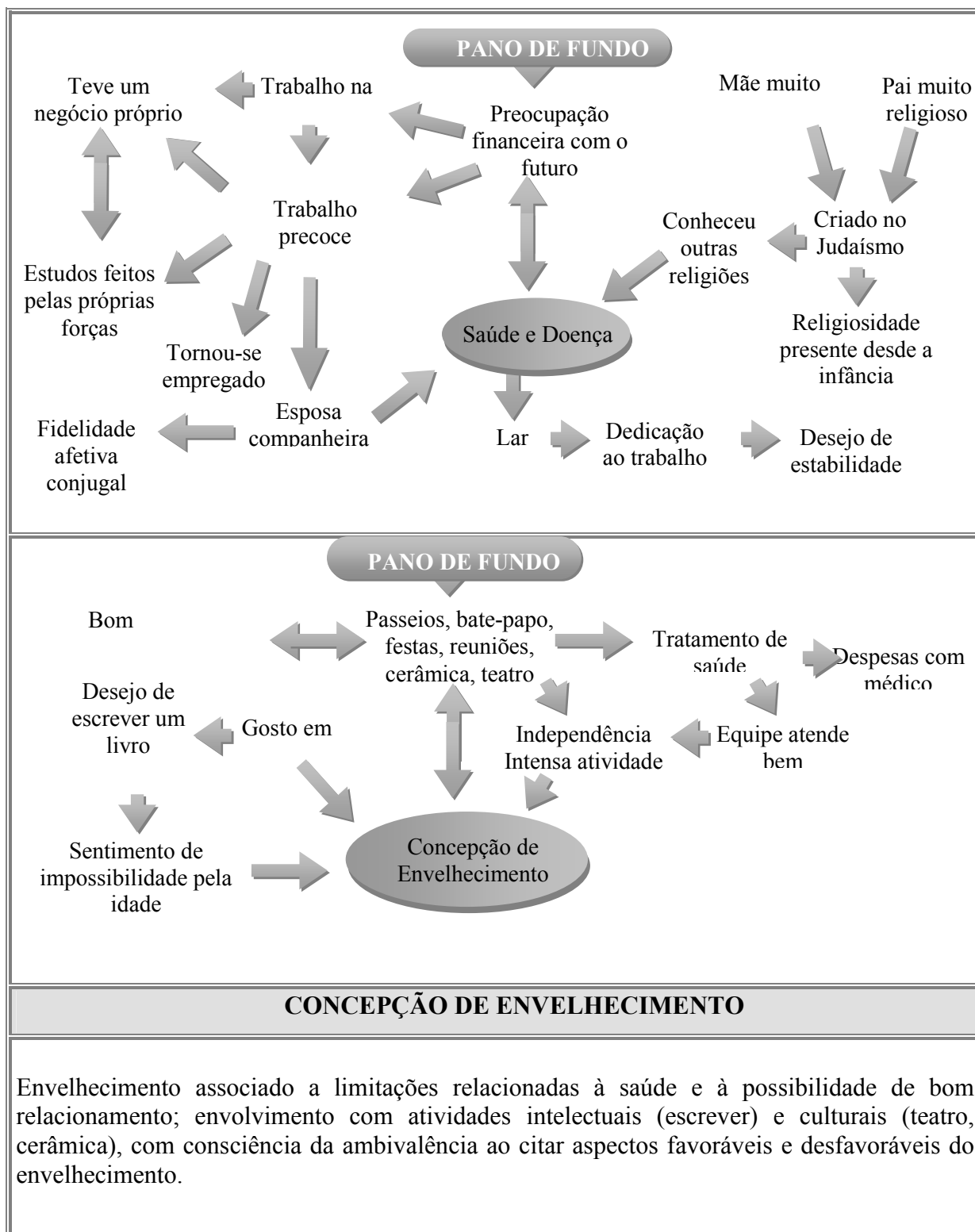
Quadro 12 – Concepção de envelhecimento da entrevistada 1.

Analisando a trajetória e o conteúdo narrativo centralizado na própria narradora, percebe-se que a imagem da mãe permeia essa trajetória ao ponto de no final da narrativa trazer a sua semelhança à imagem física da mãe. Suas várias referências à pobreza da família denotam suas necessidades vividas. A lembrança da história do pai que deixou a mãe sozinha para tentar a vida em outro país a conduziu a três casamentos na busca de um homem que lhe desse atenção, proteção e cuidado. Sua concepção de envelhecimento aparece associado à atenção, ao cuidado e à proteção de alguém, sem perder a dignidade, a lucidez e o controle sobre as situações. Após uma queda, mesmo morando com os filhos, visita o lar para conhecê-lo na intenção de morar nele. Aceita suas perdas sem falar da morte.

O entrevistado 2:

Pano de Fundo	Fala do trabalho na lavoura quando criança e das dificuldades de ter uma estabilidade financeira mesmo se dedicando ao serviço. Educado pelo pai religioso e de muita fé e uma mãe caridosa teve como fortes elementos construtores de sua concepção de envelhecimento a religião, a determinação e a dedicação. Estudou por conta própria para poder ajudar no trabalho familiar. Para fazer um empreendimento, trabalhou muito e guardou dinheiro no Banco. Assim como o pai que escapou de morrer nas mãos dos maragatos, também ele escapou da morte, já adulto, em função de uma febre. O sogro morreu assassinado pelos maragatos. A mulher com quem se casou era muito trabalhadeira e também ajudava os pais. Parece ter sido uma companheira compreensiva e determinada. Fez uma aposentadoria trabalhando como empregado. Já doentes, ele e a esposa foram para instituição em que moram. Procura manter-se ativo, escreve, faz teatro e participa das atividades variadas que acontecem no local em que reside ou fora dele. Queria escrever um livro, mas julga não ter mais tempo. Mostra uma ambivalência no processo de envelhecimento, pois, embora em condições de concretizar seu desejo, manifesta com fatalidade não poder fazê-lo.
Concepção de Envelhecimento	“Minha senhora está em tratamento e eu também. A decisão de vir para cá foi por causa do empenho dessas sobrinhas. Aqui nos tratam muito bem e é tudo muito bom. A minha senhora está com problema de memória. Gastávamos muito com médico e aqui tem uma equipe de saúde que atende todos bem. A gente se relaciona bem, seguido tem festas. Têm reuniões, atividades, tem cerâmica e eu faço parte do teatro também. Têm os passeios, o bate-papo, as artes plásticas. Eu gosto muito de escrever, queria escrever um livro, mas não deu tempo. Eu tenho uma caderneta cheia de frases. Pode ser que ainda escreva alguma coisa”.
DIMENSÕES EMERGENTES DA CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO	
<ul style="list-style-type: none"> • Biológica • Étnica e cultural • Psicossocial 	

Quadro 13 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento do entrevistado 2



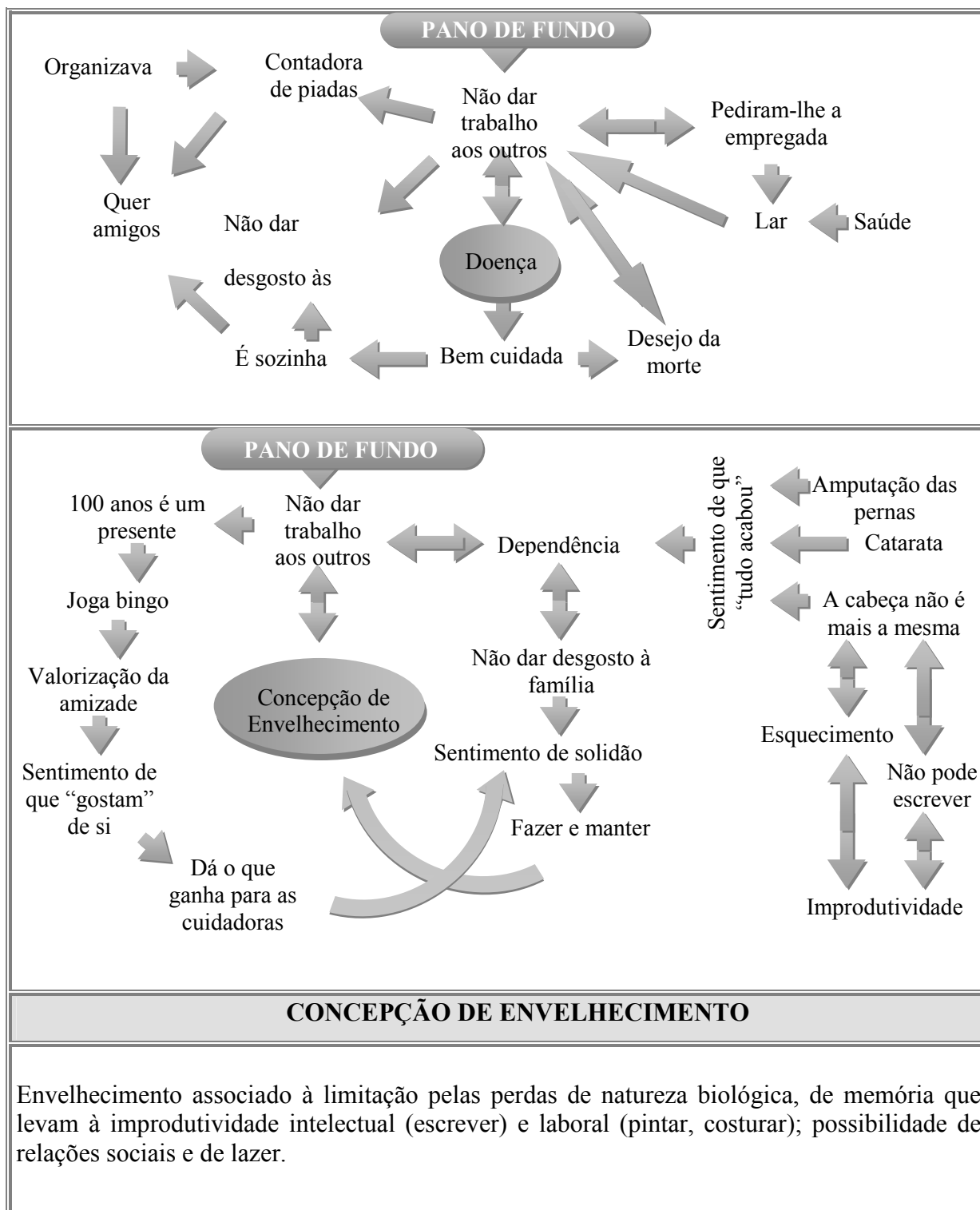
Quadro 14 – Concepção de envelhecimento do entrevistado 2

Esta narrativa está centralizada na sua pessoa. Enaltece sua trajetória na busca de estabilidade afetiva e financeira sem focalizar seus sentimentos. A única perda de ente querido mencionada é do sogro, ao mesmo tempo que salienta suas capacidades e comenta a doença da esposa com foco na perda de memória. Quando fala da morte, conta suas vitórias sobre ela, lembrando a passagem em que o pai é salvo pela fé. Concebe assim o envelhecimento com uma preparação espiritual para a morte, manutenção das atividades de vida diária, convívio social, capacidade para desenvolver o raciocínio e habilidade para escrever, embora entenda que pela idade não possa lançar um livro de poesias como é o seu desejo.

A entrevistada 3:

Pano de Fundo	Nasceu no hospital alemão de B.A por acaso e estudou em escola católica sem saber que tinha origem judaica. Desde pequena era de se divertir com as coisas da vida. O pai auxiliava os imigrantes dando-lhes pouso, alimentação e tempo para providenciarem documentos para Seguirem viagem. A um professor que se hospedou pediu que ensinasse o Judaísmo aos filhos e às demais crianças do local. O foco da sua narrativa está na velhice, onde se mostra surpreendida com seus 100 anos. Sente-se sozinha, cuidada no lugar onde mora, mas não quer dar trabalho nem desgosto às filhas. Foi para instituição de idosos quando a empregada que morava com ela há muito anos foi levada pelo neto para cuidar do seu filho recém nascido em outro estado. Pouco depois que chegara na instituição, julgando-se saudável, precisou amputar as pernas por um problema circulatório e entende que depois disso “acabou tudo”. Sente que todos gostam dela; faz tudo que pode para tratar bem quem dela cuida. Contava piadas, tocava piano, cantava, escrevia poesias e pensa que agora não pode fazer nada. Gostaria de morrer.
Concepção de Envelhecimento	“Fiz muita coisa na vida, mas agora não dá. Me tiraram as pernas, não posso. Quando vim para cá com noventa e oito anos eu não tinha nada, não tinha doença, estava bem. Vim para cá porque pensei que com essa idade não queria ser problema para as filhas e o filho mora em B., a mulher ganhou nenê e pediu a empregada que trabalhava comigo muitos anos. Para não pôr outra no lugar conversei com as filhas. Já faço minha vida e vocês fazem as suas. Depois começou dor na perna e tiraram e depois a outra por má circulação e aí acabou tudo. Aí a cabeça já não é a mesma. Posso lhe contar isso, conto coisa assim para falar, conversar alguma coisa que me lembro, mas não como antes. Agora não posso escrever porque estou com catarata e tenho que operar. Nos dois olhos. Já fiz mais de vinte panos de prato aqui no lar. Mas agora não dá. Não dá para trabalhar. Ainda bem que estou aqui. Quem ia me atender como me atendem aqui? Todas gostam de mim e eu faço tudo que posso. Vou jogar Bingo, ganho balas, ganho tudo dou para elas. Trato bem. O que vale na vida é a amizade. Mesmo que saiba alguma coisa, digo só maravilha... eu quero amigo, não quero inimigo. Eu sou sozinha. Eu não conto. Antes eu lia e escrevia, fazia poesia, agora não dá. Vivo a vida assim agora. Não me queixo. Trato de arrumar. Não quero dar desgosto para elas (as filhas). 100 anos é um presente e eu estou vivendo, mas não quero dar trabalho. Eu gostaria de virar minha cabeça e me mandar. Agora não posso fazer nada. Só te olhar.
DIMENSÕES EMERGENTES DA CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO	
Biológica, Psicossocial e Étnica e cultural.	

Quadro 15 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento da entrevistada 3.



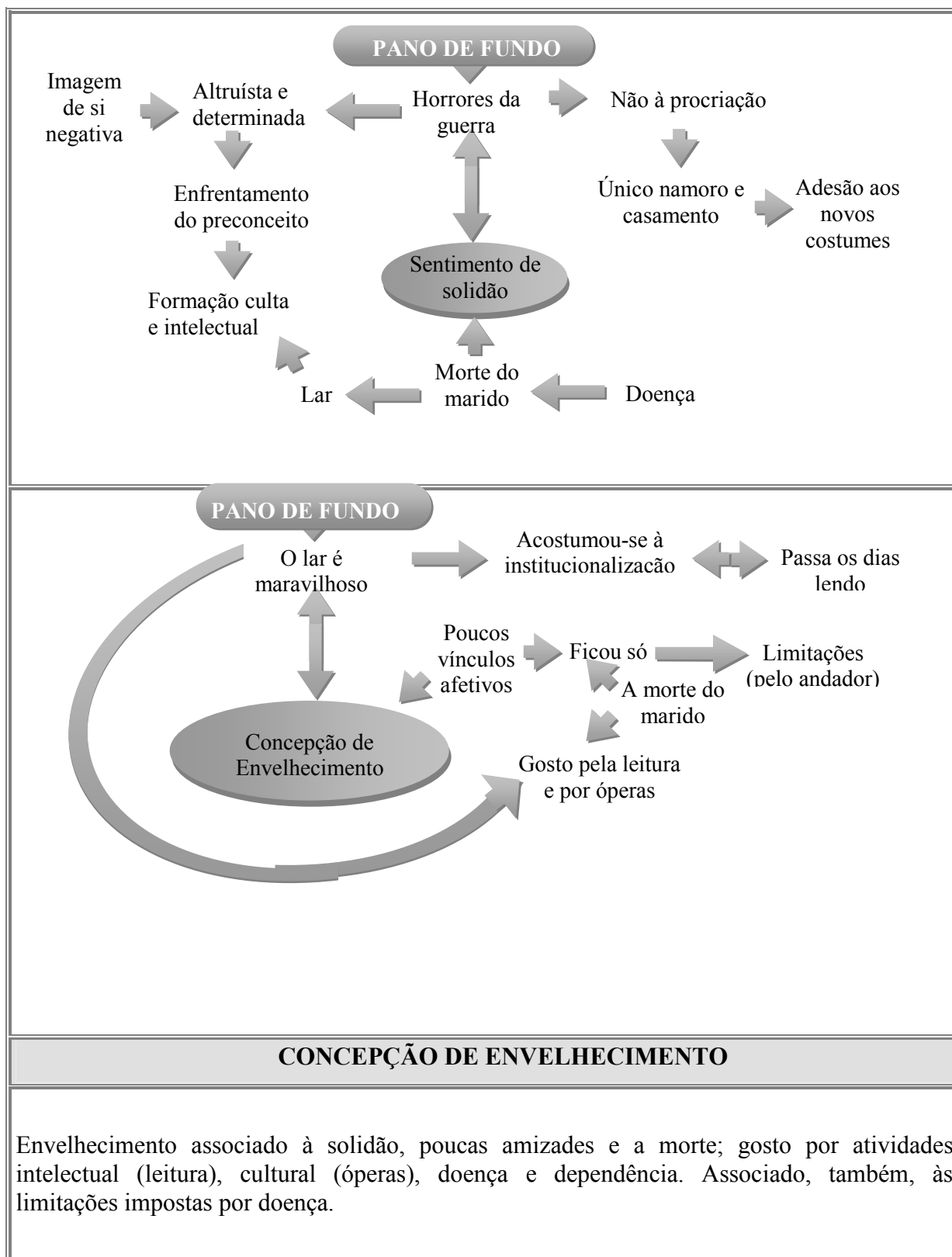
Quadro 16 – Concepção de envelhecimento da entrevistada 3

Conta sua história, enfatizando suas aventuras e suas conquistas, mas permeia toda a narrativa com uma lamentação de poder mais realizar tarefas que ainda pode realizar por ter sofrido uma perda física importante; tinha uma expectativa de envelhecer sem perdas; lamenta as perdas, manifestando desejo de morrer para não dar trabalho aos outros, embora considere ter 100 anos no presente. Suas amizades são conquistas para trocas por cuidado e proteção.

A entrevistada 4:

Pano de Fundo	Inicia a narrativa fazendo referência a sua aparência e desistindo da idéia de ter filhos para que eles não sofressem. Logo em seguida, enfrenta a professora, decidindo que quer ser médica e vai para a Europa contra a vontade do pai (com suporte financeiro da mãe) para concretizar sua aspiração. Envolvendo-se com um desconhecido, aceita um convite de casamento no primeiro dia de encontro com alguém com quem apenas trocara cartas. Pode-se pensar numa mulher que via feia, quieta e que comia devagar tentando seduzir e se deixando seduzir por um homem que no início parecia cinzento e aborrecido, mas que era zeloso com a mãe e tinha muitas qualidades interiores. Ela teve um namorado e um casamento. Não demonstrou dificuldade em assumir os novos costumes, embora conte que entrou numa sociedade artístico-cultural e que freqüentava muitos teatros e concertos (um hábito europeu) e se exibia dos professores de sua escola e de sua universidade. Com esta percepção de si não é difícil compreender que após a morte do marido tenha ficado só. O mesmo homem que a pediu em casamento no primeiro dia, não se despediu dela, pois havia alguns dias, não podia ir ao hospital onde ele estava internado. Com a morte do marido ficou só, vivendo um período pavoroso. Foi para a instituição convidada e custou a se acostumar. Acostumou-se a morar no lugar onde hoje tem um dia da semana com um horário marcado para assistir na sala de vídeo seus concertos e óperas.
Concepção de Envelhecimento	“Entramos em uma sociedade artístico-cultural como sócios, íamos ao teatro, concertos. Ele gostava de me ver bem vestida e com aquelas jóias. Orgulhava-se de mim... O hospital colocou-o num caixão fechado e levaram-no ao cemitério. No lugar do sepultamento coloquei um “MATZEIVA” indicando a data de nascimento e falecimento e “Descanse em paz”. E fiquei só. Morava em uma casa e pode-se imaginar em que estado fiquei. Um amigo disse-me que não me deixaria sozinha com a empregada e, então, trouxe-me para o lar. Foi uma época pavorosa: aqui ele me apresentou uma amiga e a médica que trabalhava aqui. Custei muito me acostumar. A médica e minha amiga me ajudaram muito...Acostumei-me a morar aqui e cheguei a conclusão que este lugar é maravilhoso por tudo que se faz para os residentes.”
DIMENSÕES EMERGENTES DA CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO	
<ul style="list-style-type: none"> • Psicossocial • Étnica e cultural 	

Quadro 17 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento da entrevistada 4



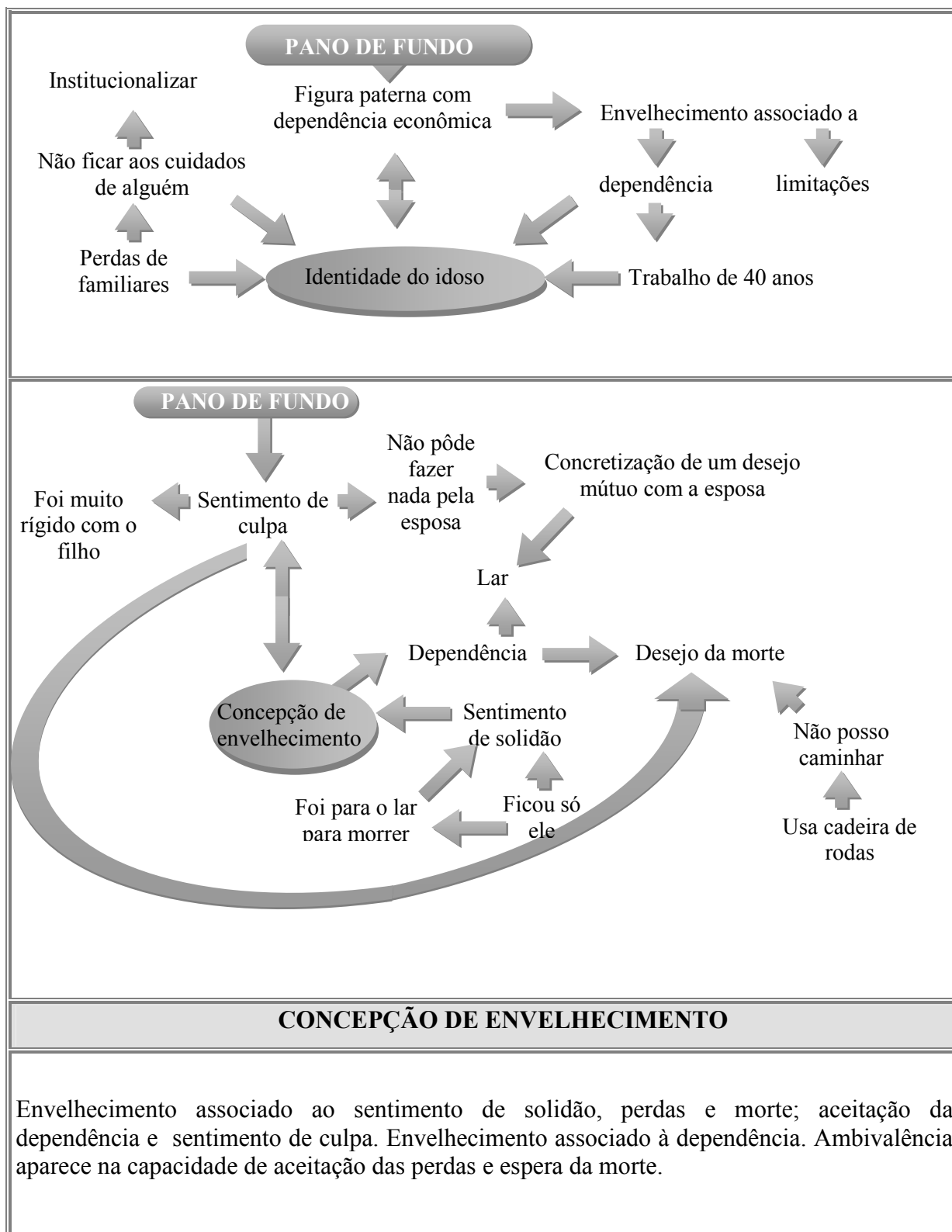
Quadro 18 – Concepção de envelhecimento da entrevistada 4

Concebe o envelhecimento como um processo que traz perdas, doenças e sentimento de solidão. Vive isolada, atribuindo-se uma diferença em relação às pessoas por gostar de ouvir concertos e óperas, ler livros em diferentes línguas e por seguir determinadas etiquetas que outros idosos não seguem. Lamenta a viuvez por ter lhe deixado só.

A entrevistado 5:

Pano de Fundo	Tendo como pano de fundo a vida adulta, este entrevistado teve uma família numerosa e que se dispersou. Demonstra e confirma em conversa informal que na sua trajetória o envelhecimento se apresentou como um processo que traz limitações e dependência. O trabalho para prover o sustento foi penoso e para se ter uma estabilidade na velhice foi necessário investir em torno de 40 anos. A figura paterna com dependência econômica foi o grande estímulo para esse investimento, uma vez que eram a mãe, o irmão e ele que sustentavam o pai. Como as perdas familiares vão acontecendo à medida que os anos passam, para não ficar sem cuidados nem deixar para o único filho a responsabilidade de cuidar dele, no período em que sofre as perdas de três entes queridos e próximos resolve concretizar os planos que vinha elaborando com a esposa: vai para a instituição de idosos que eles já freqüentavam.
Concepção de Envelhecimento	“Depois que meus pais morreram, nossa família se desuniu. Todos os meus irmãos morreram. Minha esposa, que por sinal era muito bonita, faleceu há três anos daquela doença maldita. Foi muito rápida a morte dela. Não pude fazer nada. Nem ir para os Estados Unidos para procurar recursos... Minha esposa e minha nora faleceram da mesma doença. Meu irmão não sei, levaram ele... O pai não tinha emprego, não era aposentado nem nada. Então nós é que sustentávamos ele. Eu estou com 90 anos esperando atingir o final.”
DIMENSÕES EMERGENTES DA CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO	
<ul style="list-style-type: none"> • Psicossocial • Étnica cultural 	

Quadro 19 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento do entrevistado 5



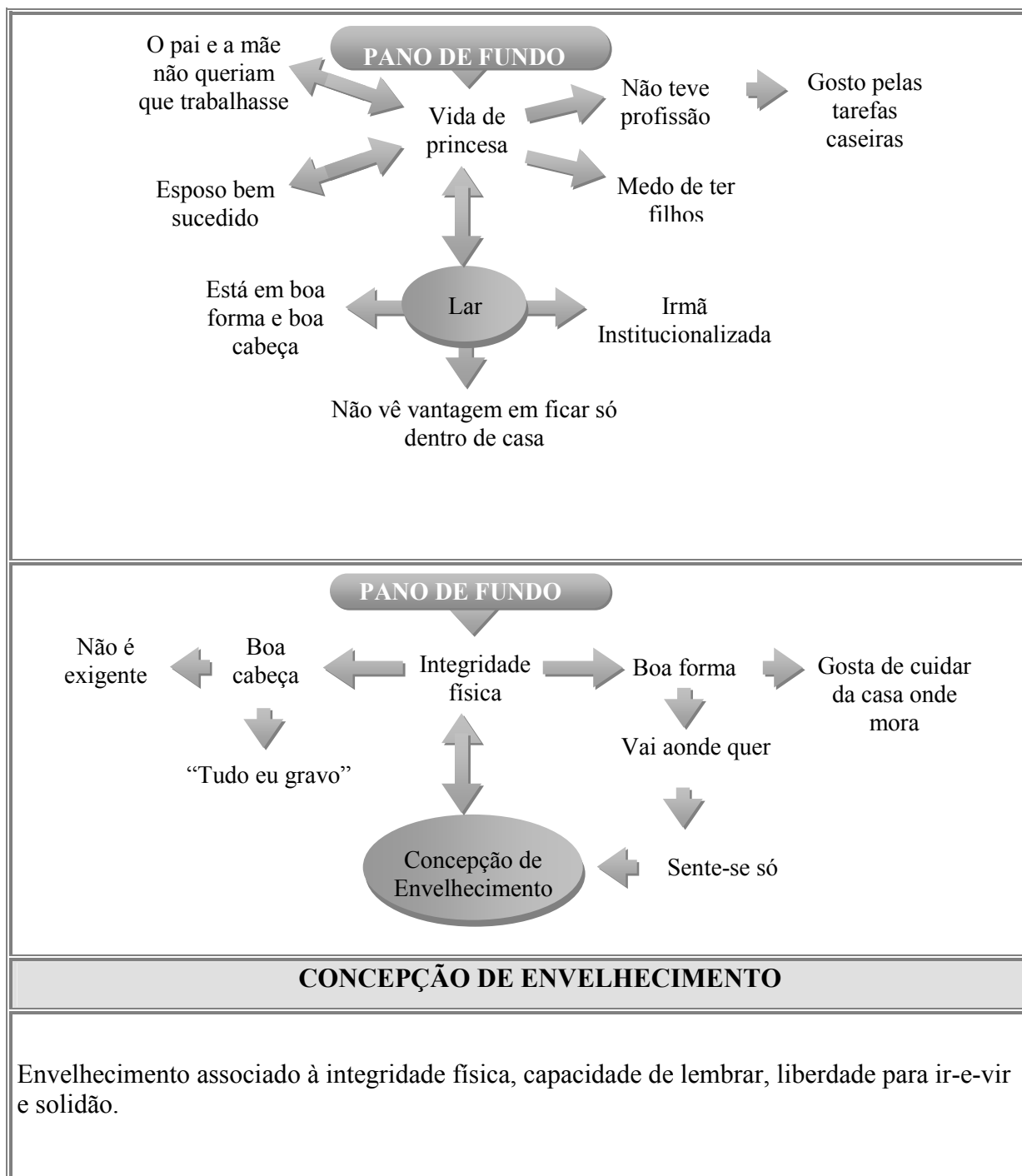
Quadro 20 - Concepção de envelhecimento do entrevistado 5.

Numa narrativa em que não se centraliza na sua pessoa, valoriza os familiares e suas aventuras. Tendo como identidade de idoso um pai dependente, que teria precisado dos filhos e da esposa para sustentar-se, concebeu o envelhecimento sem dependência, não permitindo deixar ao único filho responsabilidade sobre seu cuidado na velhice. Da mesma forma que menciona a morte dos familiares, fala da sua morte, aceitando-a e preparando-se para ela.

A entrevistada 6:

Pano de Fundo	Tendo como pano de fundo a vida adulta esta participante relata ter vivido uma vida tranqüila. Desde pequena, amparada pelas condições financeiras dos pais e, adulta amparada pelas condições financeiras do esposo, cumpriu apenas o dever de estudar. Quando jovem não gostava muito de sair; casou cedo. Tinha tomado a decisão de não ter filhos e o marido concordou. Dedicou-se às tarefas caseiras. Cuidava dos filhos de outras pessoas quando lhe pediam porque gostava de criança. Não vê outros irmãos há tempos, uma vez que reside na mesma instituição que uma irmã. Por isso, sente que ficou só.
Concepção de Envelhecimento	“Eu sou a mais velha dos irmãos. Estou com 81 anos, feitinhos, 81 anos e em boa forma, boa cabeça, graças a Deus. Não fiquei com problema de esquecimento, tudo eu gravei, tudo eu tenho direitinho. Eu me casei e meu marido era muito bom, uma maravilha de marido. Ele morreu faz muito tempo, mais ou menos as “idades” que eu vim para cá... Não fiquei na calmaria de não procurar nada. Como até hoje: se eu tenho um ponto para ir eu vou. É bom sair, porque só ficar dentro de casa não tem vantagem nenhuma.”
DIMENSÕES EMERGENTES DA CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO	
<ul style="list-style-type: none"> • Psicossocial • Biológica • Cultural 	

Quadro 21 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento da entrevistada 6



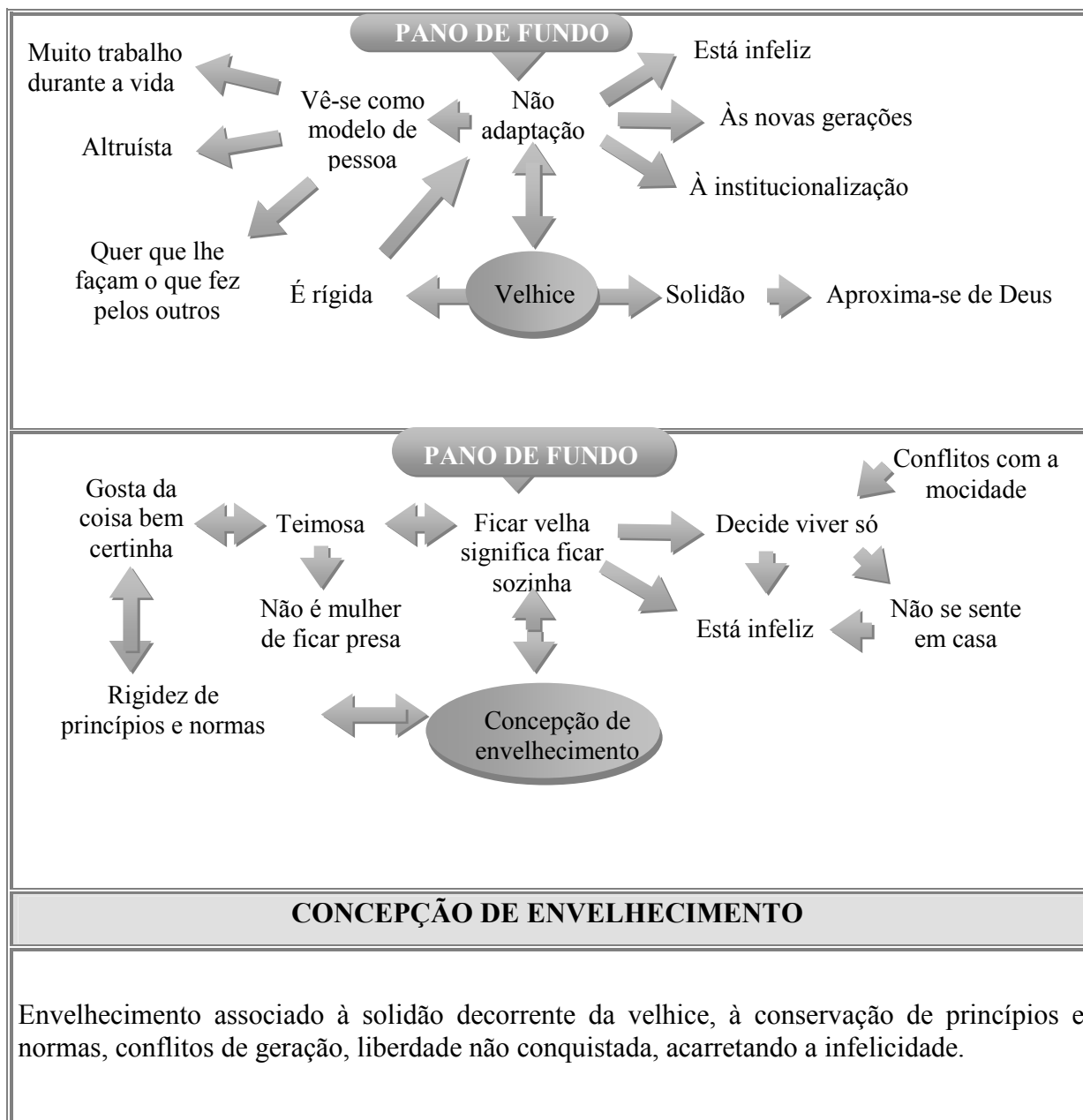
Quadro 22 – Concepção de envelhecimento da entrevistada 6

A entrevistada focaliza sua narrativa em si mesma, falando de benefícios e apoios recebidos. Não revela sacrifícios e conquistas realizadas na sua trajetória. Parece conceber o envelhecimento como um processo sem fim, pois não fala da sua morte nem daqueles que não vê mais. Sente-se saudável, lúcida, ativa.

A entrevistada 7:

Pano de Fundo	<p>Tendo como pano de fundo a velhice, a entrevistada 7 parece querer convencer alguém do sacrifício que passou toda a vida para adquirir as coisas e para educar os filhos. Mostra firmeza em suas opiniões, dificuldade de adaptação à realidade de hoje, enfatizando seus princípios, suas normas, suas características. Parece querer ser modelo para os outros no tratamento ao idoso. Queixa-se da situação em que está, desejando ser cuidada como cuidou dos seus pais. Refere ser sua casa o lugar onde tinha coisas suas como o jardim e os bichinhos. Entende que por estar velha ficou sozinha.</p>
Concepção de Envelhecimento	<p>“Mas a vida da mocidade não é como era antigamente, como eu fui criada... Hoje a coisa é diferente. A criação é diferente. Eles gostam de música bem alta, gostam de fazer festinha seguido e pessoa velha não agüenta isso... Com o tempo cheguei a conclusão que eu tinha que morar sozinha. Eu já não agüentava mais ela nervosa e achei que eu precisava viver só... Depois eu adoeci. Estou com problema sério de coração... Eu estou aqui. Não estou bem acomodada... Aqui também eu não posso me queixar muito... A gente é muito preso e eu não sou mulher de ser presa... Só mais recentemente me deu uma isquemia, aliás, duas e eu esqueci onde eu estava, onde eu andava e fui parar no hospital... Esse é o motivo que eu fiquei doente. Eu sou perfeitamente sã... E sozinha pensa que eu estou feliz aqui? Feliz eu estava na minha casa. Minha casa bem arrumadinha, meu jardim, meus bichinhos. Não tenho mais nada. Tenho isso aqui: presa... Tem cabimento? Não tem. Eu brigo com elas. Eu sou teimosa... Eu não admito isso. Não gosto que me prendam. Fico com raiva e digo mal-criações para elas... Gosto da coisa certinha, bem certinha.”</p>
DIMENSÕES EMERGENTES DA CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO	
<ul style="list-style-type: none"> • Psicossocial • Biológica • Cultural 	

Quadro 23 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento da entrevistada 7



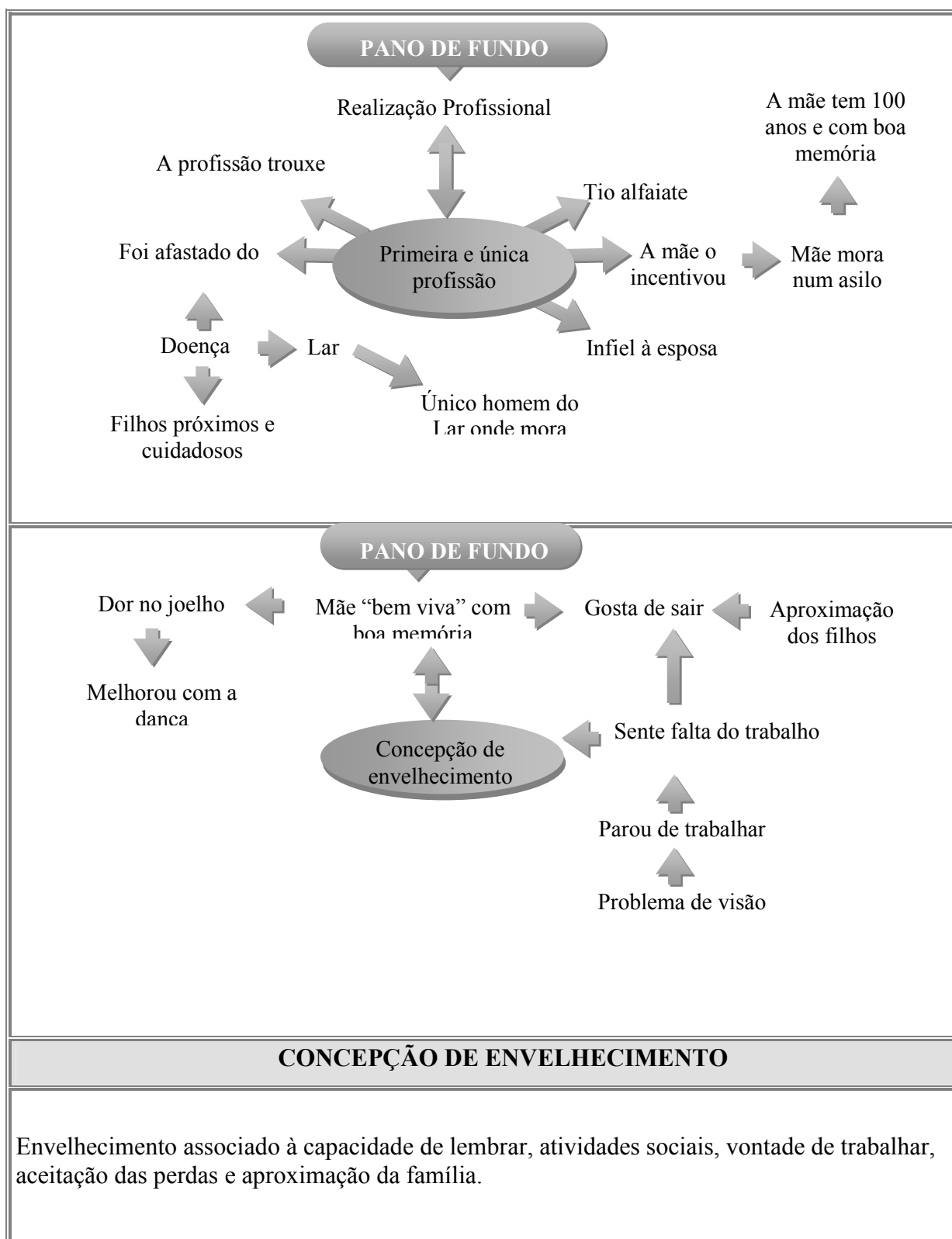
Quadro 24 – Concepção de envelhecimento da entrevistada 7

A entrevistada lamenta-se durante a narrativa, argumentando que tudo fora trabalhoso e com sacrifícios. Valoriza sua experiência, mas se sente abandonada, julgando ser a solidão consequência da velhice. Não aceita a institucionalização, dizendo-se infelicidade. Quer mostrar sabedoria; fala de doença, mas não de sua morte.

O entrevistado 8:

Pano de Fundo	<p>Tendo como pano de fundo a vida adulta, este participante centraliza sua narrativa na relação com a profissão, primeira e única, que lhe trouxe muitos amigos e que aprendeu desde pequeno por incentivo da própria mãe. Fala que viveu sozinho após a esposa ter descoberto sua infidelidade. A filha o levou para um asilo, afastando-o do trabalho, mas por motivo de sua saúde, pois está com problemas de visão. Transita entre dois asilos, sendo que é o único homem na instituição onde reside em X.</p>
Concepção de Envelhecimento	<p>“A mãe morou lá no B. por um tempo. Tem só 99 anos e meio. Está viva, bem viva e com uma memória melhor que a minha. Ela mora no lar... Minha mãe tem uma memória que é uma loucura. Minha mãe sabe tudo da vida dela e da minha... Ela soube que eu tive uma namoradinha e nós nos separamos. Mas eu fiquei sozinho... Eu falei para ele que eu tinha uma dorzinha no joelho; fui para o CTG e comecei a dançar todo fim de semana e me curei... Mas no olho eu tive que fazer uma cirurgia e não podendo enxergar direito, eu fui parando, mas eu sinto falta. A decisão de ficar aqui foi minha, só que meu filho me convidou. Aqui eu fico mais perto dele. Meu filho vem me ver duas vezes por dia”.</p>
DIMENSÕES EMERGENTES DA CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO	
<ul style="list-style-type: none"> • Psicossocial • Biológica • Cultural 	

Quadro 25 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento do entrevistado 8



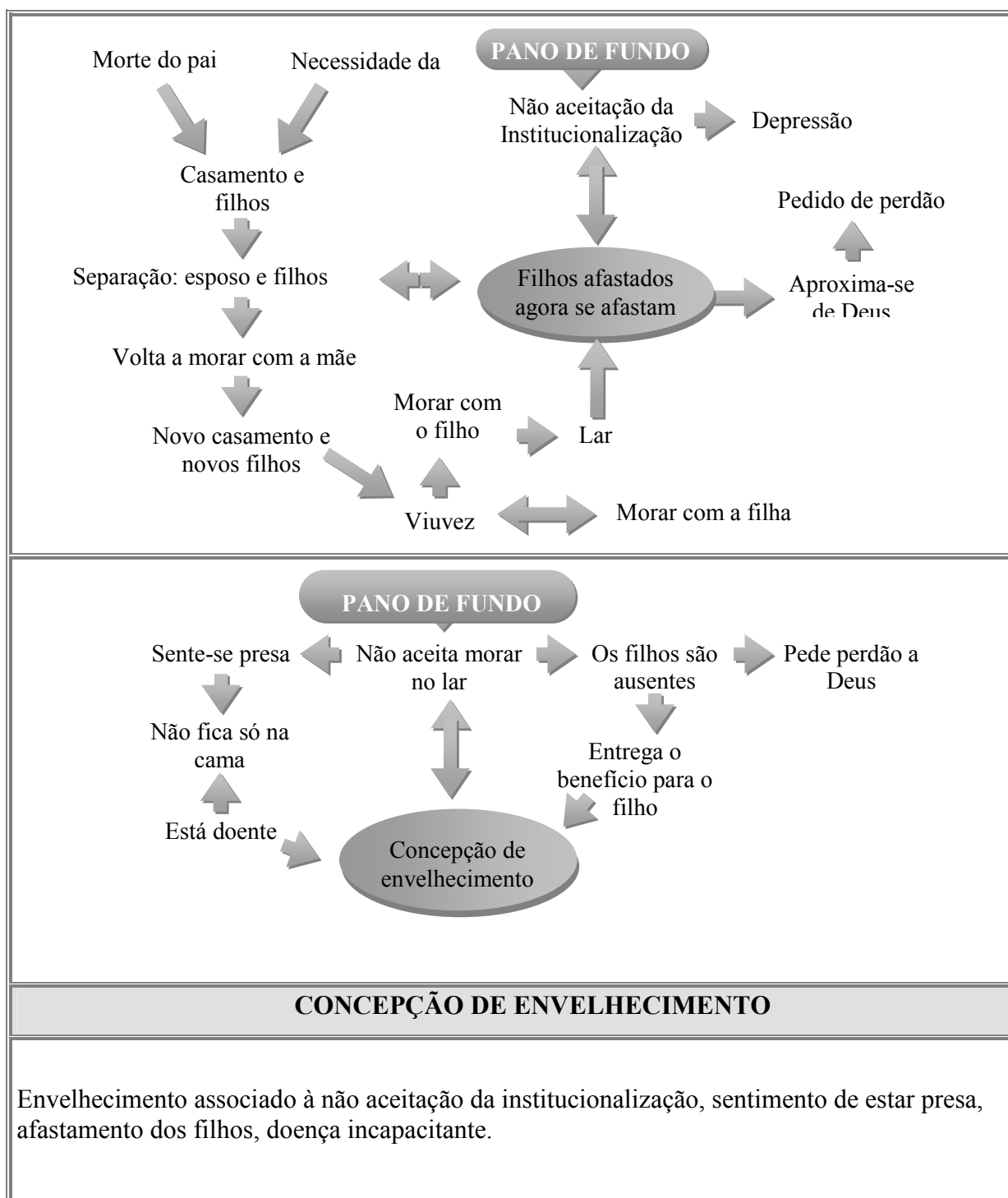
Quadro 26 – Concepção de envelhecimento do entrevistado 8

O entrevistado focaliza sua narrativa no trabalho e na profissão que escolheu. Concebe o envelhecimento como um processo associado à memória, independência, atividade com amigos, passeios e boa relação familiar. Não fala da morte e ainda na velhice entende sua fidelidade a profissão como o mais importante da vida.

O entrevistada 9:

Pano de Fundo	<p>Tendo como pano de fundo a vida adulta, esta participante enfatizou em sua narrativa a trajetória vivida após o seu primeiro casamento, que teve como desencadeador a morte do pai. Com 16 anos, sem estrutura para assumir este compromisso, casa-se, tem três filhos e se separa. Entrega os filhos para outras pessoas cuidarem. Evidencia na narrativa que sempre conviveu com a família, tendo morado com irmãos por longos períodos, por razões variadas. Lamenta o afastamento dos filhos e não aceita a condição de asilada. Sua aproximação de Deus parece ser para redimir-se dos pecados cometidos. Resiste à depressão, levantando-se mesmo sem vontade de sair da cama. Ao mesmo tempo, identifica-se com o sofrimento da filha. Sua última fala talvez represente que a vida valeu a pena com todos os seus problemas.</p>
Concepção de Envelhecimento	<p>“Só que eu não aceito morar aqui. Tenho recalque... Eu conheço, mas não aceito estar morando assim, não aceito. Tem dias que dá uma tristeza, eu adoço... Mas eu tenho que me conformar. Eu não me sinto bem em estar presa. Eu nunca gostei. Eles me tratam bem, mas não saio porque são poucos na casa, os filhos trabalham, não dá nem para caminhar. E os filhos são um pouco desligados, poderiam tirar uma horinha. Então eu vou levando conforme Deus me ajuda... Tem dias que eu estou que eu acho que não vou sair da cama. Mas saio... Então eu fiquei sem pensão de um e do outro porque não era casada. Eu tenho só um salário de aposentadoria que está com meu filho... Eu ficar com isso para depender que alguém vá todo mês ao banco não dava. Então como é ele que paga aqui, deixei. Eu estou pelada e apaixonada”.</p>
DIMENSÕES EMERGENTES DA CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO	
<ul style="list-style-type: none"> • Psicossocial • Biológica • Cultural 	

Quadro 27 – Pano de fundo e concepção de envelhecimento da entrevistada 9.



Quadro 28 – Concepção de envelhecimento da entrevistada 9

A entrevistada inclui na sua concepção de envelhecimento o desejo de liberdade, saúde e vivência de relações afetivas. Está institucionalizada e sente-se, por isso, presa; está doente e os filhos não lhe dão atenção. Aproxima-se de Deus numa intenção de ser perdoada por erros cometidos, acreditando numa culpa pelo que está passando.

A partir dos movimentos de síntese expressos nos panos de fundo e na concepção de envelhecimento foi possível identificar as dimensões emergentes e que são apresentadas e discutidas a seguir.

Da análise realizada foi possível elaborar o quadro 30 que trata da incidência das dimensões emergentes:

TABELA2

Dimensões Emergentes

Entrevistado	Dimensões Emergentes		
1	Psicossocial	Biológica	Étnica-cultural
2	Psicossocial	Biológica	Étnica-cultural
3	Psicossocial	Biológica	Étnica-cultural
4	Psicossocial	Biológica	Étnica-cultural
5	Psicossocial	Biológica	Étnica-cultural
6	Psicossocial	Biológica	Cultural
7	Psicossocial	Biológica	Cultural
8	Psicossocial	Biológica	Cultural
9	Psicossocial	Biológica	Cultural

Com base nas concepções de envelhecimento e nos panos de fundo é possível afirmar que as dimensões que mais se evidenciam são: psicossocial, biológica, étnica-cultural e cultural.

As dimensões psicossocial, biológica e étnica-cultural aparecem em função dos indicativos presentes nas concepções de envelhecimento dos idosos da instituição A, enquanto, nas concepções de envelhecimento dos idosos da instituição B se evidenciam as dimensões psicossocial, biológica e cultural.

6.2 Dimensões e temas emergentes

6.2.1 Dimensão Psicossocial

O significado psicossocial da velhice encontra-se representado pelo somatório de experiências e vivências norteadas por valores, metas e modos pessoais de interpretar o mundo, sendo as opções e a filosofia de vida frutos de influências hereditárias, sociais e culturais, caracterizando diferenças no processo de envelhecimento ⁴³. Percebe-se nesta afirmativa de Novaes uma concepção de envelhecimento como uma totalidade formada pela soma das partes (somatório), o que constitui uma visão simplificadora, pois as totalidades se formam a partir das interações (e não soma) entre partes que, ao interagirem, se modificam, modificando as partes e a totalidade e sendo por elas modificadas (princípio hologramático e recursivo).

O envelhecimento se dá de forma diferenciada conforme as influências recebidas. O envelhecimento bem-sucedido pressupõe a capacidade de adaptação constante do indivíduo aos desafios do corpo, da mente e do ambiente: comportamental (no sentido do desempenho e da competência social), cognitiva (em relação à capacidade para resolução de problemas) e emocional (no sentido das estratégias e habilidades para lidar com fatores estressores) ⁴³.

Assim sendo, pode-se dizer que uma velhice vivida com melhor qualidade pode diminuir a possibilidade do idoso, ao se deparar com sua idade avançada, recomeçar a viver angústias, medos, ansiedades não comentadas por se confrontar com novos desafios e exigências para um corpo, talvez, não apto.

Zimerman ⁴⁶ entende que as características de caráter psicológico, assim como as físicas, estão relacionadas com a hereditariedade, com a história de vida e com a atitude de cada indivíduo perante a vida. As pessoas saudáveis e otimistas se adaptarão melhor às transformações que a velhice trará.

Assim, para entender e viver com mais plenitude, urge que se adote uma educação gerontológica que gere a curiosidade sobre o entendimento do próprio envelhecimento, para promover uma aceitação do envelhecimento como fenômeno natural e que pode ser acompanhado por valorização social e auto-realização. Néri ⁴⁷ reforça esta afirmação, considerando a educação um meio de vencer os desafios impostos pela idade e pela sociedade, no intuito de propiciar aprendizado de novos conhecimentos e oportunidades para buscar o bem-estar físico e emocional. E, como consequência, melhorar a qualidade de vida.

No Brasil não há uma pedagogia para o seguimento social idoso. Se se entender a “sala de aula” como todo e qualquer lugar para a execução deste processo, familiares, instituições e profissionais de todas as áreas precisam repensar suas formas de aprender e ensinar o idoso a conviver com o envelhecimento e de aprender e ensinar a conviver com o idoso.

As perspectivas psicológicas²⁴ têm sido apresentadas como paradigmas contemporâneos aplicados ao desenvolvimento humano, e ajudando a compreender a trajetória dos indivíduos.

Perspectivas desta natureza se fizeram presentes em histórias de vida dos idosos participantes na forma de alguns indicativos.

A Perspectiva do Curso de Vida²⁵, presente nas histórias de vida dos entrevistados 2, 3 e 4 da instituição A e entrevistada 6 da instituição B, está associada a eventos ocorridos durante a vida dos indivíduos ou de grupos diferentes. A essência desta perspectiva está nas inter-relações individuais, familiares e sociais influenciadas pelo tempo: os eventos surgem no seu tempo específico (crianças vão à escola e idosos se aposentam). Não há uma inversão desta trajetória. Assim, os idosos participantes compartilharam experiências socioculturais e não constituíram trajetórias isoladas em suas histórias de vida.

Essa perspectiva traz em si um paradigma que baseia a teoria de estruturação etária, onde normas reguladoras determinam responsabilidades, oportunidades e exigências para cada etapa da vida. A infância, a adolescência, a vida adulta e a velhice tornam-se fases constituídas na ordem social. As histórias sociais de grupos ou indivíduos são construídas a

partir da sociedade que assim constrói cursos de vida, quando estabelece diferentes responsabilidades, oportunidades e exigências para seus segmentos etários.

As teorias emprestam às concepções de envelhecimento uma contribuição importante vista a partir da construção social da velhice. Passuth e Bengston tratados por Neri²⁵ desenvolveram teorias, utilizando o nível de análise, a época em que surgiram e as influências exercidas.

As teorias sociológicas que buscam auxiliar na compreensão dos fenômenos que influenciam a velhice e o envelhecimento tiveram origens no nível microsocial, sendo que mais tarde Bengston, Burgess e Parrot revisando a classificação inicial acrescentaram o nível micro/macrossocial e o nível macrossocial²⁵.

O nível microsocial focaliza o indivíduo e suas interações sociais, o nível micro/macrossocial focaliza os dois níveis de análise; o nível macrossocial examina as estruturas sociais e sua influência sobre as experiências e os comportamentos na velhice²⁵.

Na Teoria da Atividade²⁵ o idoso adoece psicologicamente por diminuir suas atividades físicas e mentais, enfatizando que o envelhecimento saudável está na permanência do idoso em atividades sociais. Esta teoria se faz presente na história de vida 1, 2 e 3 da instituição A.

A Teoria da Continuidade²⁵ explica que as pessoas idosas tentam criar estratégias internas e externas para suportar as mudanças nos papéis sociais, o que foi identificado na história de vida do entrevistado 2, da entrevistada 3 da instituição A e entrevistado 8 da

instituição B. Através de seus discursos, estes idosos revelam motivações para aceitar as mudanças que estão acontecendo com eles, no entanto, ao mesmo tempo, não parecem satisfeitos com suas condições físicas e psíquicas atuais.

A Teoria da Troca²⁵ está embasada na idéia que a vida social é uma vida de trocas. Porquanto, o idoso em condições de prover trocas continuará interagindo socialmente, estando presente na fala da entrevistada 3 da instituição A, que oferece presentes aos funcionários em troca de aceitação.

A Teoria da Subcultura do Envelhecimento²⁵ se fez presente não nas falas dos idosos, mas no fato de estarem institucionalizados eles foram agrupados, desenvolvendo uma cultura própria, resultante de crenças, interesses comuns, exclusão de outros grupos etários.

6.2.2 Dimensão Biológica

À medida que o tempo passa, os seres vivos vão sofrendo alterações nas suas características biológicas. O ciclo vital vai se completando de forma diferente para cada indivíduo⁴⁸. A possibilidade de reorganização diante da desordem diminui, pois as estruturas se fragilizam, enfraquecem, provocando novas características.

A dimensão biológica fica evidenciada nas narrativas dos idosos principalmente no aspecto saúde-doença. Quando o idoso se depara com um corpo limitado, as angústias e medos que são gerados pelo fato ocasionam mudanças sociais. A dimensão biológica fica associada à dimensão psicossocial, uma vez que as limitações do corpo geram um sentimento de incapacidade e impossibilita, quando mais sérias, o desenvolvimento de atividades

consideradas de importância, como é o caso da entrevistada 3 da instituição A que por não pode escrever e costurar.

O processo biológico do envelhecimento tem sido pensado e teorias variadas para esse fenômeno têm sido propostas. Hayflick⁴⁹ classifica as Teorias de Envelhecimento que serão relatadas sob duas bases: Eventos Determinantes e Eventos Aleatórios.

Os Eventos Propositais se alicerçam em um plano mestre pré-existente, ou seja, um relógio biológico baseado em uma série de eventos químicos ou mudanças físicas em moléculas específicas ou no programa genético. Minot expressou a idéia popular de que o envelhecimento é simplesmente a continuação do desenvolvimento biológico que ocorre da concepção à maturação sexual e que começaria no nascimento. Daí a origem da Teoria da “Substância Vital”, Teoria da Mutação Genética, Teoria da Exaustão Reprodutiva e a Teoria Neuroendócrina⁴⁹.

Os Eventos Aleatórios são resultado de eventos casuais. Estas duas grandes categorias compreendem diferentes teorias sobre o fenômeno do envelhecimento e que não são apresentadas no presente estudo por não se ter identificado indícios nas falas dos idosos participantes, o que é compreensível em razão de suas escolaridades.

Sendo a Gerontologia uma ciência ainda nova, não há conhecimento suficiente elaborado para se oferecer uma teoria sobre o processo biológico de envelhecimento com possibilidade de entendimento da complexidade e de sua interdimensionalidade.

6.2.3 Dimensão Cultural

A cultura é um elemento que difere o homem dos outros animais ajudando-o a romper com suas próprias limitações. Ela determina o comportamento do homem que age de acordo com seus padrões culturais e resulta das experiências do indivíduo ou dos grupos, o que pode ser motivador ou limitante das ações criativas dos homens ⁵⁰.

A cultura na incorporação de novos valores constrói-se e reconstrói-se com o passar do tempo. Os preconceitos, as crenças, as fantasias, as ilusões e os erros são construídos e derrubados pela cultura ⁵¹.

Por isso, afirma-se que, o que é aprendido na vida depende de um contexto cultural, social e histórico. As experiências no mundo são guardadas numa memória pessoal que integra princípios socioculturais, fazendo existir diferenças na aceitação e integração de verdades estabelecidas entre os indivíduos ¹⁰.

Contudo, o indivíduo, se é produto da estrutura, da organização social, da trajetória histórica, também é produtor destas. Não aceita e pratica normas e leis, mas também as cria e impõe-nas.

A cultura aprisiona-se igualmente nos seus erros, nas suas verdades, nas suas proibições etnosociocêntricas. É quando comporta a dialógica em si que se liberta para, através e pelos indivíduos ¹⁰.

6.2.4 Dimensão Étnica-cultural

A especificidade étnica vem sendo questionada como fenômeno social ou cultural, e ocasionou discussões acerca de que as etnias possam ser resultados culturais. No caso dos idosos da instituição A, mesmo com a cultura própria, se inseridos em outros meios serão influenciados e constituiriam nova etnia e nova cultura. Não igualar-se-ão os indivíduos e suas sociedades, mas farão com que reflitam a sociedade e a cultura que os recebeu ¹.

Não parece haver um grande abalo com ruptura de conceitos principais nesses idosos na instituição A. Afinal, a abordagem das complexidades que geram conflito permite pensar que todo conhecimento não é só pela determinação egocêntrica, mas também por determinação genocêntrica que gera a e é gerada pela identidade familiar, etnocêntrica que gera a e é gerada pela identidade étnica, sociocêntricas que gera a e é gerada pela identidade nacional, civilizaciocêntricas que gera uma e é gerada por uma identidade de filiação a uma civilização ¹⁰.

Com um olhar de complexidade entende-se que a cultura e a sociedade são mutuamente geradoras. A ação entre os indivíduos é que perpetua conceitos, cria e estabelece paradigmas e se transmite à cultura ¹⁰.

A linguagem, elemento de interação entre os indivíduos, tornando-os portadores/transmissores de cultura, faz manifestar a consciência coletiva, o imaginário coletivo. É através dela que a cultura cria e transmite regras e normas, provocando organização da sociedade e mantendo o controle sobre os comportamentos de cada indivíduo¹⁰.

Desta forma, num processo recursivo, a cultura é produzida e gerada pelo indivíduo que produz e gera cultura. A cultura é produtora de normas repressivas ou não, mas que determinam limites, estabelecem leis e impõem verdades e sentimentos de verdade⁹. É a racionalidade complexa que demanda argumentos capazes de discutir idéias, teorias ou fenômenos, que toleram a crítica e comportam a autocrítica. A racionalidade pode ir além do sujeito e pensar a linguagem cultural³⁰. São as idéias que, incontroláveis no indivíduo, movem-se, mudam e criam conflitos com as culturas. As idéias se propagam no pensamento. São geradoras da ordem/desordem na sua organização e utilizam a linguagem cultural para a sua disseminação¹⁰.

As idéias dos indivíduos geram uma dialógica cultural, experimentando várias inserções e reconhecendo a pluralidade/diversidade dos pontos de vista. Fragilizam assim as normas e abrem possibilidades de interrogação, dúvidas e novas buscas¹⁰.

Os idosos da instituição B manifestam suas insatisfações com a trajetória de suas vidas, sobretudo na velhice. Questionam sua institucionalização, embora reconheçam nela uma alternativa diante da realidade de suas famílias e das exigências da sociedade. Congregam, dessa maneira, idéias antagônicas, concorrentes e complementares que estabelecem neles uma contradição, antagonismos que permanecem e demandam fenômenos complexos. A autonomia do sujeito está inscrita nele através do conhecimento que adquiriu nas experiências vividas e na memória de sua história e de sua sociedade¹⁰.

Os idosos da instituição A manifestam uma compreensão de sua institucionalização, tanto que todos se institucionalizaram, ou seja, decidiram e escolheram essa alternativa. Porém, suas decisões contêm elementos inconscientes de uma sociedade que constituiu uma

rede social amparando seus idosos em consideração à história de sua raça e os enfrentamentos sociais de discriminação e perseguição. A autonomia do sujeito está nessa situação, sujeitada à história social de uma raça, um grupo de indivíduos socioculturalmente envolvidos, uma etnia¹⁴.

Há, portanto, nos idosos da instituição A, como define Morin¹⁰, um “*imprinting* cultural”, uma cultura dentro da qual se nasce e se vive, que sela a cultura impondo-a, desde a família (onde se cumprem rituais e se vivenciam crenças), passando pela escola (onde a educação é planejada para a própria etnia) e as instituições (que aceitam exclusivamente os indivíduos ligados pela etnia). Ela se impregna no e do indivíduo e cada ato individual passa a ser reflexo do complexo cultural. Por isso, os conceitos e as concepções são fornecidos pela cultura.

As concepções e a compreensão da Lei, da Norma e da Verdade nascem dos conflitos e são diferentes de um para outro indivíduo. São elas que causam desvios e rupturas, mas que também aceitam-nas¹⁰.

No estudo, a busca e elaboração dos metapontos de vista (panos de fundo) permitiu olhar o sujeito enfrentando ou aceitando o *imprinting* e a normalização cultural e a apropriação do conhecimento pela idéia. Assevera-se, então, que todo o diálogo passa pelo que se aprende com o mundo, consigo mesmo, com as fantasias, com a realidade e com o outro¹⁰.

Os idosos da instituição A pertencentes a uma mesma etnia, embora influenciando e influenciados por outras culturas mantêm seus princípios, suas regras, suas idéias, seus mitos, seus costumes que podem ser enxergados nas suas histórias de vida e nas suas concepções.

Os idosos da instituição B não pertencendo a uma mesma etnia, são produto e produtores de várias culturas, o que ocasiona uma maior variedade de concepções. Por outro lado, as idosas insatisfeitas com sua realidade, ficam limitadas nas suas condições individuais, permitindo que sua dependência tenha significado maior que sua autonomia.

É nas noções de autonomia/dependência, de individualidade, de autoprodução e noções antagônicas que se consegue conceber o sujeito e estabelecer uma possível comunicação entre os sujeitos de uma mesma cultura, de uma mesma sociedade, aproximados etnicamente ou não, mas que numa unidade complexa retroage sobre os sujeitos fornecendo cultura ¹⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observados os materiais de pesquisa e confrontando-os com os autores de apoio são apresentadas a seguir as considerações finais da pesquisa.

Os idosos da instituição A, vindos da Europa Oriental já adultos ou nascidos no Brasil durante a Primeira Guerra Mundial, carregam além da identidade com suas crenças, tradições, costumes e práticas que a sua história os fez construir, a história da sociedade na qual estão inseridos. Não estão isolados nos seus princípios, nas suas normas, nas suas regras, entretanto conservam suas identidades religiosa, cultural e étnica, entre outras. . Não deixaram de constituir seus ambientes étnicos (a escola israelita, os bairros, as sinagogas, os lares de idosos). Mas, no encontro com outros ambientes mantiveram suas identidades e agregaram a elas as identidades de vida e hábitos desses novos ambientes.

A história dos movimentos migratórios judaicos começa ainda antes do advento do Cristianismo. Fugindo do Egito para não ser escravizado ou da Rússia para manter suas tradições religiosas, espalharam-se pelo mundo guardando uma religião comum, uma história

e suas tradições, conseguindo com o Estado de Israel manter um patrimônio cultural e religioso.

O Rio Grande do Sul ainda convivia com o saldo final da Revolução Federalista que dizimou famílias e marcou a história do estado, quando chegaram os primeiros imigrantes judeus vindos da Europa Oriental. Dirigiram-se ao centro do estado. Foram recebidos pelos imigrantes alemães, italianos e poloneses. Esses últimos chegaram antes ao Rio Grande do Sul, já que seus países de origem começaram a se industrializar e muitos tornaram-se desempregados. A mão-de-obra excedente viu na emigração a solução para uma vida com melhores condições.

Os idosos da instituição B, nascidos no Brasil, filhos, netos ou bisnetos de imigrantes de países da Europa (Itália, Portugal e Espanha) trouxeram elementos constituintes de sua etnia (a religião cristã, alguns costumes alimentares, os hábitos familiares, as danças). No entanto, construindo uma nova vida foram, ao mesmo tempo, construindo novos hábitos, novos costumes e se permitindo conhecer e conviver com outras religiões (embora isto não apareça claramente nas entrevistas, pois não mencionam, como nas entrevistas dos idosos da instituição A, o valor e o significado da religião para eles). As concepções de envelhecimento dos idosos desta instituição também não evidenciam valores étnicos como nas concepções de envelhecimento dos idosos da instituição A.

Nos temas emergentes que se fizeram presentes com intensidade nas histórias de vida dos idosos participantes, pode-se observar que a família fez o laço do passado com o presente e o futuro. A família apresentada da ascendência à descendência. Os idosos entrevistados da

instituição A mencionaram nas suas narrativas as condições socioeconômicas precárias com que chegaram no Brasil.

Os idosos da instituição B, também vindos de famílias com baixo poder aquisitivo (à exceção da entrevistada 6) começaram muito cedo a trabalhar com os pais. A maioria trabalhava na colônia (interior) que foi para onde se dirigiram os imigrantes chegados ao Brasil no início do século passado. Executavam seu ofício no campo, em detrimento do estudo.

Os idosos da instituição A viveram da lavoura e do pequeno comércio até que começaram a buscar uma vida melhor na cidade. Tinham nas suas famílias a figura paterna como responsável pela conservação dos princípios religiosos, estudando a Torá e ensinando-a aos filhos.

Já os idosos da instituição B não fizeram referência aos aspectos religiosos dentro da família. Duas idosas (entrevistada 7 e 9) falaram de sua aproximação de Deus na velhice, transparecendo uma mágoa e uma culpa que está relacionada ao desejo de não terem sido institucionalizadas.

À exceção do entrevistado 2 que continua casado e da entrevistada 3 que passa rapidamente pelo assunto, nas demais histórias de vida o casamento teve relevância e aparece nas concepções de envelhecimento. A entrevistada 1 viveu três casamentos arranjados, mas revela ter sido feliz em apenas um deles. Isto faz refletir sobre os valores reais que devem estar num casamento. Em nossa sociedade o casamento é um elemento construtor da estabilidade emocional e financeira durante a vida. É um contrato firmado entre duas pessoas com o

objetivo de constituir família e dar à luz seus filhos. Além dessas regras, a manutenção de um casamento, requer encanto, afeto, auto conhecimento e conhecimento do outro. Para os idosos judeus é uma prática que está diretamente ligada a sua cultura: casamento entre judeus para manter e perpetuar valores étnicos.

As exceções observadas foram: o entrevistado 8, da instituição B que, diferentemente dos princípios que permearam os casamentos dos idosos da instituição A, se separou de sua esposa com quem teve um casal de filhos e não mencionou novo casamento. Dedicou-se, ao que se entende, a profissão que é sua “grande paixão”. A entrevistada 9, da instituição B também se separou, contraindo novos casamentos, parecendo buscar uma estabilidade que não estava conquistando com o primeiro casamento, ficando sozinha.

No casamento, a perpetuação dos valores morais e éticos, os costumes, as crenças e as tradições estão relacionados à procriação. Os idosos da instituição A, descendentes do Judaísmo, foram educados nos moldes de sua crença sociocultural. Embora não tenham freqüentado a escola, aprenderam pelo convívio familiar (entrevistada 1 e entrevistado 5), por si só (entrevistado 2), receberam lições em casa (entrevistada 3) ou freqüentaram escolas (entrevistada 4). A entrevistada 4 não teve filhos, porém os outros idosos da instituição A, que tiveram seus filhos formados em faculdades e que se orgulham de seus netos que também seguiram uma carreira promissora, proporcionaram-lhes uma escola israelita e mantiveram, desta forma, seus valores, suas crenças e seus costumes.

Os idosos da instituição B não referiram sua educação religiosa nem como educaram seus filhos. Falam deles com admiração dos seus esforços para as conquistas feitas, sobre o fato de serem bem-sucedidos, mas não demonstram a importância de fundamentos mais específicos que tenham permeado sua educação.

De qualquer forma, a descendência não foi vista pelos idosos da mesma maneira. As entrevistadas 4 e 6 afirmam não ter optado pela procriação. A primeira deixa claro que não queria legar a ninguém o sofrimento que percebia do seu povo. Conhecedora da história como demonstra ser, sabe da trajetória social de seus antepassados e vivendo os horrores da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais, negou-se à geração de filhos. A entrevistada 6, confortável na sua vida, negou-se à procriação numa atitude de compreensível egoísmo e medo, já que parece ter sido o centro das atenções na infância e na adolescência e, na vida adulta, encontrou um marido que aceitou seu comportamento e suas decisões. Os demais valorizaram suas relações com os filhos, colocando-os com importância na sua vida, relacionando-os, também, com a questão do cuidado a eles prestados ou não.

Os relacionamentos afetivos estão nas histórias de vida, demonstrando a intensidade do vínculo e a força dos relacionamentos com pais, esposos (as), filhos, netos e amigos e suas repercussões as concepções de envelhecimento.

O trabalho é um tema que aparece nos discursos como um elemento necessário à sobrevivência, desde a infância, mas representando sua importância na velhice quando o trabalho permitiu uma renda previdenciária que auxilia no sustento, inclusive na institucionalização. A entrevistada 6 não faz referência a algum benefício que receba.

A sabedoria aparece implícita ou explícita nos discursos. Torna-se necessário que se entenda sua inserção no contexto deste trabalho, abordado no item 5.5. Quando Morin apresenta, dentro de um desafio cultural, a cultura humanística e a cultura científica, faz com que se reflita acerca da sabedoria. Se ela pode ser concebida como uma dialógica presente nos conflitos e a cultura como determinante do comportamento do homem, uma vez que o contexto cultural, social e histórico auxilia na construção dos conhecimentos adquiridos na vida, a sabedoria então, deve ser resultado das culturas humanísticas e científicas. Tomando o tema mencionado no Capítulo 2, a cultura humanística estimula reflexões sobre o saber, pois favorece a integração individual dos conhecimentos; a cultura científica traz novas teorias e novas descobertas, mas não ajuda a refletir sobre o próprio homem e sua condição humana. Lidar com estas duas culturas e seus conflitos é gerar uma sabedoria plena.

A religião se faz presente envolvendo aspectos da fé tendo significado nas dúvidas acerca do presente e do futuro. Para os idosos da instituição A, a religião é o principal vínculo entre eles, o que os faz preservá-la com seus rituais, princípios e normas. A mais significativa identidade judaica é a religião. Espalhados pelo mundo, reconhecem-se através dela. Suas festas, suas cerimônias, suas comemorações enfatizam uma cultura que foi capaz de cruzar os mares, enfrentar as fugas, as guerras e continuar além dos valores impostos pelo Cristianismo que, através de suas igrejas, definiu datas religiosas e festivas nos mesmos períodos em que o Judaísmo tem datas religiosas e festivas. Os idosos da instituição B, diferente dos idosos da instituição A, não relatam suas experiências religiosas com intensidade.

As limitações aparecem nas concepções de envelhecimento como geradoras da dependência e da impossibilidade de realizar determinadas tarefas. Tem relação com a compreensão do idoso sobre saúde-doença e suas condições reais de capacidade e habilidade.

A possibilidade de lembrar e de manter o controle sobre si se fez presente em concepções de envelhecimento. A memória é traduzida, na fala dos idosos da pesquisa, como elemento importante na lucidez e na independência.

Os temas viuvez e morte aparecem nas concepções de envelhecimento em relação a perdas de entes queridos e a própria morte. A morte é um elemento que tem representações reais e imaginárias, provocando encontros com a religião (conceitos de vida após a morte), vontade de não sofrer e não dar trabalho aos outros. Os rituais para a morte são diferentes nos grupos de idosos das instituições trabalhadas. Mesmo convivendo com grupos variados, os judeus mantêm seus rituais. A entrevistada 4, quando da perda de seu marido, lamenta não ter se despedido dele, mas enfatizou na sua narrativa as providências que tomou para que seu esposo tivesse um túmulo com as características judaicas.

A solidão aparece como consequência da viuvez, da institucionalização, da ausência de familiares. É um estado provocado pelo desengajamento social, pelo afastamento e pela não constituição de novas amizades. Está presente nos dois grupos de idosos, como se caracterizasse a solidão na velhice, ou melhor, caracterizasse o idoso institucionalizado. Tanto os idosos da instituição A quanto B se lamentam da solidão que enfrentam com mais ou menos pesar.

A institucionalização é interpretada pelos idosos com associação à sua história sociocultural. Os idosos da instituição A aceitaram-na melhor que os da instituição B. A rede social dos primeiros congrega idosos com uma mesma origem étnica que é conhecida como cultuadora de suas tradições e que traz um *imprinting* cultural muito marcante e permeado pela busca de “um lugar ao sol”.

Pode-se perceber que a trajetória histórica, mesmo inconsciente, traça as trajetórias individuais, que no princípio recursivo, continuará traçando a trajetória histórica coletiva. Embora sejam conhecido muitos elementos que influenciaram a trajetória judaica no mundo, apenas a entrevistada 4 os menciona. Estes idosos de 87 a 100 anos não fazem referências aos sofrimentos de seu povo. Silenciam uma verdade por envergonharem-se dela? Por medo que se repitam? Para não serem tratados como vítimas e tão pouco discriminados? Nos dias atuais vivem à sombra do terror e da guerra, lutando com seus valores para não serem tratados com preconceito.

No Brasil, a diversidade cultural expressa que a etnia é construída e que nele próprio há uma etnia em construção. São culturas semelhantes ou diferentes que vão formando uma etnia nacional. Neste país, é difícil não ser influenciado por outras culturas e influenciá-las e, por este caminho, criar novos interesses e novas características. Mesmo assim, os judeus firmam-se na suas crenças e alimentam a sua cultura étnica.

No presente estudo é possível afirmar que os objetivos foram alcançados uma vez que:

a) foram identificadas as características do contexto de vida por meio da construção dos panos de fundos presentes no capítulo 6, para que fosse possível a compreensão da construção das concepções de envelhecimento;

b) foram identificadas e discutidas teoricamente as dimensões emergentes das concepções, tendo-se confirmado a tese norteadora do trabalho, pois evidenciada a dimensão étnica-cultural nas concepções dos idosos da instituição A, emergindo dos idosos da

instituição B a dimensão cultural embora os idosos da instituição A vivam há muitos anos no Brasil.

Pontos de referência para uma educação gerontológica

A partir da análise das histórias de vida dos idosos que integram o estudo, foi possível verificar que eles não exerceram reflexão sobre a qualidade de vida durante a sua trajetória existencial, para uma velhice com melhores condições e autonomia.

O Brasil vem enfrentando, desde 1980, o crescimento populacional de idosos. Não enxergando os riscos deste fenômeno para a sociedade, começou a enfrentar problemas em vários setores principalmente social, demográfico e nos serviços de saúde.

Quando o fato começou a acontecer, não havia uma cultura estabelecida que pudesse propor e comportar mudanças rápidas e eficazes. Havia uma especialidade médica que atendia às necessidades do idoso doente. Agora os idosos estão envelhecendo mais saudáveis ou sobrevivendo mais devido a realidade de uma Medicina moderna e eficiente.

A Gerontologia despontou como ciência para estudar o envelhecimento, definindo seus perfis e padrões e gerando um novo modo de entender esse processo.

Assim sendo, julga-se de extrema relevância social e política apresentar pontos de referência, a seguir enunciados, que possam auxiliar na compreensão das demandas por uma educação para o futuro, de uma educação para a velhice que possa trazer contribuição para a mudança em concepções simplificadoras de envelhecimento, a partir das idéias de Edgar Morin¹⁵.

Como principais pontos de referência considera-se:

a) não há conhecimento que não esteja ameaçado pelo erro e pela ilusão, assim sendo, é preciso examinar as concepções humanas para melhor compreender porque as pessoas pensam, o que pensam em relação ao próprio envelhecimento e a velhice. Esta pesquisa se propôs a examinar as concepções de envelhecimento partindo de histórias de vida por julgar que através delas se pudesse conhecer o que os idosos participantes pensam sobre este processo; se no decorrer de suas vidas refletiram sobre a etapa do ciclo de vida que estão vivendo e se preparam para ela. As concepções humanas sobre envelhecimento ainda estão muito centradas nos juízos pessoais influenciados pelos desejos e prazeres, afastando a dependência e perda de controle;

b) o conhecimento do conhecimento deve ser para a educação um princípio e uma necessidade permanente de pesquisa, pois este é um problema-chave: instaurar a conviviabilidade tanto com nossas idéias quanto com nossos mitos sobre os fenômenos, estabelecendo, assim, convivência com a realidade gerando um princípio recursivo entre idéias, mitos e realidade. É na busca e na elaboração de meta pontos de vista, possíveis de serem construídos a partir de ações auto-observadoras, autocríticas e reflexões que sejam complementadas por ações observadoras, críticas e objetivas. Enfrentar as incertezas e estar pronto para o inesperado são atitudes fundamentais para a busca do conhecimento sobre o envelhecimento;

c) a educação para um envelhecimento mais saudável e para que o conhecimento seja pertinente, deve tornar evidente o contexto global e local. Deve ser intermultidimensional (não perder o caráter composto do ser humano: biológico, psíquico, social, afetivo e racional) e a

complexidade inerente ao fenômeno do envelhecimento. É necessário investigar os campos diversos. Conhecer as populações, sua história, seu contexto sócio-cultural, seus hábitos, seus costumes, suas crenças, seus mitos, sua realidade. Para ser intermultidimensional precisa de apoios das várias áreas numa construção transdisciplinar, onde uma equipe desenvolva uma ação eficaz e de resultados satisfatórios;

d) conhecer o ser humano é um dos grandes desafios da educação do futuro. Identificá-lo, situá-lo no universo e não separá-lo dele. Investigá-lo com perguntas contextuais como “Quem somos?”, “Onde estamos”, “De onde viemos?”, “Para onde vamos?” Significa repetir modos já utilizados. Se, ao contrário, forem buscadas respostas nos discursos, nas falas e nas trajetórias de vida, pode-se refletir com dados concretos, trazidos pelos sujeitos na forma que eles os concebem. Para isso é fundamental a compreensão do lugar do indivíduo no espaço. Sua condição histórica, social, cósmica, sua condição física, sua condição terrestre e sua própria condição humana (animalidade e humanidade constituem juntas essa condição) define que o ser humano está ao mesmo tempo dentro e fora da natureza. Pesquisar o homem no seu ambiente, contextualizado e lançar um olhar complexo é atingir todas as esferas que se contemplam neste item. Esse ser multifacetado, com a inigualável característica humana não pode ser repartido em inúmeras especialidades. Precisa-se envolvê-lo com um pensamento complexo, direcionado para suas várias naturezas.

e) a unidualidade, que apresenta o homem como um ser biológico e cultural, que desenvolveu um circuito cérebro/mente/cultura, o condiciona pela e na cultura. Como já foi mencionado na Dimensão Cultural, o homem biológico se difere dos animais pelo elemento cultura. O homem é um ser bio-cultural porque para se munir de cultura, conservá-la, e transmiti-la depende do aparelho cerebral. Assim, para que haja desenvolvimento

verdadeiramente humano é preciso que se crie um conjunto onde se inclua a tríade bioantropológica;

f) a tríade bioantropológica distinta que é o circuito razão/afeto/pulsão, em que as relações entre essas instâncias são complementares e antagônicas, e o circuito indivíduo/sociedade/espécie mostra a complexidade humana que não pode ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem;

g) há necessidade de sistematizar e também dar visibilidade às teorias sobre envelhecimento tornando-as mais abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocríticas, aptas a se auto-reformar. Necessita-se também de um paradigma que permita o conhecimento amplo, a partir de idéias complexas;

h) educar para a compreensão humana é missão da educação, visando ensinar a compreender a condição de solidariedade intelectual e moral da humanidade. Para tanto, faz-se necessário desenvolver as identidades individuais e coletivas, em outras palavras, as identidades dos cidadãos. E num caminho de complexidade constituir a identidade humana;

i) numa dialógica democrática, é preciso unir de modo complementar os modelos antagônicos representados em: consenso/conflito, liberdade/igualdade/fraternidade, comunidade nacional/antagonismos sociais e ideológicos. E, ainda, no circuito indivíduo/espécie: ensinar a cidadania terrestre tendo como pilar a solidariedade. Esta é a questão mais relevante da educação: ensinar a cidadania terrestre contribuindo para a autoformação da pessoa. Torna-se imprescindível, entretanto, que o cidadão estabeleça raízes, criando identidades locais. Um cidadão se considera por seus sentimentos de solidariedade e

responsabilidade que sejam gerados por sentimento de filiação. Um cidadão é reconhecido quando carregando na memória um destino comum, transmite-o às gerações seguintes, mostrando identificação com o passado e tornando presente sua trajetória.

Nos tempos atuais, em que o idoso vem atraindo a atenção dos pesquisadores, nota-se que há uma preocupação crescente com a realidade que o cerca. Termos como "reinvenção da velhice" trazem implícito a necessidade de um novo pensamento no cuidado com o processo de envelhecimento.

Este trabalho buscou contribuir com os estudos que se vem fazendo acerca do envelhecimento e suas repercussões internas e externas nos indivíduos. Os temas abordados não são definitivos nem exclusivos. Carregam uma discussão com os olhares do pesquisador na compreensão não definitiva de concepções de envelhecimento em diferentes grupos de idosos. Que sirva também para que outras pesquisas possam ser propostas, tendo o sujeito como foco, como a grande descoberta a ser feita.

Os discursos são fontes inesgotáveis para o conhecimento do sujeito e do indivíduo. Cumpriram sua função nesta pesquisa, permitindo que se extraíssem deles elementos construtores/colaboradores da investigação. Destes mesmos discursos poder-se-ia extrair também elementos que contribuíssem para uma nova pesquisa que compreendesse as ações familiares ou mesmo dos profissionais de saúde acerca do envelhecimento dos idosos com quem convivem e a quem atendem, respectivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 Grin M, Vieira NH. *Experiência cultural judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.
- 2 Muhawenima N. *Lés familles immigrantes et leurs ainés*. In: Annual Bulletin of the TALIS Network. Canadá: Editorial Office and Membership Informations, n.11, 2001. p.62-7.
- 3 Néri AL. *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas: Papirus, 2001.
- 4 Morin E. *O Método II: a vida da vida*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- 5 Morin E. *O Método III: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina; 1999.
- 6 Azevedo e Souza VB, Pedroso C. *A Formação do profissional da Educação Necessidade de ruptura Paradigmática*. In: Pedagogia 99. Havana: UNESCO, 1999. v1. p. 324.
- 7 Morin E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- 8 Morin E. *Meus Demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- 9 Morin E. *O Método I: a natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- 10 Morin E. *O Método IV: as idéias*. Porto Alegre: Sulina; 1998.
- 11 Azevedo e Souza, VB. *A procura do "eu perdido": Necessidade de conhecer a si mesmo e suas implicações na produção do conhecimento em coletividade*. In: Azevedo e Souza, VB. et al. *Participação e Interdisciplinaridade: Movimentos de ruptura/construção*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 45-58.
- 12 Bauer MW, Gaskell G. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Petrópolis: Vozes; 2001.
- 13 Morin E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- 14 Morin E. *O Método V: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

- 15 Morin E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.
- 16 Richardson RJ. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.
- 17 Demo P. *Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos*. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- 18 Baptista DMT. *O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa*. In: Martinelli ML (org.). *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras, 1999.
- 19 Abrahão MHMB. *A aventura autobiográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- 20 Becker HS. *Métodos de pesquisa em ciências sócias*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- 21 Winnicott DW. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- 22 Peixoto CE. *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- 23 Debert GG. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: FAPESP, 1999.
- 24 Py L, Scharfstein EA. *Caminhos da maturidade: representações do corpo, vivência dos afetos e consciência da finitude*. In: Néri AL. *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas: Papirus, 2001.
- 25 Néri AL. (org). *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papirus, 2001.
- 26 Vita A. *Envelhecimento, capacidade para o trabalho e qualidade de vida*. In: Diogo MJD, Cachioni M, Néri AL (orgs). *Saúde e qualidade de vida na velhice*. Campinas: Alínea, 2004.
- 27 Stucchi D. *O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria*. In: Barros MML. (org). *Velhice ou terceira idade?* Campinas: Alínea, 2004.
- 28 Stuart-Hamilton RA. *Psicologia do envelhecimento: uma introdução*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- 29 Baltés BB, Smith J. *Psicologia da Sabedoria: origem e desenvolvimento*. In: Néri AL. (org.). *Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida*. Campinas: Papirus, 1995.
- 30 Morin E. *O Método VI: ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- 31 Durgante CEA, Nascimento NMR, Silva MCS. *Religiosidade e Fé*. In: Dornelles B, Costa GJ (orgs.). *Investindo no envelhecimento saudável*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- 32 Geertz C. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- 33 Pascal B. *Pensamentos*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- 34 Morin E, Kern AB. *Terra Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

- 35 Herédia VBM, Cortelletti IA, Casara MB. (orgs.). *Idoso asilado: um estudo gerontológico*. Caxias do Sul: EDUCS/EDIPUCRS, 2004.
- 36 Torres SVS, Sé EVG, Queros NC. *Fragilidade, dependência e cuidado: desafios ao bem-estar dos idosos e de suas famílias*. In: Diogo MJE, Cachioni M, Néri AL (orgs). Saúde e qualidade de vida na velhice. Campinas: Papyrus, 2002.
- 37 Baltes MM, Silverberg S. *A dinâmica dependência-autonomia no curso da vida*. In: Néri AL. (org.). Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida. Campinas: Papyrus, 1995.
- 38 Morin E. *X da questão: o sujeito à flor da pele*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- 39 Ferreira MLM. *Memória e velhice: do lugar de lembrança*. In: Barros MML. (org). Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- 40 Izquierdo I. *A arte de esquecer*. Rio de Janeiro: Vieira & Lente, 2004.
- 41 Bobbio N. *O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- 42 Tedesco JC. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- 43 Novaes MH. *Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias*. Rio de Janeiro: NAU, 1997.
- 44 Morin E. *O homem e a morte*. Martins: Europa-América, 1988.
- 45 Vieira EB. *Instituições geriátricas: avanço ou retrocesso?* Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
- 46 Zimmerman GI. *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- 47 Néri AL. (org.). *Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida*. Campinas: Papyrus, 1995.
- 48 Jeckel-Neto E, Cruz I. *Aspectos biológicos e geriátricos do envelhecimento*. Porto Alegre, EDIPUCRS, v.2. 2000.
- 49 Hayflick L. *Como e por que envelhecemos*. Rio de Janeiro: Campus; 1997.
- 50 Laraia RB. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- 51 Ferreira AJ. *Concepção de envelhecimento de um idoso autor: um estudo de caso*. Porto Alegre: PUCRS, 2005. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Biomédica), Instituto de Geriatria e Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

M414c **Massaia, Éverton**

A concepção de envelhecimento de idosos institucionalizados/ Éverton Massaia; orient. Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza; co-orient. Lara Regina Moralles Espinosa. Porto Alegre: PUCRS, 2005.

173f.: il. tab.

Tese(Doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Instituto de Geriatria e Gerontologia. Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica.

1. ENVELHECIMENTO/PERCEPÇÃO. 2. ENVELHECIMENTO/PSICOLOGIA. 3. IDOSO. 4. INSTITUCIONALIZAÇÃO. 5. GERIATRIA. 6. GERONTOLOGIA. I. Azevedo e Souza, Valdemarina Bidone de. II. Espinosa, Lara Regina Moralles. III. Título.

Bibliotecária Responsável:
Sabrina Caimi Silva da Costa
CRB10/1606